

Ecotermas Rurais

Um novo conceito para o termalismo do futuro no Vale do Côa

Hélio Teixeira Pereira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(Mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto

Coorientador: Prof. Doutor Luís Manuel Ferreira Gomes

Setembro de 2020

Dedicatória

Dedico esta dissertação á minha família que apesar das dificuldades nunca desistiu de mim e sempre me apoiou nas minhas decisões, este amor incondicional é retribuído desta forma, obrigado por me ajudar a crescer na pessoa que sou hoje, a vós devo tudo.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador Professor Doutor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto e ao coorientador Professor Doutor Luís Manuel Ferreira Gomes pela compreensão, acompanhamento, paciência e confiança que me transmitiram ao longo deste percurso.

Aos meus pais, pelo espírito de sacrifício que demonstraram e que inculcaram em mim, pela confiança que depositaram em mim e finalmente pelo amor incondicional que me transmitiram.

Aos meus avós, pelo carinho e amor que demonstraram.

À minha família que sempre me apoio incondicionalmente.

À minha irmã, por me aturar.

A todos os amigos, antigos que trago antes de começar este percurso académico e às novas amizades que fiz aqui e que certamente levarei no coração.

À Cláudia pelo companheirismo, carinho e por acreditar em mim.

A todos os que de uma maneira ou de outra contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e académico, um sincero obrigado.

Resumo

Existe atualmente um grande número de termas clássicas em Portugal o que pode dificultar o investimento no mercado deste sector, no entanto, este nosso país é riquíssimo em fontes naturais que potenciam espaços aqualúdicos de elevado nível, e a maioria das águas dessas nascentes escoam naturalmente para as linhas de água próximas, acabando por se perder tal riqueza. A Quinta Côa Rupestre (lugar da Lamigueira), situada no Graben da Longroiva pertencente ao Vale do Côa, é exemplo dessa premissa e é neste local que o presente projeto se desenvolve. Assim, é neste contexto que se entende o dever de dar uma “pedrada” nos balneários clássicos e avançar com balneários pequenos que sejam o complemento, ou até, porque não, a alavanca de um turismo rural que se quer de muita qualidade e que se entende ser um dos eixos fundamentais para o desenvolvimento de Portugal.

A consequência destas necessidades nasce na forma destas Ecotermas rurais, pequena estância termal que apresenta uma piscina lúdica acompanhada por um programa diverso de equipamentos necessários à constituição de um medical spa com predomínio na vertente de bem-estar, privilegiando a diversidade da oferta. Apresenta-se na forma de dois grupos; sendo o primeiro o setor clássico de saúde e bem-estar, e o segundo, o setor de reabilitação física. Fortalece deste modo o local devido à abordagem escolhida relativamente à integração num meio rural e pela forma como dialoga com os materiais locais, completando assim o panorama natural com esta obra arquitetónica.

Palavras-chave

Ecotermas rurais; espaços aqualúdicos; saúde; bem-estar; turismo rural; panorama natural; reabilitação física

Abstract

Currently there is a large number of classic spas in Portugal and at first glance there might not seem to be a need for more offer in this sector, however, Portugal is very rich in natural resources that enhance high-level aqualudic spaces, and most of the waters from these springs flow naturally to the nearby water lines, ending up in the waste of such a wealthy resource. Quinta Côa Rupestre (place of Lamigueira), located in the Graben of Longroiva belonging to Vale do Côa, is an example of this premise and it is where this project is developed. Thus, it is in this context that arise the intention to innovate and change from the classic spas to smaller thermal complex for fewer people which can complement tourism of rural areas that are actually of high quality and a cornerstone for the development of Portugal.

From the consequences of these needs, is born this rural Ecomedical Spa, a small spa that is equipped with a ludic pool, accompanied by a diverse program of equipments necessary for the constitution of a medical spa with predominance in wellness, prioritizing the diversity of the offers. Therefore, the thermal spa is presented in the form of two groups; the first being the classic health and wellness sector, and the second being the physical rehabilitation sector. Resulting in the reinforcement of the site due to the approach taken over the integration of the project in a rural environment and the way it uses and communicates with the materials found locally, thus completing the natural landscape with this architectural work.

Keywords

Rural Ecomedical Spa; Aqualudic spaces; Wellness; Rural tourism; Natural landscape

Índice

Dedicatória	IV
Agradecimentos	VI
Resumo	VII
PARTE I - FUNDAMENTOS	1
Capítulo 1 - Introdução	3
1.1 Introdução temática	3
1.2 Objetivos	4
1.3 Metodologia	4
1.4 Estrutura	5
Capítulo 2 – Enquadramento Teórico	7
2.1 Turismo de saúde e bem-estar: conceitos e importância	7
2.2 Termalismo: aspetos globais	9
2.3 Termalismo e turismo de saúde e bem-estar em Portugal	11
2.3.1 Nota histórica	11
2.3.2 Termalismo atual em Portugal	15
2.4 Ecoturismo	22
2.4.1 Contexto histórico	22
2.4.2 Definição e Princípios	23
2.4.3 Efeitos Positivos e Negativos do Ecoturismo	25
Capítulo 3 – Casos de Estudo	27
3.1 Termas do Cró	27
3.1.1 Enquadramento Histórico e Geográfico	27
3.1.2 Novo balneário termal do Cró	30

3.2	Termas de Vals, Peter Zumthor	34
3.2.1	Peter Zumthor, o Arquiteto	34
3.3.2	Termas de Vals, a obra	38
PARTE II - PROPOSTA		43
Capítulo 4 – Enquadramento da Proposta		45
4.1	Enquadramento Geográfico e Climático	45
4.2	Enquadramento Cultural	48
4.2.1	Origens	48
4.2.2	Rotas Rupestres e Pontos de interesse	49
4.2.3	Gastronomia e Artesanato	52
4.3	Caracterização da área de intervenção	53
4.4	Objetivos da Intervenção	58
Capítulo 5 – Memória Descritiva		59
5.1	Introdução	59
5.2	Conceito	59
5.3	Questões formais	62
5.4	Programa	66
5.4.1	Introdução	66
5.4.2	Piso -1	66
5.4.3	Piso 0	68
5.4.4	Piso 1 e cobertura	70
5.5	Materialidade	73
Capítulo 6 - Conclusões		75
Referências Bibliográficas		77
Anexos		83

Lista de Figuras

Figura 2.1 - Turismo de Saúde e seus subsegmentos (Cunha, 2006)

Figura 2.2 - (A) Planta Termas Romanas de S. Pedro do Sul (SIPA, 2011) e (B) Piscinas de D. Afonso Henriques, S. Pedro do Sul (DGPC, 1989)

Figura 2.3 - (A) Interior das Termas de Vizela (CMV, 2019), (B) Exterior das Termas de Vizela (Thermespa, 2020)

Figura 2.4 - (A) Termas das Caldas da Rainha (Gazeta das Caldas, 1933) e (B) Termas das Caldas da Rainha atuais (Região de Leiria, 2020)

Figura 2.5 - (A) Postal do Vidago Palace Hotel 1937 (Júlio, 2010 *in* Blog “Meu Vidago”) e (B) Vidago Palace Hotel atualmente (Vidagopalace, 2020)

Figura 2.6 - (A) Termal spa (Vidagopalace, 2020) e (B) Escadaria principal no Hall de entrada (Vidagopalace, 2020)

Figura 2.7 - Planta geral da requalificação do conjunto hoteleiro e termal de Vidago por Siza Vieira (Mariz, 2015)

Figura 2.8 - Evolução da frequência termal no decénio 2009-2018 (DGEG, 2020)

Figura 2.9 - Evolução da frequência de estrangeiros (DGEG, 2020)

Figura 2.10 - Conceito de desenvolvimento sustentável do Ecoturismo (Wood, 2002)

Figura 2.11 - Parcerias necessárias para o sucesso do Ecoturismo (Drumm & Moore, 2002)

Figura 3.1 - Parque termal do Cró (a partir de Google Earth, 2020)

Figura 3.2 - (A) Panfleto publicitário do Cró 1935 (Wikipédia, 2011) e (B) Postal das Termas do Cró 1935 (face oculta de Portugal, 2020)

Figura 3.3 - (A) Piso 1 e (B) Alçado nascente das antigas instalações termais do Cró (Mangorrinha e Pinto 2009)

Figura 3.4 - Vista da Encosta sobre as termas e o hotel rural (Gomes, 2018)

Figura 3.5 - (A) Modelo 3D e (B) Modelo 3D a nascente (Abreu, 2008)

Figura 3.6 - Implantação com legendas e quadro de áreas do parque termal do Cró (CMS, 2008)

Figura 3.7 - (A) Piscina lúdica interior e (B) Cobertura da forma cónica (Abreu, 2008)

Figura 3.8 - Planta de piso 1 (Abreu, 2008)

Figura 3.9 - (A) Ateliê de Zumthor em Haldenstein (Atlas of places, 2019), (B) Peter Zumthor a desenhar (Zumthor atelier, 2013) e Peter Zumthor durante Arts Initiative of Mentors & Protégées (Mentors & Protégé, 2015)

Figura 3.10 - (A) Pavilhão Swiss Sound Expo 2000 por Peter Zumthor (Wikiarquitectura, 2020) e (B) Pavilhão Philips Expo 58 por Le corbusier e Iannis Xenakis (Archdaily, 2020)

Figura 3.11 - (A) Capela de Campo Bruder Klaus de Peter Zumthor (The Guardian, 2011) e (B) Interior da Capela de Campo (Flickr, 2017)

Figura 3.12 - (A) Kunsthaus Bregenz (Peter Zumthor, 1999) e (B) Termas de Vals (Peter Zumthor, 1999)

Figura 3.13 - (A) Fachada a Sul (Arquiscopio, 2012), (B) Fachada a Este (Flickr, 2005) e (C) Fachada a Norte (Tageswoche, 2005)

Figura 3.14 - (A) Vista panorâmica e (B) degraus de piscina exterior (Zumthor, 2007)

Figura 3.15 - (A) Pormenor na cobertura (Zumthor, 2007), (B) Escadaria interior (Zumthor, 1999) e (C) Piscina interior (Zumthor, 2007)

Figura 3.16 - Planta programática do piso de banhos (a partir de Zumthor, 2007)

Figura 3.17 - Planta programática do piso de serviços e tratamentos terapêuticos (a partir de Zumthor, 2007)

Figura 3.18 - Estudo de elementos estruturais

Figura 4.1 - Enquadramento do Parque Côa Rupestre no contexto nacional (a partir de Tavares, 2006)

Figura 4.2 - Parque Côa Rupestre junto ao ip2 (a partir de Google Earth, 2020)

Figura 4.3 - Gráfico de temperaturas em 2019 no distrito da Guarda (a partir de IPMA, 2020)

Figura 4.4 - Precipitação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro em 2019 (IPMA, 2020)

Figura 4.5 - (A) Castelo da Longroiva (Olhares, 2008) e (B) Castelo de Marialva (Portal de Portugal, 2018)

Figura 4.6 - Localização de pontos de interesse do PAVC (a partir de Côa Parque, 2019)

Figura 4.7 - (A) Castelo Rodrigo (aldeias históricas de Portugal, 2020) e (B) Ruínas romana no Museu da Casa Grande, Freixo de Numão (DGPC, 2014)

Figura 4.8 - Quinta da Ervamoira (Côa Parque, 2019)

Figura 4.9 - (A) Igreja Matriz em Vila Nova de Foz Côa (DRCN, 2020) e (B) Cavalos Garranos em Reserva da Faia Brava (ATNatureza, 2020)

Figura 4.10 - (A) Vista área do Alto Douro Vinhateiro (SIC, 2017) e (B) Paisagem do Alto Douro Vinhateiro (Douro Valley, 2020)

Figura 4.11 - (A) Esculturas tradicionais (Ribeiro, 2020 *in* IPV) e (B) Brasão trabalhado em granito na Mêda (Raia histórica, 2020)

Figura 4.12 - Áreas de atividades no Eco parque Côa Rupestre (a partir de Google Earth, 2020)

Figura 4.13 - (A) Pôr-do-sol na pousada rural e (B) local de intervenção

Figura 4.14 - (A) Pousada rural e (B) estacionamento semicoberto temporário

Figura 4.15 - Acesso principal para o local de implantação das Eco Termas

Figura 4.16 - Planta de levantamento da pousada rural do piso -1

Figura 4.17 - Vista panorâmica do local de implantação

Figura 5.1 - Estudo do local de intervenção

Figura 5.2 - Esquício formal da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

Figura 5.3 - Esquissos de estudo da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.4 - Diagrama e esquissos formais da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.5 - Diagrama e esquissos formais da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.6 - Esquissos formais da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

Figura 5.7 - Esquema programático do piso -1 da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.8 - Esquício e foto de estudo dos banhos rupestres da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Eco parque Coa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.9 - Esquema programático do piso 0 da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Eco parque Coa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.10 - Esquissos formais da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Eco parque Coa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.11 - Esquema programático do piso 1 da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Eco parque Coa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.12 - Planta de cobertura da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Eco parque Coa Rupestre no Graben de Longroiva

Figura 5.13 - Esquissos de estudo de luz artificial, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque CÔa Rupestre no Graben da Longroiva

Figura 5.14 - Esquema de estudo dos materiais, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque CÔa Rupestre no Graben da Longroiva

Figura 5.15 - Alçado poente da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque CÔa Rupestre no Graben da Longroiva

Lista de Tabelas

Tabela 1. Frequência termal em 2018 (DGEG, 2020)

Tabela 2. Quadro de áreas da estância termal

Lista de Acrónimos

CMS	Câmara Municipal do Sabugal
CMV	Câmara Municipal de Vizela
DGEG	Direção-Geral de Energia Geologia
DGPC	Direção-Geral do Património Cultural
DRCN	Direção Regional de Cultura do Norte
GRP	Gabinete de Relações Públicas
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
IUCN	International Union for Conservation of Nature
OMT	Organização Mundial de Conservação
ORL	Otorrinolaringologia
PAVC	Parque Arqueológico do Vale do Côa
PNUA	Programa das Nações Unidas para o Ambiente
SIPA	Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
TIES	The International Ecotourism Society
UBI	Universidade da Beira Interior
UMC	União Mundial de Conservação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Parte I - Fundamentos

Capítulo 1 - Introdução

1.1 Introdução temática

O interior de Portugal, muitas vezes esquecido e abandonado, possui imensos locais para visitar que são autênticos tesouros por descobrir. A presente dissertação pretende desenvolver uma estância termal numa área com grande potencial para o ecoturismo, tentando assim “casar” estes dois temas de uma maneira sustentável. Trata-se de dois temas com grande impacto em Portugal que despertaram o meu interesse.

O facto de ser natural da região e o interior ter o potencial que tem, sempre houve a necessidade de criar um projeto no lugar onde pertença, visando assim o seu desenvolvimento. Primeiramente, realizou-se uma visita ao local, onde se encontra um edifício para apoio de atividades de ecoturismo e efetuou-se um reconhecimento ao terreno para entender toda a sua dinâmica com a envolvente e mais precisamente analisar e idealizar a área de intervenção com a estância termal. Assim, foi possível observar melhor do ponto de vista turístico, as diferentes áreas de atividades que constituem o Ecoparque, bem como toda a grandeza de desenvolvimento com o espaço envolvente.

Entende-se que todo o conjunto é uma “pérola” para os amantes da natureza, da história e de atividades ao ar livre. Usufruindo assim das qualidades do local e das propriedades da água, pretende-se criar uma pequena estância termal que motive o termalismo e o turismo de saúde e bem-estar.

A ideia de intervir neste conjunto composto por tanta riqueza natural cria assim algumas preocupações no que diz respeito ao modo em como as termas vão ser inseridas no espaço sem que este perca a sua identidade. Nem sempre foi uma tarefa fácil entender e assimilar todos os conceitos e necessidades únicas relacionadas com o tema, mas com a ajuda do Prof. Doutor Luís Manuel Ferreira Gomes e Prof. Doutor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto, penso ter conseguido ultrapassar todas as dificuldades e preencher as necessidades fundamentais da proposta.

1.2 Objetivos

Face a esta temática, os principais objetivos são:

- Analisar e aprofundar as temáticas do termalismo e do ecoturismo;
- Ganhar um entendimento do impacto da estância termal na área rural pretendida;
- Dinamizar a área de intervenção através do termalismo e do ecoturismo;
- Elaborar um projeto no local sem que o mesmo perca a sua identidade, com as particularidades de:
 - Proceder ao levantamento do local e identificar as suas necessidades,
 - Elaborar um projeto sustentável usando maioritariamente materiais presentes na zona, e
 - Identificar quais as melhores opções que permitam um bom funcionamento do conjunto, tanto no interior como a sua ligação com os conjuntos já presentes no local.

1.3 Metodologia

Será aplicada uma metodologia que assenta nas seguintes fases:

- I. Levantamento e recolha de informação no local de intervenção;
 - a. Visitas ao local sempre que necessário para melhor entendimento de todas as suas características;
 - b. Levantamento dos edifícios e materiais presentes no local;
 - c. Recolha de informação sobre as características culturais e históricas que definem o local;
- II. Desenvolvimento teórico das temáticas presentes na dissertação;

- a. Analisar e formatar todas as informações e pesquisas recolhidas sobre as temáticas;
 - b. Aprofundar e apresentar uma contextualização as temáticas;
 - c. Analisar casos de estudo construídos (exemplos nacionais e internacionais) de maneira a ajudar na componente arquitetónica;
- III. Desenvolvimento teórico das temáticas presentes na dissertação;
- a. Levantamento da edificação existente e do local de intervenção através de visitas ao local, de fotografias e desenhos técnicos;
 - b. Compreender de que maneira a proposta arquitetónica irá afetar todos os componentes já presentes no local;
 - c. Desenvolvimento de um programa sustentável que dê resposta aos problemas identificados no local;
 - d. Elaboração de uma memória descritiva com esboços e diagramas que justifiquem o conceito aplicado, o desenvolvimento de desenhos técnicos modelos reais e virtuais que ajudem na compreensão do projeto;

1.4 Estrutura

O trabalho apresentado está organizado em duas partes:

- Parte 1 – Fundamentos, e
- Parte 2 – Proposta.

Na Parte 1 faz-se inicialmente uma introdução aos temas que serão abordados, apresentando seus principais objetivos e a estrutura em como se apresenta toda a informação recolhida.

Passa-se então a apresentar a principal temática do projeto, mais precisamente “O Termalismo”, de maneira a ganhar um entendimento maior sobre as suas origens, necessidades e consequências, tanto em Portugal como no estrangeiro. Analisa-se como o turismo e o termalismo se podem relacionar e entrelaçar. Desenvolve-se um pouco sobre o seu estado

atual em Portugal e sobre possíveis fatores para uma eventual expansão já que Portugal tem todas as ferramentas para tal.

Para finalizar a primeira parte deste trabalho, analisam-se dois casos de estâncias termais, uma delas em solo nacional, instalada na bacia hidrográfica do Rio Côa, e a restante na Suíça. Cada uma dessas estâncias será considerada um exemplo na ajuda ao desenvolvimento do presente projeto

A Parte 2 deste trabalho abrange todo o aspeto prático, começando com uma análise aprofundada do local de intervenção, fazendo-se uma recolha do seu enquadramento geográfico, cultural, das suas características, do seu estado atual e dos objetivos que se pretende atingir no final desta intervenção. Será feita uma memória descritiva onde será apresentada toda a informação sobre o projeto, desde conceito e inspiração, o seu programa, desenho técnico e questões formais. No final faz-se uma reflexão sobre o trabalho concluído.

Capítulo 2 – Enquadramento Teórico

2.1 Turismo de saúde e bem-estar: conceitos e importância

Na atualidade Neves (2002) define o turismo de saúde como “Qualquer deslocação para fins curativos e/ou preventivos, com duração superior a 24 horas, em direção a estâncias termais, estâncias balneares, de altitude, climáticas, centros de talassoterapia, com motivação centrada no bem-estar físico e/ou psíquico proporcionado por um conjunto de ações específicas com ou sem acompanhamento médico.”

Ainda segundo este autor (Neves,2002), as principais modalidades do turismo de saúde são:

- **O termalismo:** utilização das propriedades terapêuticas das águas minerais. Portugal é rico em quantidade, em qualidade e variedade de águas minerais;
- **A talassoterapia:** aproveitamento dos recursos marinhos com fins profiláticos e terapêuticos. Portugal com os seus 800km de costa e dois arquipélagos, com areias finas e águas, em regra, pouco poluídas, bem como devido ao elevado grau de insolação anual, tem imensas potencialidades nesta área. Contudo, só dispõe até a presente data de seis Spas com Talassoterapia. A maior parte dos turistas que nos visitam limitam-se ao turismo de sol e mar, também chamado turismo dos quatro “S” (Sun, Sea, Sand and Sex);
- **O climatismo:** utilização das propriedades curativas de alguns microclimas, no litoral ou na montanha, devido à qualidade do ar ambiente;
- **A recuperação da forma:** através da dietética, bons hábitos de vida, prática de exercícios físicos, massagens, hidroterapia e outras terapias complementares. O *fitness* visa reabilitar, recuperar e melhorar a forma física, bem como contribuir para o relaxamento físico e mental.

A prática do turismo de saúde é uma tradição milenar que chega a remontar ao Renascimento; os principais praticantes dessa atividade eram geralmente eruditos e elitistas, com principal destino aos locais termais que já na época eram reconhecidos por ajudar na recuperação de estados de doenças e na prevenção das mesmas; mesmo sendo essas as principais razões muitos desfrutavam desses locais apenas para descanso ou socialização. O termalismo surgiu como principal vertente incentivadora para o turismo de saúde e ao longo da história tanto o

termalismo como o turismo de saúde desenvolveram uma relação de entrelaçada que impulsionou os dois temas no seu desenvolvimento. Com o tempo, devido ao aparecimento de outras formas de turismo de saúde (Fig.2.1), o termalismo viria a sofrer consideravelmente, deixando muitos estabelecimentos ao abandono, proporcionando mais tarde uma herança considerável de património que nos últimos anos nos incentivou a sua reutilização para fins termiais (Fernandes, 2006).

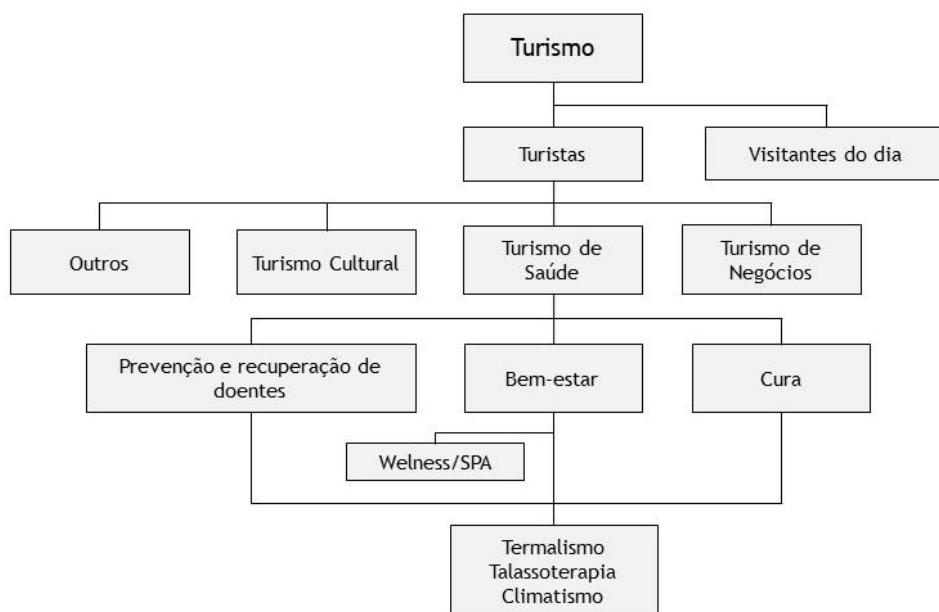


Figura 2.1 Turismo de Saúde e seus subsegmentos (Cunha, 2006)

O Turismo de saúde tem sofrido grandes dinâmicas desde o início do séc. XXI devido a alguns fatores tais como (Medeiros e Cavaco, 2008), a afirmação de novos valores, as diferenças no modo de vida e suas sensibilidades sociais e até as diferenças que surgiram no seio estrutural familiar. É dado cada vez mais importância ao corpo pois nunca existiu um tempo em que estivéssemos tão expostos à observação e ao comentário por parte dos outros, a verdade é que vivemos num momento em que a nossa aparência tem uma grande importância tanto na vida profissional com na vida social, daí também a maior procura de turismo de saúde e bem-estar que ajude a recuperar e preservar o mesmo, para além dos efeitos positivos na saúde mental e espiritual que no fundo vai ajudar a manter uma postura “jovem”. Devido a essa procura por bem-estar, cuidado pessoal e qualidade de vida têm-se vindo a evidenciar um aumento na quantidade de estâncias de saúde tanto na Europa como noutros continentes.

De fato um dos principais motivos inerentes ao turismo de saúde e bem-estar é mesmo essa preocupação com a qualidade de vida e todos os aspetos que engloba tal como a saúde física, mental e espiritual, mas também com aspetos que não se relacionam tão evidentemente com o mesmo tal como a educação e o poder de compra e ainda o equilíbrio emocional e profissional. A verdade é que a sociedade atual ganhou esta forma devido à maneira como o indivíduo evoluiu ao longo dos tempos e começou a ganhar compreensão de si mesmo e da finalidade da sua existência, daí a necessidade e procura por satisfação tanto a nível profissional como ao nível de relações sociais. Nos últimos anos o turismo de saúde e bem-estar tem sido um dos setores que tem ganho mais interesse por parte da população devido a essa mentalidade de preocupação pelo corpo e pela mente, sendo esses os dois aspetos que o turismo de saúde e bem-estar mais beneficiam.

O outro motivo inerente ao turismo de saúde e bem-estar é a procura pelo prazer saudável; hoje em dia surgem maioritariamente prazeres prejudiciais à saúde, tal como consumo de carnes vermelhas, tabagismo, sedentarismo e *fast food*, entre muitos outros; as estâncias de saúde surgem como sítios onde encontramos o oposto, prazeres saudáveis esses que resultam no fortalecimento imunitário e no combate ao stresse, pressão e ansiedade.

De acordo com Robert Ornstein e David Sobel (1991, *in* Fernandes, 2006) “os prazeres saudáveis não têm efeitos colaterais e apresentam duplo resultado: em relação ao sentimento e em relação à saúde... a pessoa beneficia ao permitir-se coisas que a fazem sentir-se bem. Portanto, fazer sauna, apreciar bons aromas, pensar de maneira otimista, ou ajudar os outros certamente que não pode fazer mal. Parecem feitos para apreciar paisagens naturais e isso reflete-se no nosso bem-estar emocional e físico. Preferimos certos tipos de ambiente naturais...Independentemente do substrato cultural, temos tendência para preferir cenários de áreas cobertas de relva, árvores, lagos, flores e uma perspetiva de abertura e profundidade.” Assim sendo, torna-se mais simples entender a razão pelo qual o turismo de saúde e bem-estar é considerado um prazer saudável.

2.2 Termalismo: aspetos globais

O uso terapêutico de águas termais remonta à antiguidade por diferentes povos espalhados pelo mundo, foram descobertas umas estâncias de banhos na Índia em que a construção foi estimada ser anterior a 2000 a.C., sendo essas as estâncias mais antigas documentadas até a data. Apesar desse fato as termas sempre foram mais associadas ao período romano, pois foram eles, com alguma influência grega, os principais difusores dos banhos públicos – “*balnea publica* ou *thermae*” (Fernandes, 2006).

“Hipócrates, sábio grego considerado o pai da medicina moderna, que viveu 400 anos a.C., já pensava que a boa saúde dependia do equilíbrio do corpo, que podia ser da dieta alimentar, das massagens e da estabilidade da mente” (Fernandes,2006).

Já na época as termas dispunham de um sofisticado sistema de aquecimento, para além da higiene e do exercício físico, serviam como complexos de lazer, de desporto e de convívio social. Como principais características, as termas romanas estendiam-se por vastas áreas construídas e trava-se sempre de complexos constituídos por vários edifícios distintos devido as suas funções, tais como: “*apodyterium* (vestuários), *caldarium* (banhos quentes), *frigidarium* (banhos frios), *tepidarium* (banhos tépidos), *laconicum* (banhos de vapor), *elaeothisium* (sala de fricções), *ephebeum* (sala de ginástica), *exedrae* (sala de conversações). O ar era aquecido no “*prae-furnium*” (fornalhas) e conduzido por uma estrutura subterrânea “*hipocaustum*” até as zonas a aquecer. Possuíam ainda, bibliotecas, salas de teatro e de concertos” (Fernandes,2006).

Muitos romanos visitavam as termas diariamente, principalmente ao final da tarde, o programa de uma visita normal começava habitualmente com exercícios físicos para fazer os visitantes suar, depois dirigiam-se aos banhos quentes onde o corpo era oleado e esfregado com azeite, após esse processo passavam nos banhos tépidos para arrefecer lentamente e finalmente mergulhavam nas águas frias para terminar o processo.

Esses hábitos quotidianos alastraram-se pela europa devido a ocupação territorial do império romano, mas após a sua queda e a crescente preponderância da Igreja Católica surgiu uma fase de decadência do culto da água por motivos imorais interpretados como uma forma de hedonismo reprovável. No entanto, o culto pela água mantinha-se forte na península ibérica ocupada pelos árabes. O termalismo voltou a ser destaque na Europa, durante o renascimento italiano, por volta do séc. XV, houve um fluxo de turistas eruditos provenientes de vários países europeus com destino às estações termais mais notáveis em Itália, França e Espanha. Esse entusiasmo provocou a valorização das estâncias termais através do cuidado das paisagens, do ordenamento e acentuação no charme das povoações circundantes às termas.

Durante o séc. XVIII e XIX, devido à grande procura no século anterior, essa euforia espalhou-se pela europa causando um grande investimento em vilas termais, nomeadamente no desenvolvimento de parques, jardins, casinos, hotéis, etc. Essas vilas continuariam a ter como foco o termalismo medicinal, mas com os acrescentes referidos acima que proporcionavam outros tipos de atividades e se tornavam então lugares de socialização para os que procuravam não só a vertente do termalismo, mas que também procuravam diversificar os seus prazeres. Durante o séc. XX a elevada dependência da participação levado a cabo pela Segurança Social, principalmente em Portugal, provocou um declínio da imagem e da procura pelas estâncias termais (Fernandes, 2006).

2.3 Termalismo e turismo de saúde e bem-estar em Portugal

2.3.1 Nota histórica

Segundo Ramos (2005) a evolução do turismo de saúde e bem-estar em Portugal está intimamente associada à dimensão internacional. No caso português existiram razões históricas que levaram a modificação do conceito e das práticas, ao longo dos séculos, reconhecendo que estamos perante um fenómeno dinâmico, que foi evoluindo conforme as alterações no contexto socioeconómico e cultural da sociedade portuguesa e europeia.

Em Portugal sempre existiu uma forte ligação entre o turismo de saúde e bem-estar e estâncias termais, desde as suas origens, assumindo-se estas últimas, como as máximas representantes deste segmento. Portugal é caracterizado pela sua riqueza de águas com inúmeras propriedades e ricas em minerais, tendo sido exploradas ao longo dos tempos nas vertentes da saúde e do lazer.

Segundo Acciaiuoli (1944) foram identificadas seis fases na história do termalismo onde é atualmente território português, das quais quatro são anteriores à formação da nação portuguesa; a primeira terá sido na época pré-romana, seguida pela fase lusitano-romana, a pós-romana/luso germânica e a quarta no período de ocupação árabe; após ser estabelecida a nação portuguesa a quinta fase aconteceu entre o período de 1140 e 1891; a última fase surgiu em 1892 até à data. Embora as nascentes termais já serem reconhecidas e utilizadas pelos Celtas e pelos Iberos, os Romanos foram de fato os grandes impulsionadores do culto das águas termais, e hoje, alguns balneários de referência nacional, foram desenvolvidos nos mesmos locais, tais como Chaves, São Pedro do Sul, Caldelas, Monchique, Gerês, Vizela, entre outros.

Na verdade, segundo Medeiros e Cavaco (2008) a hidroterapia ganhou um grande incentivo em Portugal com a chegada do povo árabe, pois traziam com eles a prática da ablução e do banho que faziam parte dos seus ritos religiosos e das suas vidas quotidianas. Posteriormente surgiram vários espaços de tratamento e curas com águas termais, tal como as Termas de São Pedro do Sul; segundo reza a história D. Afonso Henriques terá feito um tratamento a uma fratura na perna após a Batalha de Badajoz nesse estabelecimento e terá sido ele a impulsionar a deslocação de monarcas a estâncias termais como S. Pedro do Sul, Caldas da Rainha, Caldas de Aregos e Taipas, entre outras (Fig.2.2 a 2.4). Posteriormente, devido a lepra foram criados muitos hospitais que também foram localizados junto às nascentes termais evidenciando mais uma vez as suas características de cura.

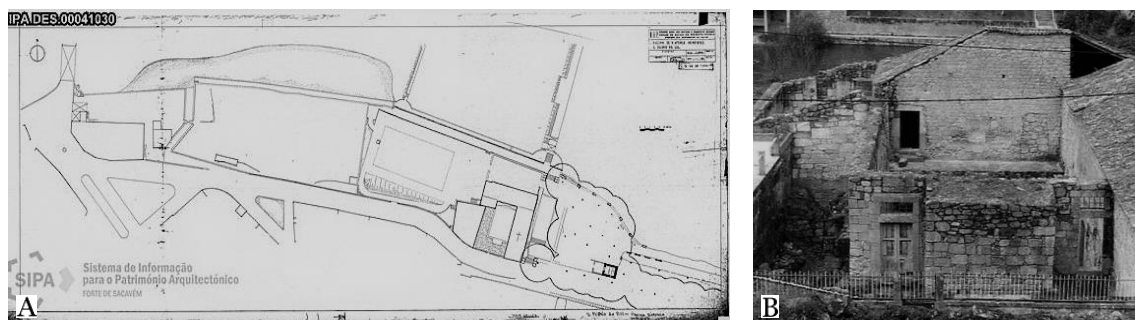


Figura 2.2 (A) Planta das Termas Romanas de S. Pedro do Sul (SIPA, 2011), (B) Piscinas de D. Afonso Henriques em S. Pedro do Sul (DGPC, 1989)

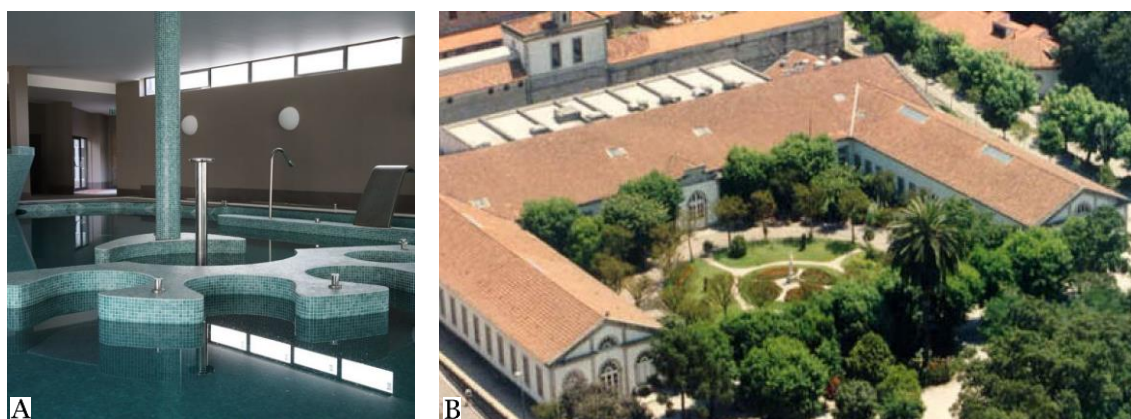


Figura 2.3 (A) Interior das Termas de Vizela (CMV, 2019), (B) Exterior das Termas de Vizela (Thermespa, 2020)



Figura 2.4 (A) Termas das Caldas da Rainha (Gazeta das Caldas, 1933), (B) Termas das Caldas da Rainha atuais (Região de Leiria, 2020)

Durante a Idade Média as termas voltaram a entrar em decadência devido às invasões bárbaras e após a descredibilização por parte da igreja a mesma apropriou-se de inúmeras termas de norte a sul de Portugal. É apenas no reinado de D. João V no séc. XVIII, grande impulsionador do sector termal, que as termas em Portugal voltaram a ganhar algum fôlego, as termas passam a ter vida semelhante à das antigas termas romanas, principalmente pelo fato de serem frequentadas apenas por elites da alta sociedade, por essa razão os estabelecimentos termais foram melhorados e foram construídos parques, castelos, palácios e alamedas em seus redores (Medeiros e Cavaco, 2008).

Ainda segundo Medeiros e Cavaco (2008), os séculos XVIII e XIX são marcados por avanços significativos nos estudos das propriedades das águas termais e a partir de 1894 surge um decreto de lei que obriga todos os proprietários de fontes termais a obter uma autorização para a sua exploração e a ser controlados por engenheiros de minas, surgindo assim um grande número de estudos das águas permitindo classificá-las por tipologias. Na passagem entre o séc. XIX e o séc. XX dá-se o início da época de ouro das termas portuguesas devido à transformação das estâncias termais e espaços turísticos muito procurados pela alta sociedade da altura; surge neste contexto o exemplo do Vidago Palace Hotel (Fig.2.5 a 2.7) onde a importância do aspeto lazer ganhou mais força e se associou à vertente terapêutica já existente. Apesar de tudo, as lacunas começaram a surgir quando comparadas com as estâncias europeias, os principais problemas das estâncias portuguesas passavam pela falta de conforto em comparação com a oferta europeia, a falta de promoção, a inexistência de uma medicina “social” e menor organização. Nos inícios do séc. XX o sector termal português começa a entrar em decadência devido a procura de praias por parte dos utentes termais, mas principalmente na década de quarenta, por causa das guerras que em muito afetaram todo o mercado de turismo de saúde tanto em Portugal como na Europa.

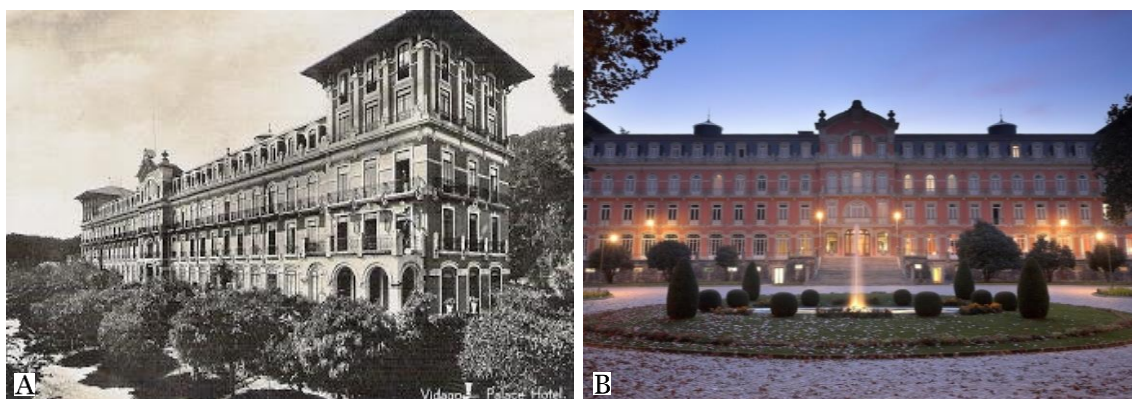


Figura 2.5 (A) Postal do Vidago Palace Hotel 1937 (Júlio, 2010 in Blog “Meu Vidago”) e (B) Vidago Palace Hotel atualmente (vidagopalace, 2020)

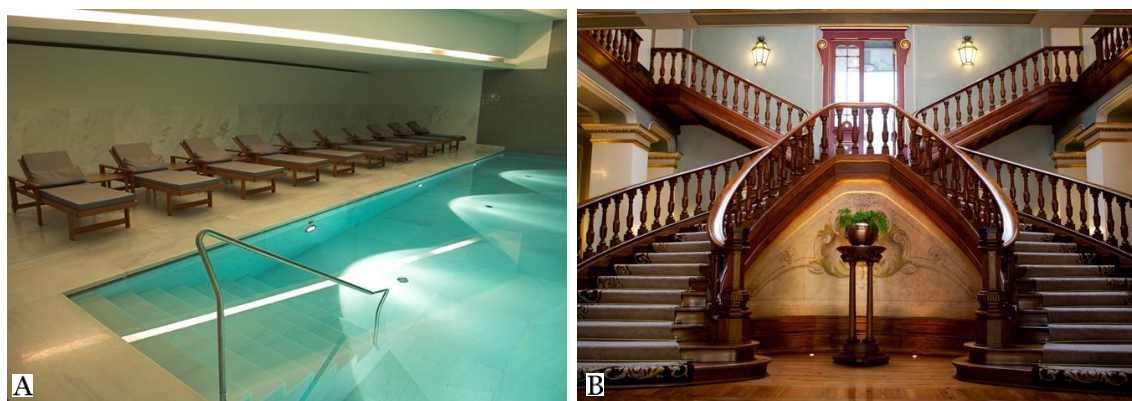


Figura 2.6 (A) Termal spa (vidagopalace, 2020) e (B) Escadaria principal no Hall de entrada (vidagopalace, 2020)

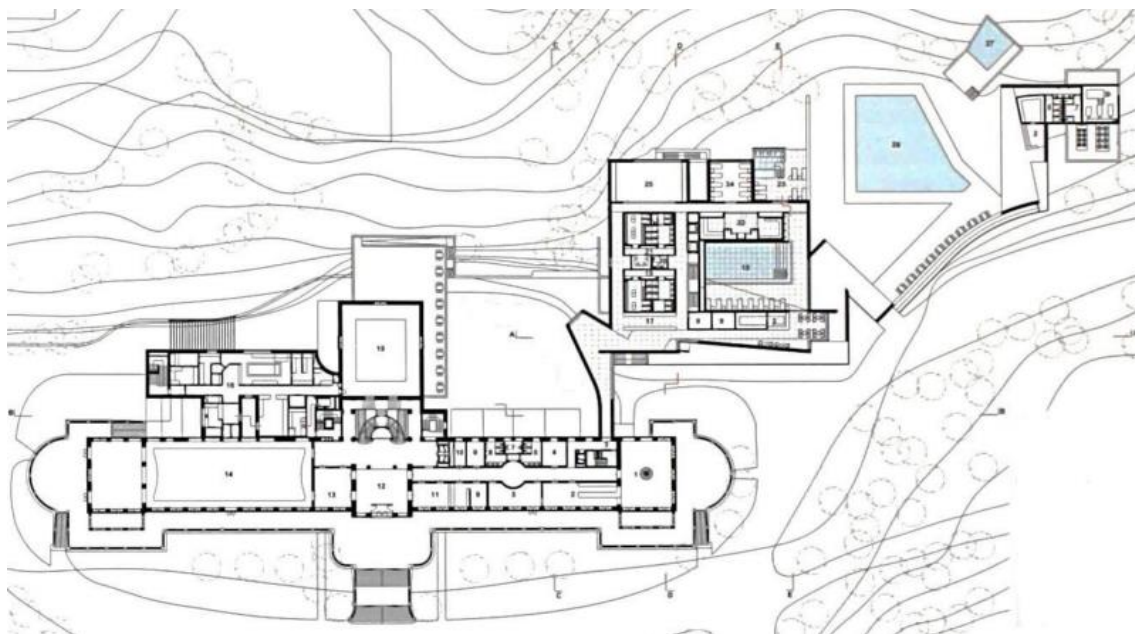


Figura 2.7 Planta geral da requalificação do conjunto hoteleiro e termal de Vidago por Siza Vieira (Mariz, 2015)

No entanto a procura por espaços termais pelo povo não foi completamente dissipada, tanto que na década de 70 voltou a surgir a atividade termal, principalmente de carácter terapêutico e para as classes populares. Todavia o apoio e o investimento no sector termal foram diminuídos comparado com o resto da europa, devido a um bom número de razões; para começar a hidroterapia não era reconhecida entre os médicos portugueses, só passado alguns anos foi introduzida como disciplina nas faculdades, daí o preconceito para com essa prática. A população termal era bastante envelhecida, por isso não despertava o interesse por parte dos jovens. Juntamente com a degradação das estâncias termais e distribuição geográfica, situadas principalmente no norte e no interior bem afastados dos principais pontos de destinos nacionais da época, todos esses fatores não beneficiavam o interesse e desenvolvimento do termalismo (Medeiros e Cavaco, 2008).

Após altos e baixos entre as décadas de 70 e 90, Silva (2010) afirma que a partir de 90 e principalmente no novo milénio, o conceito de turismo de saúde e bem-estar começa a ser entendido como um todo, abandonando o preconceito anterior das estâncias termais se cingirem apenas às curas. Começa a haver uma renovação do equilíbrio entre as duas vocações seculares das termas, o lazer/lúdica e a terapêutica.

Segundo Alpoim (2010) assiste-se a novas requalificações, construção de novas infraestruturas numa aposta clara na prevenção, recuperação e promoção do bem-estar físico e mental de uma sociedade moderna. Os programas oferecidos passam a ser mais diversificados para públicos variados, não sendo necessário estar doente para frequentar as novas estâncias termais. Este produto volta novamente a reinventar-se procurando um equilíbrio entre o turismo e a saúde.

Só nesta altura, o termalismo português evidencia sinais de revitalização e de ser capaz de responder às novas necessidades da procura, que se preocupa em recuperar as energias físicas e mentais e fugir ao stresse provocado pela rotina diária.

Em 2004, no Decreto de Lei n.º 142/2004 de 11 de junho, surge um novo quadro legislativo dinamizador dos balneários termais, de acordo com as tendências do termalismo europeu, com a inclusão das potencialidades ligadas ao bem-estar e ao lazer, assumindo um papel fundamental na indústria do turismo.

Assim sendo nota-se o claro objetivo de atribuir mais poder ao sector de turismo de saúde e bem-estar, incentiva à necessidade de se reinventar, pois não se restringe apenas a estâncias termais, surgem novos espaços com spa/wellness que procuram os mesmos objetivos e outra variedade de espaços diferente apoiados por unidades hoteleiras.

Segundo o Turismo de Portugal (2006) a visão atual do turismo de saúde e bem-estar engloba as seguintes tendências:

- Conceito associado a Centros de Relaxamento e Bem-Estar;
- Segmento de procura mais jovem, instruído e com rendimentos médios superiores;
- Infraestrutura hoteleira de categoria superior integrando salas de reuniões;
- Destinos de férias e/ou incentivos de média ou curta duração;
- Programas e tratamentos destinados a um estilo de vida saudável: massagens, sauna, yoga, banhos de imersão, lamas terapêuticas, tratamentos de corpo e mente.

O Turismo é atualmente um dos principais setores de proveito para a economia portuguesa. Sendo assim entende-se que a vertente do turismo de saúde e bem-estar passou a ser um produto importante e estratégico para o desenvolvimento do turismo português e do país, sendo portanto um produto com grande potencialidade para explorar; a sua evolução recente só tem demonstrado o interesse por parte da população.

2.3.2 Termalismo atual em Portugal

Em Portugal, como já foi referido anteriormente, o turismo de saúde e bem-estar relaciona-se intimamente e maioritariamente com o termalismo, provavelmente pela existência de muitas

unidades termais, e também devido a falta de oferta de unidades talassoterapêuticas, de spas não termais e pela escassa oferta deste tipo de serviços destinados à população com mais dificuldades financeiras.

O turismo de saúde termal tem mantido grande importância em Portugal devido à riqueza dos recursos de águas minerais naturais do Maciço Antigo e da Orla Ocidental, principalmente na região a norte do Tejo e no nordeste alentejano; estes recursos que têm sido explorados ao longo dos anos em balneários que foram sujeitos a melhoramentos e alterações segundo os padrões de procura de cada época. O desenvolvimento termal sofreu altos e baixos ao longo dos anos, mas no início do novo milénio esta atividade voltou a ganhar força através do interesse da população geral e de concessionários da exploração das referidas águas, sendo elas privadas ou autárquicas. Tem-se vindo a notar uma sensibilização por parte destes agentes, que afeta diretamente o termalismo e seu desenvolvimento local, beneficiando assim a economia e a criação de empregos, estes que requerem cada vez mais qualificações. A procura pela experiência termal é completada por fluxos turísticos não termais, tais como: equipamentos locais de hotelaria, restauração, desporto, entretenimento e animação. Estes complementos termais acabam por ser tão ou mais importantes do que a experiência termal por si só. Assim sendo, a requalificação das infraestruturas termais no último decénio, tem promovido o termalismo em Portugal. Esta revitalização tem vindo a surgir devido às tendências que já se faziam sentir noutros países já alguns anos, tal como na França, Itália, Alemanha e EUA.

Portugal tem tido sucesso em acompanhar este *trending* que tem vindo a viver um aumento no seu desenvolvimento, devido a procura por parte de novas classes médias urbanas que procuram alternativas aos grandes centros turísticos de massas. Procuram nas estâncias termais espaços para férias mais intimistas e repousantes, que para além desse argumento acabam por oferecer outras mais-valias através dos seus serviços únicos que podemos caracterizar por estarem na fronteira dos serviços de medicina, estética, desporto e lazer (Ferreira, 1995).

Para melhor entender o segmento do termalismo tem que se distinguir em dois subsegmentos, pois representa dois tipos de ofertas distintas, um através do termalismo clássico e outro através do termalismo de bem-estar. Por um lado, o termalismo clássico visa utentes que procuram tratamentos terapêuticos associados a patologias específicas e por outro lado, o termalismo de bem-estar está destinado a utentes que procuram uma experiência lúdica e turística. Segundo Alpoim (2010) o “*termalismo significa, hoje, um produto turístico composto*”, pois deve englobar muito mais do que apenas a experiência terapêutica, pois hoje em dia o termalismo bem-sucedido engloba outras atividades que estão ligadas ao bem-estar e ao repouso, bem como atividades culturais e lúdicas.

Segundo os dados da DGE (Tabela 1), estão atualmente no ativo 44 concessões termais; pode-se notar que nos últimos anos houve um aumento tanto no número de espaços como no número

de inscrições, ou seja a procura pelo termalismo não só existe como tem tido tendência a aumentar (Fig.2.8). No topo do *ranking* pode-se observar as Caldas de Monchique que registam o maior número de inscrições a nível nacional, seguido pelas bem conhecidas Termas de S. Pedro do Sul; salienta-se que as Termas de São Pedro do Sul, apesar de estarem no segundo lugar do ranking de termalistas, apresentam uma receita 13,1 vezes superior à das Termas de Monchique, tendo portanto uma receita superior a quatro milhões de euros; esta situação deve-se ao facto das Termas de São Pedro do Sul terem mais termalistas do segmento de termalismo clássico, que produzem genericamente mais receitas devido aos utentes estarem cerca de 15 dias nas termas, enquanto os do termalismo de bem-estar, por vezes estão apenas algumas horas, fazendo unicamente um tratamento. De seguida, já num patamar inferior podem-se observar as Caldas de Monção que registam um número de menos de metade de inscrições das duas concessões acima mencionadas. Contudo, estes dados também permitem observar um aumento na distribuição das inscrições por termas de menor porte, sendo elas privadas ou da responsabilidade de instituições. Esta diversificação é o resultado das ações de instituições que souberam reconhecer o valor do termalismo para o desenvolvimento e fortalecimento do local e da região de inserção (Rocha, 2011).

Segundo as informações adquiridas consegue-se, antes de mais, estabelecer um enquadramento do panorama atual em Portugal que pode ser dividido em cinco segmentos, como se apresenta de seguida.

O primeiro segmento relaciona-se com as fortes características que beneficiam a área do termalismo e do turismo de saúde e bem-estar em Portugal, tais como: as propriedades geográficas únicas do nosso país e os seus recursos de águas minerais naturais abundantes; o interesse por parte de setores privados e públicos que já viram os seus investimentos financeiros provocar um aumento na atividade dos últimos anos; a criação e requalificação da oferta termal mas também a consideração para com o turismo de saúde e bem-estar; o interesse por parte da população internacional que está cada vez mais interessado não só na oferta de benefícios de saúde como também nos aspetos lúdicos e de bem-estar do corpos sendo eles, físicos ou psicológicos; e por fim, o facto de já se terem começado a captar esses interesses o que permitiu o crescimento exponencial do mercado (Medeiros e Cavaco, 2008).

O segundo segmento foca-se no tipo de utente atual do termalismo terapêutico, medicinal e social. Constata-se que apesar da evolução do termalismo nos últimos anos ainda se trata maioritariamente de uma população de idade avançada e muitas vezes feminina que se enquadra num estrato socioeconómico de nível médio e médio/baixo. Para um crescimento desejável, o mercado terá que se focar nos utentes idosos com baixo níveis económicos mas também para clientes mais jovens e abastados, conseguir justapor estes dois estratos com êxito passa por requalificar infraestruturas e aumentar os investimentos financeiros que por sua vez vão melhorar os serviços e equipamentos (Medeiros e Cavaco, 2008).

Tabela 1. Frequência termal em 2018 (DGEG, 2020)

Nº	Termas	Inscrições Termalismo Clássico	Inscrições Termalismo Bem Estar	Total Inscrições	Valor Total (€)
1	Caldas de Monchique	372	20365	20737	313433
2	Termas de S. Pedro do Sul	11797	4505	16302	4108890,73
3	Caldas de Monção	160	7768	7928	178790,84
4	Caldas de Chaves	2896	3364	6260	936266,52
5	Luso	430	4515	4945	360160,29
6	Caldas do Gerês	2046	2696	4742	562104
7	Pedras Salgadas	37	4630	4667	152795
8	Felgueira	2333	1810	4143	926403
9	Caldas do Cró	783	2330	3113	358428,05
10	Unhais da Serra	802	2237	3039	293928,05
11	Caldas de Aregos	383	2629	3012	123451,71
12	Fonte Santa de Monfortinho	863	1823	2686	295195,71
13	Caldas de S. Jorge	2307	225	2532	524057,12
14	Termas de S. Tiago	152	2287	2439	86284,75
15	Termas de S. Vicente	690	1546	2236	506734,9
16	Caldas de Manteigas	351	1878	2229	110747,32
17	Caldas da Saúde	1125	1001	2126	379218,6
18	Caldelas	1434	681	2115	487243,24
19	Termas do Carvalhal	1114	894	2008	205972,07
20	Longroiva	491	1403	1894	248652,66
21	Melgaço	2	1852	1854	0
22	Termas da Sulfúrea	1271	236	1507	263319,1
23	Termas de Bicanho	38	1305	1343	257173,7
24	Banho de Alcafache	981	321	1302	317581,56
25	Fonte Santa de Almeida	272	1024	1296	56325,39
26	Curia	858	366	1224	293281,07
27	Caldas das Taipas	299	819	1118	139359,96
28	Termas de S. Miguel	7	1095	1102	19127,5
29	Caldas de Vizela	967	0	967	19340
30	Termas de Vidago	66	701	767	29387
31	Caldas de Sangemil	532	97	629	127792,43
32	Fadagosa de Nisa	253	285	538	43311
33	Caldas da Cavaca	211	308	519	68726,25
34	Entre-os-rios (Quinta da Torre)	316	167	483	66881,82
35	Ladeira de Envedos	213	252	465	69979
36	Termas da Terronha	168	263	431	---
37	Águas Santas do Vimeiro	171	113	284	40418,2
38	Caldas de S. Lourenço	100	182	282	18594,5
39	Balneário pedagógico de Vidago	24	218	242	12264,6
40	Caldas do Carlão	111	47	158	24121
41	Termas das Águas	152	0	152	18773,5
42	Termas da Moimenta	114	0	114	26695,98
43	Termas do Vale da Mó	82	0	82	5461,55
44	Caldas Santas de Carcavelhos	0	8	8	200

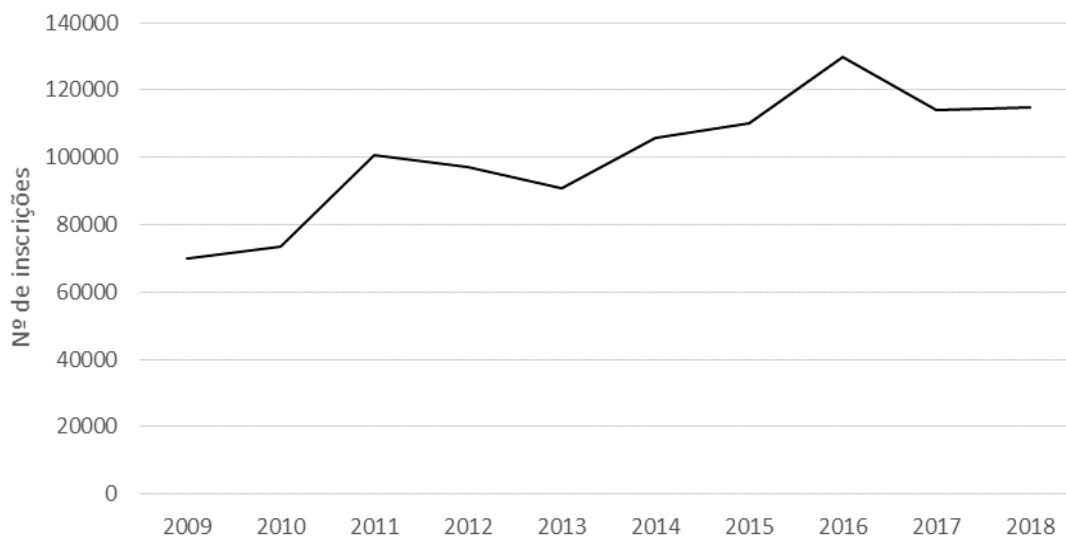


Figura 2.8 Evolução da frequência termal no decénio 2009-2018 (DGEG, 2020)

No terceiro segmento analisa-se a procura termal por parte de utentes estrangeiros; neste contexto tem sido notório o aumento de inscrições de estrangeiros nas últimas duas décadas, podendo observar por exemplo o número de 367 inscrições de estrangeiros no ano 2000, segundo a DGEG, aumentando para 12968 no ano 2018, merecendo assim um posicionamento competitivo na oferta europeia (Fig.2.9).

Este aumento surgiu de forma natural devido a todo o trabalho e investimento que tem sido feito no setor por parte de investidores privados e autárquicos, apesar desses esforços em 2011 o SNS tomou a decisão de deixar de compartilhar tratamentos termais o que resultou numa quebra no setor de 10% no ano a seguir, contudo a procura continuou a aumentar ao longo dos anos e pode sofrer o seu maior pico ainda nesta atualidade, após ter sido anulada a medida do SNS no início de 2019, é esperada um aumento exponencial no setor sendo ele nacional ou internacional.

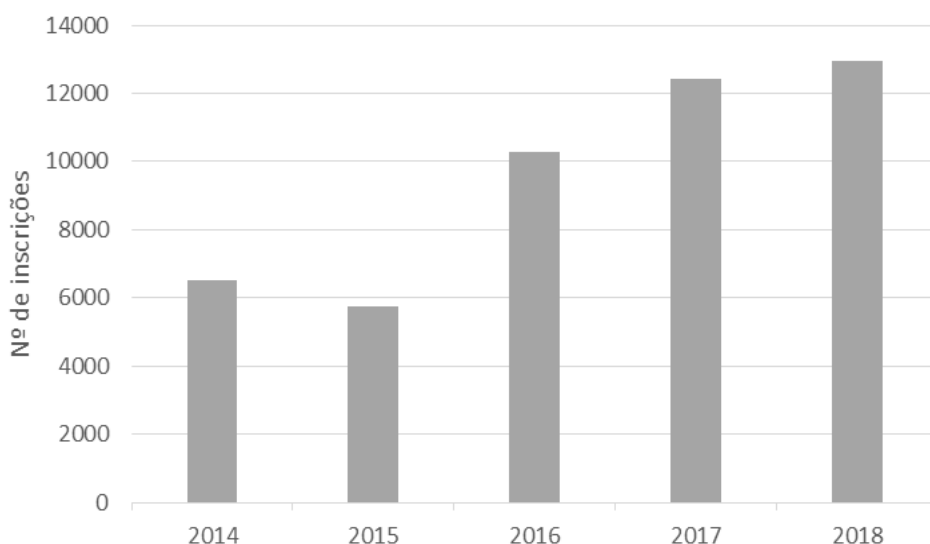


Figura 2.9 Evolução da frequência de estrangeiros (DGEG,2020)

No quarto segmento fala-se do setor do turismo de saúde e bem-estar e a sua constante evolução que acaba por estar sujeita a modificações consoante as “modas” e o tipo de imagem que os consumidores têm dos destinos turísticos apresentados. Assim sendo podemos identificar os principais motivos influenciadores desta procura crescente, através por exemplo do aumento generalizado da esperança de vida em países desenvolvidos, da crescente preocupação com a forma física e psicológica, da oferta de produtos de maior qualidade sendo eles no tratamento ou no alojamento, e da adaptação de infraestruturas tradicionalmente vocacionadas a tratamentos curativos com componentes de carácter lúdico e de lazer (Medeiros e Cavaco, 2008).

Finalmente no quinto segmento aborda-se a necessidade de alterar a imagem associada à procura externa ao turismo de saúde e bem-estar; o setor deverá sofrer alterações no que diz respeito a infraestruturas, equipamentos, alojamento, qualificação de pessoal, inovação de produtos e na promoção de *marketing*. Portanto, o setor vai ser afetado com alterações que vão de encontro com as tendências atuais, das quais se pode destacar as seguintes: equipamentos e instalações modernos e funcionais; a adesão de clientes mais jovens; uma abertura contínua ao longo do ano; a oferta de atividades lúdicas e de lazer; a aposta no *marketing* e na promoção de imagem; e por fim na conquista da classe alta e média-alta. De facto, um dos principais fatores assenta no desenvolvimento de unidades hoteleiras e de alojamentos de apoio com maior qualidade que possa cativar utentes de mais longe a permanecer no local (Medeiros e Cavaco, 2008).

Após a análise anterior, ainda segundo Medeiros e Cavaco (2008) pode-se estabelecer um conjunto de estratégias que se aplicam no setor do termalismo clássico e no turismo de saúde e bem-estar, regulamentadas consoante os objetivos de cada unidade, as seguintes estratégias não só vão reforçar a qualificação do setor atual, como também vão beneficiar a implantação de uma oferta de turismo de saúde e bem-estar de excelência:

- i) Oferta Integrada: O Produto Compósito;
- ii) Qualificação e Sofisticação; diversificação e promoção da oferta;
- iii) Marca “Turismo de Saúde e Bem-Estar”.

A primeira estratégia acima referida agrupa três noções importantes, sendo elas: a exploração de outras ofertas turísticas para apoiar o turismo de saúde e bem-estar e tornar este conjunto mais atraente para turistas cada vez mais rigorosos; a criação de uma estrutura compósita que surge na forma de parcerias comerciais entre estabelecimentos de turismo de saúde e bem-estar e operadores turísticos, acordos entre entidades públicas para rendibilizar recursos de maneira a potencializar a qualidade da oferta local e regional, incentivar requalificações termais por parte de grupos empresariais com alguma experiência no ramo do sector turístico e finalmente desenvolver cadeias de termas, spas termais e de talassoterapia; por fim a última noção do produto compósito implica um desenvolvimento de produtos derivados dos recursos de águas minerais-naturais através da sua exploração, no desenvolvimento de novos produtos e na sua comercialização (Medeiros e Cavaco, 2008).

A segunda estratégia referida apoia-se num conjunto de cinco noções, sendo elas: a oferta de um pacote diversificado, no que diz respeito não só a inovação de tratamentos mas também nas componentes lúdicas e hedonistas; os valores dos consumidores atuais, cada vez mais exigentes na procura do bem-estar físico, psicológico e espiritual, neste contexto é essencial a

credibilização científica relativamente aos tratamentos terapêuticos não serem considerados um substituto mas sim um complemento com dupla vertente curativa e preventiva; devido a globalização do mercado, é imperativo o desenvolvimento de uma carta de boas práticas na matéria da Qualidade, Ambiente e Segurança, ou seja, um documento através do qual as organizações informam sobre os produtos e serviços que prestam; a sofisticação das instalações através da arquitetura, do *design*, dos interior e do conforto mas também da qualificação do pessoal técnico, da restauração, das técnicas de atendimento, do lazer e das técnicas comerciais do serviço turístico; finalmente Portugal deve apostar na promoção a nível nacional e internacional, tentar mudar a imagem do setor ainda marcada pelas características do cliente do termalismo clássico, numa primeira instância deve-se reforçar os pontos fortes do país, tal como a praia, o sol, a gastronomia e a cultura mas também numa segunda instância focar-se no produto de termalismo clássico e dos seus clientes, que são os principais visitantes na época baixa (Medeiros e Cavaco, 2008).

Na terceira estratégia, entende-se a necessidade de criar uma “Marca”, isto é, dar uma identidade ao património, sendo assim, é intrínseca a relação entre o consumidor e a marca, pois conforme vai crescendo a dimensão da marca também vai aumentando a confiança que os consumidores depositam nela o que vai aumentar a disposição dos mesmos em pagar por esses produtos e serviços. Nesta instância é essencial proporcionar experiências complementares positivas através de todas as outras unidades pertencentes à plataforma do Turismo de saúde e bem-estar (Medeiros e Cavaco, 2008).

Assim sendo, pretende-se que a marca seja desenvolvida com a função de aval na qual seria permitido a diversas outras marcas operar em conjunto, desta forma é necessário que a marca traduza uma imagem de qualidade, daí a criação de uma “Carta da Qualidade” com o objetivo de transmitir credibilidade e nível de excelência por parte da sua oferta. Posto isto, espera-se que a Comissão de Gestão da Carta da Qualidade consiga gerir a marca tendo em conta os seguintes aspetos:

- A atribuição da “Marca” segundo critérios ou requisitos aos quais as organizações terão de obedecer e a aplicação de um método de auditorias para se certificar disso;
- A definição de períodos de revalidação de forma a acompanhar o cumprimento dos respetivos objetivos;
- A estipulação de condições que poderão causar suspensões, advertências ou mesmo a retirada da capacidade de ostentar a “Marca”.

2.4 Ecoturismo

2.4.1 Contexto histórico

O ecoturismo surge inicialmente através do turismo sustentável, atividade que foi ganhando atração nas últimas décadas do século XX. Em 1987, segundo o relatório de Brundtland o turismo sustentável é concebido como: “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (Dinis, 2005). Ou seja, segundo aquele autor deve-se utilizar sustentavelmente os recursos, reduzir o consumo excessivo e o desperdício, manter a diversidade, integrar o turismo no planeamento, apoiar as economias locais, envolver as economias locais, consultar os intervenientes e o público, formar o pessoal, divulgar a responsabilidade turística e realizar investigação.

Em 1995 é elaborado o “Guia para um turismo Ambientalmente Sustentável”, por PNUA, destinado a empresas turísticas com o objetivo de implementar questões sobre o desenvolvimento sustentável no centro das funções de gestão e são consideradas dez áreas prioritárias de ação (Dinis, 2005):

- Redução, reutilização e reciclagem de resíduos
- Eficiência energética, conservação e gestão
- Gestão adequada dos recursos de água potável
- Gestão adequada de águas residuais
- Gestão adequada de substâncias perigosas transporte mais sustentável
- Gestão e planificação adequada do turismo
- Envolvimento do quadro de pessoal, clientes e comunidades locais em temas ambientais
- *Design* para a sustentabilidade
- Parcerias para o desenvolvimento sustentável.

Mais tarde em 1997, foi feito um programa de trabalho sobre o turismo sustentável após a Assembleia Geral das Nações Unidas pedir a Comissão de Desenvolvimento Sustentável. O programa foi apresentado em 1999 e contribuiu para que os governos e empresas turísticas

implementassem medidas para o desenvolvimento do turismo sustentável. Em 2001 foi lançado o “Código Mundial de Ética para o Turismo” pela OMT, que foi considerado o “código deontológico” para os profissionais na área do turismo. Foi então em 2002 que surgiu o Ecoturismo, após ser aprovada a Declaração do Quebeque sobre o Ecoturismo na Cimeira Mundial do Ecoturismo realizado no Quebeque (Dinis, 2005).

2.4.2 Definição e Princípios

Segundo International Ecotourism Society (1991), o ecoturismo é definido como uma forma de turismo sustentável e tem sido utilizado e estudado como ferramenta para o seu desenvolvimento, podemos então considerar que este conceito é baseado em certos princípios. A Sociedade Internacional de Ecoturismo (TIES) produziu em 1991 uma das suas primeiras definições: “O ecoturismo é uma viagem responsável para áreas naturais que preservam o meio ambiente e sustentam o bem-estar da população local.

Mais tarde, em 1996, a União Mundial de Conservação (UMC, 1996), atualmente conhecida por União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), declara que o ecoturismo: “É uma viagem e uma visita ambientalmente responsável para áreas naturais relativamente imperturbadas, a fim de apreciar a natureza (e quaisquer características culturais que venham acompanhadas seja passadas ou presentes) promover a preservação, reduzir o impacto negativo de visitantes e promover o envolvimento socioeconómico das populações locais”. O ecoturismo é um subcomponente do turismo sustentável, a Fig.2.10 reflete onde se situa no processo de desenvolvimento das formas de turismo sustentável, podendo-se concluir que o ecoturismo afirma-se como uma versão do turismo de natureza mais sustentável com elementos de turismo rural e de turismo cultural.

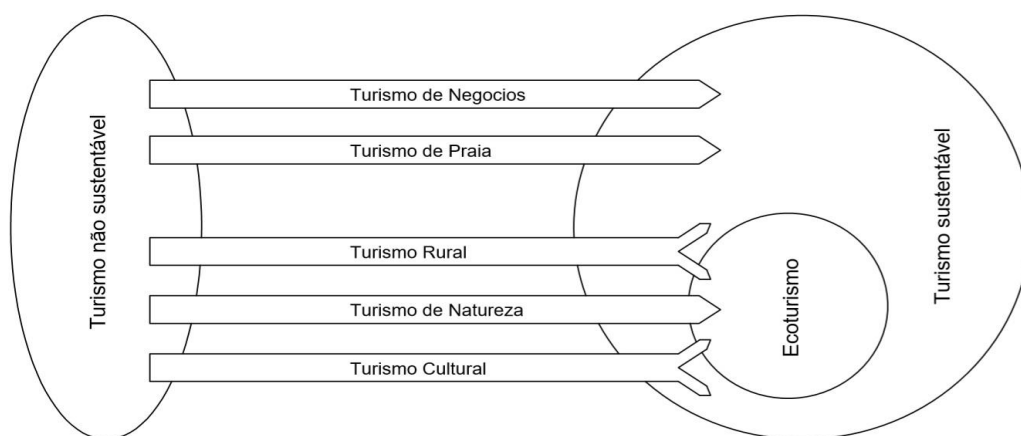


Figura 2.10 Conceito de desenvolvimento sustentável do Ecoturismo (Wood, 2002)

Segundo TIES (1991, *in* Antunes, 2012), os princípios sob os quais se rege o ecoturismo devem ser: a minimização dos impactos negativos sobre os recursos naturais; educação ao turista sobre a conservação, desenvolvendo consciência, importância e respeito para com a natureza; evidenciar às empresas a sua importante contribuição na conservação ambiental; proporcionar receitas diretas para a conservação e gestão das áreas naturais; apoio aos estudos do ambiente; trabalhar no sentido de maximizar a economia do país de acolhimento, empresas e populações locais; garantir o desenvolvimento turístico sem que este exceda os limites do ambiente e por fim proporcionar experiências positivas aos visitantes e moradores.

Segundo Drum e Moore (2002) o segredo para o sucesso do ecoturismo assenta na formação de parcerias sólidas entre os agentes com interesse nessa área, de maneira à que os múltiplos objetivos de conservação e desenvolvimento equitativos possam ser alcançados. Os principais agentes podem ser identificados como: pessoal das áreas protegidas, indivíduos e organizações da comunidade, membros do setor privado da indústria do turismo e um grande número de autoridades governamentais e organizações não-governamentais (Figura.2.11).

Assim sendo, o desenvolvimento do ecoturismo pode ser impulsionado com a implementação de certas estratégias para garantirem o seu sucesso, tais como o desenvolvimento de sistemas institucionais e instrumentos legislativos que favoreçam a conservação e garantam a participação da comunidade nos benefícios gerados pelo ecoturismo, o desenvolvimento de atividades de marketing que visem a promover a viabilidade económica de projetos ecoturísticos, facilitar a participação das comunidades locais na gestão e planeamento nos processos ecoturísticos, a oferta de incentivos financeiros e suporte às organizações de conservação e investidores locais que gerem áreas naturais, a criação de programas de educação ambiental para turistas e comunidades locais, a criação de mecanismos que facilitem a cooperação entre diferentes setores e a criação de serviços de difusão de conhecimento (Oliveira et al., 2010).

O ecoturismo acaba por se tornar numa ferramenta educacional para sensibilizar e consciencializar as pessoas, de modo a que se sintam responsáveis pela preservação do ambiente. Neste âmbito surgem várias ideias que podem ajudar, como por exemplo: a implementação de programas de sensibilização em programas escolares e moradores locais, a formação de profissionais, tais como guias e intérpretes, a criação de centros de informações em áreas naturais ou protegidas que oferecem informações úteis aos visitantes, a elaboração de passeios guiados, a criação de instalações para observação de animais no seu ambiente natural (Oliveira et al., 2010).

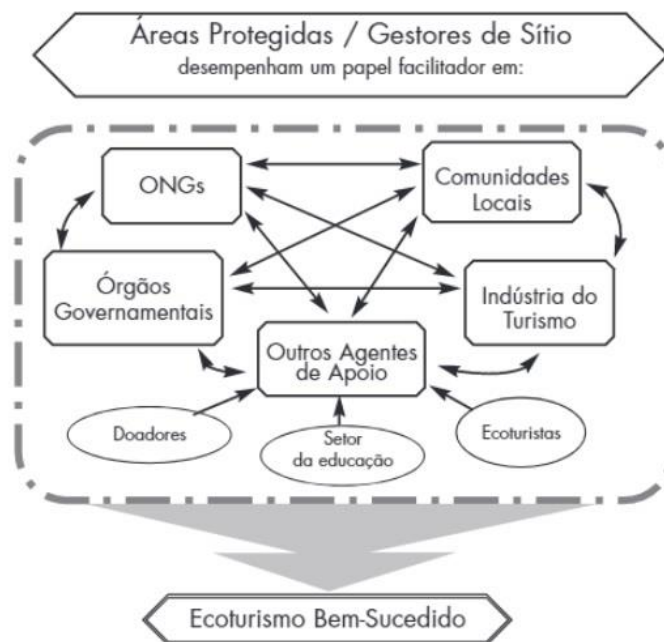


Figura 2.11 Parcerias necessárias para o sucesso do Ecoturismo (Drumm & Moore, 2002)

2.4.3 Efeitos Positivos e Negativos do Ecoturismo

A atividade do ecoturismo gera benefícios sócio económicos e ambientais a níveis regionais e nacionais, em contrapartida os riscos e impactos negativos podem causar danos ao meio ambiente e à comunidade local. A verdade é que a fragilidade dos ecossistemas naturais é bem real e torna-se muito fácil de destabilizar através, por exemplo, do aumento do número de visitantes e do aumento no suporte ao tráfego de veículos pesados, estes aumentos requerem infraestruturas que por sua vez têm de seguir normas pré-estabelecidas, e quando essas necessidades não são atendidas acabam por causar danos ao meio ambiente (Castro e Souto, 2010).

Contudo, não se pode deixar que esses riscos ofusquem todos os benefícios económicos, sociais e ambientais, tais como: a diversificação da economia regional; a criação de empregos locais; a repovoação de áreas mais desertificadas; as melhorias nos equipamentos das áreas protegidas; o melhoramento de infraestruturas de transporte, comunicações e saneamento; a diminuição do impacto no plano estético-paisagístico e ganhos financeiros para unidades de conservação. Desta forma tem que existir uma dinâmica de compatibilidade e respeito na valorização cultural local, no dimensionamento do número de visitantes e na adoção de parâmetros para a criação de infraestruturas. Estas são condições básicas e imprescindíveis para o desenvolvimento sereno do ecoturismo (Castro e Souto, 2010).

Caso exista uma má gestão e uma falha no que diz respeito aos parâmetros acima mencionados poderá causar impactos negativos nos seguintes aspetos: na economia, derivado a sobrevalorização de terras, ao aumento do custo de vida e a pressões para a exploração forçada de zonas turísticas; no aspeto sociocultural, resultando em conflitos entre visitantes e comunidades locais; no meio físico, causando a descaracterização da paisagem e da poluição da água, do solo, do ar e sonora; na vida selvagem, resultando também em alterações na reprodução, no comportamento e nos hábitos alimentares da ecologia do local (Castro e Souto, 2010).

Para finalizar pode-se concluir que o ecoturismo bem-sucedido pode trazer muitas vantagens desde que seja potencializado, tendo sempre em mente o respeito pelos parâmetros definidos para um bom planeamento e gestão e o ajuste desses processos consoante as localidades.

Capítulo 3 – Casos de Estudo

3.1 Termas do Cró

3.1.1 Enquadramento Histórico e Geográfico

O Parque Termal do Cró está situado no distrito da Guarda, bem no interior do país, mais precisamente no concelho do Sabugal, pertencendo às freguesias da Rapoula do Côa e de Seixo do Côa; o parque é ainda atravessado pela ribeira do Boi (Fig.3.1), afluente do Rio Côa em áreas a montante da sua bacia. A sua proximidade ao país vizinho possibilita uma grande afluência de visitantes de Espanha aproveitando o rápido acesso da autoestrada (A25).



A- Antigo Balneário Termal
 B- Novo Balneário Termal
 C- Hotel Rural

■ Limite do Parque Termal do Cró
 ■ Estrada Nacional 324
 ■ Ribeira do Boi
 ■ Ribeiro do Bezerrinho

Figura 3.1 Parque termal do Cró (a partir de Google Earth, 2020)

A referência mais antiga relativamente ao Cró data de 1726 que pertence ao Dr. Francisco Henriques que já naquela época descrevia os vários efeitos curativos da água, *“banhos desta água têm achado remédio os humores, paralisias, talhamentos de juntas, debilidade de nervos é de crer que se houvesse banhos cobertos, que seriam umas boas caldas para achaques frios de nervos e juntas”* (Alexandre, 2003).

Antes de qualquer complexo termal, surgiram por volta de 1885 as primeiras edificações que apesar da falta de conforto já dariam algum apoio aos banhistas daquela época, dando assim começo ao início do culto de Nossa Senhora dos Milagres o que incentivou à aparição de mais edificações na área; uma delas surgiu de frente para a ribeira, não se conseguindo determinar ao certo a data e apesar da sua estrutura antiga e “empenada” viria a ser conhecida como a Pensão Senhora dos Milagres. Mais tarde por volta de 1909 surgiu uma proposta para um balneário termal que poderia culminar com a exploração do parque através de hotéis, parques e casinos; tudo isso poderia ser possível dada a proximidade da linha férrea da Cerdeira e de Vilar Formoso, mas a proposta acabou por ser abandonada devido ao elevado investimento financeiro que era necessário e também por se tratar de uma época conturbada devido à queda da monarquia e o mal-estar da 1ª República (Mangorrinha e Pinto, 2009).

Foi em 1935 que o projeto do primeiro edifício termal teria tido luz verde para avançar; afirmase ser o primeiro balneário português a incluir-se no movimento modernista *Art Déco* que era muito presente na Europa daquela época; tal situação era reconhecida através das suas fachadas verticais e das suas janelas basculantes. O cliente, à partida, pretendia um balneário modesto que pudesse acomodar as necessidades básicas dos banhistas e ainda com algumas áreas para tratamentos terapêuticos mais básicos. Tratava-se de um edifício em “L” (Fig.3.2 e 3.3) simétrico, com dois eixos; no entanto, por uma abordagem mais prudente, o processo foi separado em duas fases, sendo criado inicialmente um dos corpos, de modo a que se a quantidade de banhistas o justificasse, seria mais tarde concebido o outro corpo idêntico, o que não foi o caso, ficando assim só um conjunto retangular com fachada paralela a ribeira do Boi (Mangorrinha e Pinto, 2009).



Figura 3.2 (A) Panfleto publicitário do Cró 1935 (Wikipédia, 2011 a) e (B) Postal das Termas do Cró 1935 (face oculta de Portugal, 2020)

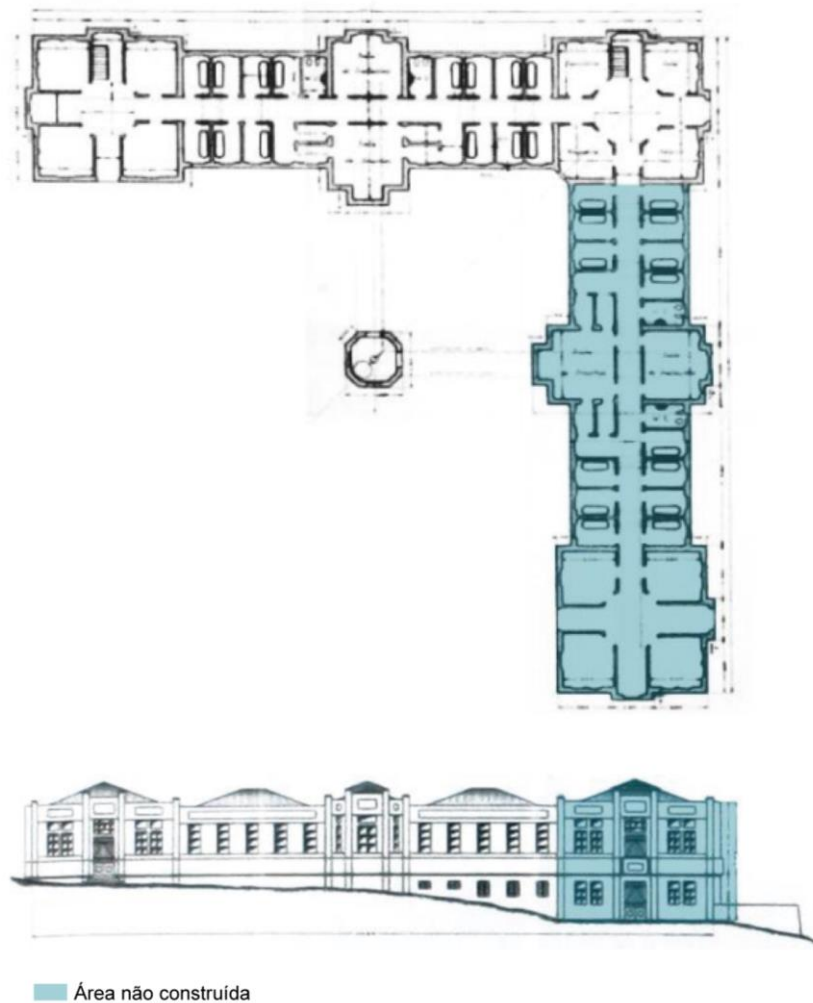


Figura 3.3 Piso 1 e Alçado nascente das antigas instalações termais do Cró (Mangorrinha e Pinto, 2009)

A partir de 1955 foram feitas algumas obras para a sua conservação, foi adquirido um gerador e foi construído um consultório médico com raio X para dar apoio ao balneário; as termas tiveram uma grande afluência até por volta de 1971, também graças a um dos seus maiores impulsionadores, Alberto Dinis da Fonseca que foi um dos fundadores do instituto S.Miguel que naquela época era uma das entidades responsáveis pelo balneário; após a morte do mesmo as termas sofreram uma fase de grande declínio; também devido a falta de capacidade financeira para manter as termas em funcionamento, nunca mais viriam a abrir as suas portas (Alexandre, 2003).

Em 2001 a CMS implementa um balneário pré-fabricado provisório que continha vários tratamentos, com objetivo de receber termalistas a título experimental, no sentido de ser realizado um estudo médico-hidrológico, após ter havido nova captação de água mineral, para serem comprovadas as indicações terapêuticas da água mineral, à luz da legislação atual. Devido aos bons resultados do referido estudo, levou ao projeto de um novo balneário, que acabou por ser inaugurado em 2013.

3.1.2 Novo balneário termal do Cró

Em 2007 foi finalizado o projeto de recuperação global das termas (Fig.3.6) e em 2008 foi aberto o concurso público para a concessão do novo balneário, cujo projeto vencedor pertence ao arquiteto Manuel Abreu, segundo o próprio a CMS terá disponibilizado cerca de 8000 m² para a área de implantação e teria que ter em consideração todas as suas acessibilidades, o parqueamentos para veículos e ainda teria que ter em conta a ligação com o futuro Hotel do Cró (Fig.3.4) (que viria a ser realizado em 2015) que estava planeado para ser conectado através da fachada sul do balneário (Abreu, 2008).



Figura 3.4 Vista da encosta sobre as termas e o hotel rural (Gomes, 2018)

Relativamente as termas do Cró, o projeto apresenta-se através de dois elementos formais distintos na forma e na função (Fig.3.5). O primeiro elemento, icónico pela sua forma, representa uma área circular onde se pode encontrar um espaço com piscina cercada parcialmente por um espaço de descanso e lazer com acesso a uma zona exterior também de repouso. Esta estrutura desenvolve-se em altura numa forma cônica com quatro vãos circulares verticais no seu ponto mais alto criando assim quatro entradas de luz natural que junto a materialidade da madeira no interior resulta num ambiente aconchegador e sereno (Fig. 3.7).

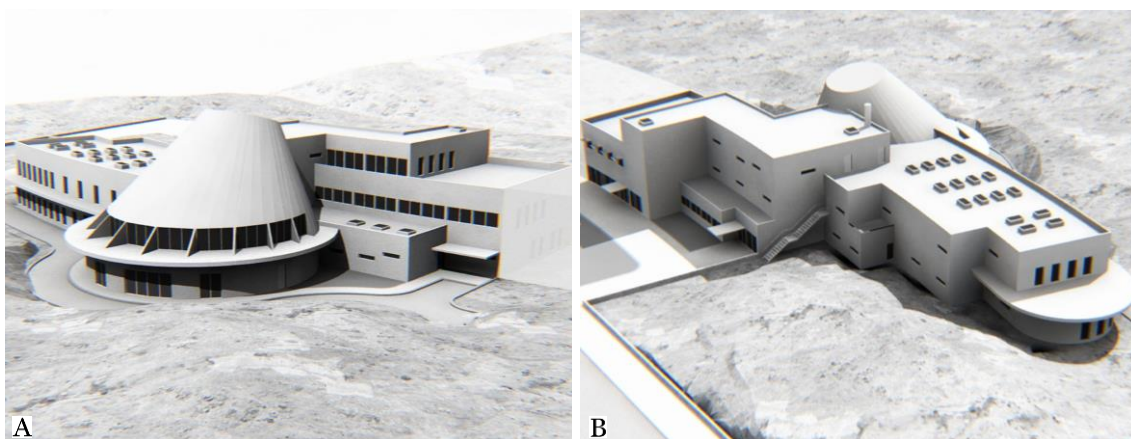


Figura 3.5 (A) Modelo 3D a poente e (B) Modelo 3D a nascente das Termas do Cró (Abreu, 2008)

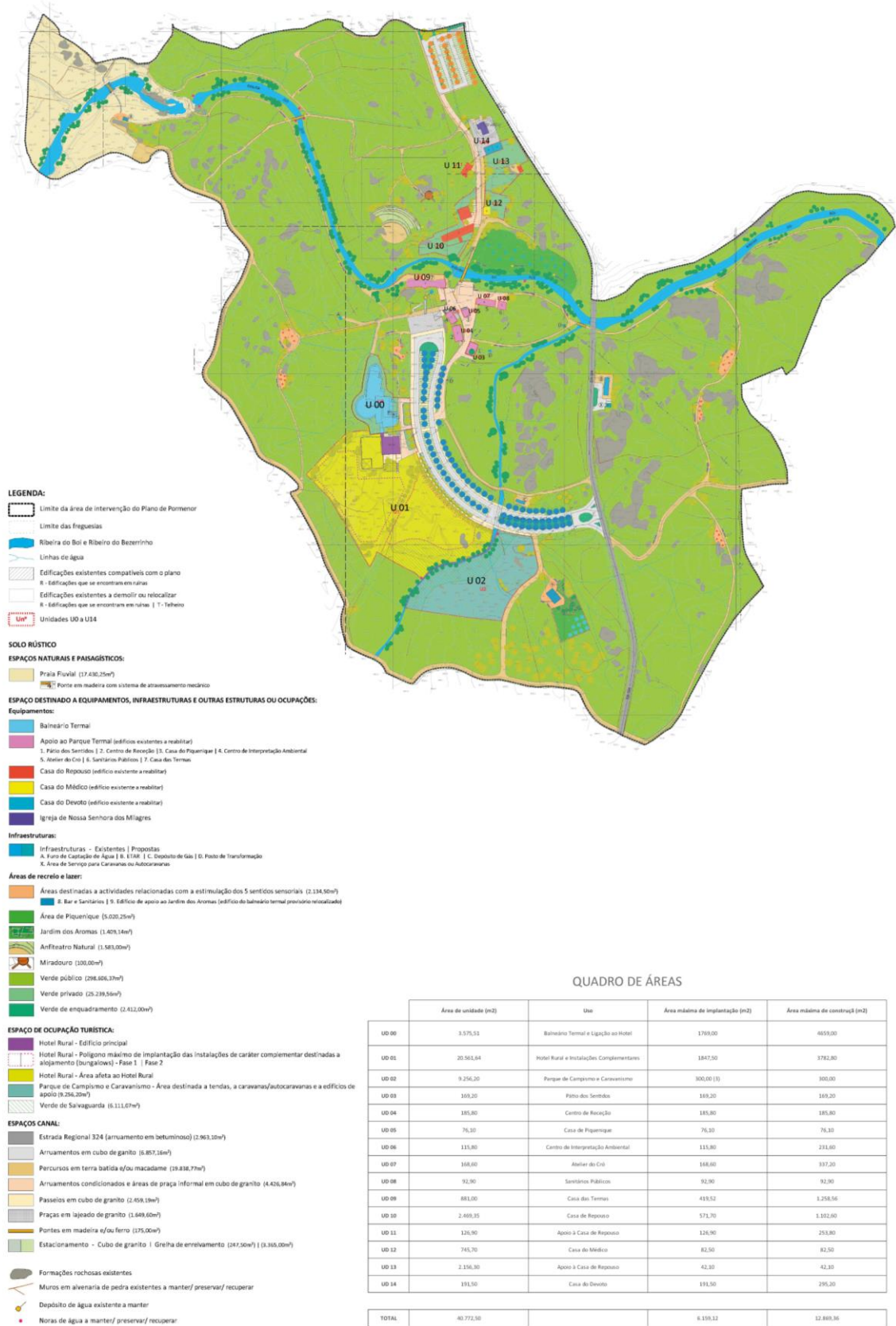


Figura 3.6 Implantação da proposta para o Parque termal do Cró (CMS, 2008)



Figura 3.7 (A) Piscina lúdica interior e (B) sua cobertura da forma cónica, do Balneário das Termas do Cró (Abreu, 2008)

Em contraste, o segundo elemento formal apresenta-se junto a área circular como um estrutura geométrica com um corredor central de distribuição que une longitudinalmente fachadas opostas de Norte e Sul em todos os pisos, podendo transmitir a ideia de que este elemento funciona como a espinha dorsal do edifício ramificando e distribuindo as diferentes funções ao longo desses corredores, sendo complementado com o já referido elemento orgânico dissonante que acaba por se interligar a envolvente paisagística. Deste modo, as condicionantes topográficas, as especificações funcionais e as condições de edificabilidade resultam num edifício compacto adaptado ao local com uma planta bem desenvolvida segundo os requisitos técnicos para um projeto desta envergadura onde a dimensão das fachadas permite uma boa iluminação e ventilação natural (Abreu, 2008).

No que toca ao elemento programático, o edifício é organizado em quatro pisos. Inicialmente no piso da cave estão distribuídas áreas técnicas e respetivos equipamentos de apoio. Por cima está situado o piso térreo onde foram colocados os elementos do programa considerados como prioritários a um acesso com o exterior, tal como a área de atendimentos e espera de administração, a área de consultas e as zonas destinadas à fisioterapia. Nas áreas restantes do piso surgem espaços destinados a utentes para tratamentos, ginásios, hidroterapia, fisioterapia, consultórios, entre outros mas também surgem outros espaços de carácter restrito como zonas de apoio e áreas técnicas. Em seguida surge o piso 1 (Fig.3.8), destinado exclusivamente aos termalistas onde podem usufruir de tratamentos de ORL e outros. Por último, está o piso 2, área dedicada ao bem-estar e descanso dos utentes (Martins, 2012).



Figura 3.8 Planta de piso 1 das Termas do Cró (Abreu, 2008)

Todos os elementos do balneário foram enquadrados em três vertentes de ação com respetivos programas para utentes:

- *Cró Termas*, que serve exclusivamente para termalismo terapêutico e tratamento para problemas músculo-esqueléticos, reumáticos, respiratórios e dermatológicos.
- *Cró Corpus e Ludic*, a área dedicada ao Wellness e Spa com imensos tratamentos de corpo e de rosto, um espaço lúdico composto por uma piscina aquecida hidrodinâmica e ainda está equipada com sauna e banho turco.
- *Cró Fisio*, que como o nome indica corresponde a uma área destinada a reabilitação e fisioterapia.

Concluindo, a proposta do projeto para o Parque termal do Cró assemelha-se muito ao tema da dissertação que também se engloba no projeto com atividades distintas onde se pretende potencializar a região. O projeto termal do Cró está a evoluir firmemente conforme a proposta feita para um parque completo, sendo o elemento termal o fator significativo na constante visita de turistas à região; a verdade é que vem se estabelecendo nos últimos anos como um dos “marcos” da região na forma como tem potencializado o turismo rural

3.2 Termas de Vals, Peter Zumthor

3.2.1 Peter Zumthor, o Arquiteto

Na presente dissertação entende-se que neste caso de estudo é benéfico ser feita uma análise profunda não só do conjunto arquitetônico exposto, mas também do seu criador, Peter Zumthor (Fig.3.9), para melhor entender o processo de criação, tal como responder as perguntas do como e do porquê deste resultado final. Antes de mais apresenta-se então o Arquiteto Peter Zumthor e a maneira como sente e entende a arquitetura.



Figura 3.9 (A) Ateliê de Zumthor em Haldenstein (Atlas of places, 2019), (B) Peter Zumthor a desenhar (Zumthor atelier, 2013) e Peter Zumthor durante Arts Initiative of Mentors & Protégées (Mentors e Protégé, 2015)

Peter Zumthor iniciou a sua carreira profissional como aprendiz de marceneiro antes de se dedicar à arquitetura, e por isso desenvolveu um grande respeito e apreço pela arte da marcenaria, pelo talento dos artesãos e dos engenheiros. Zumthor acredita que a arquitetura deve ser executada, renovada e desenvolvida tendo em conta as suas qualidades básicas – o material, a estrutura e a construção – e não através da criação de formas cada vez mais complicadas (Britannica, 2020).

Segundo as suas palavras no livro intitulado “*Atmosferas*” (Zumthor, 2009), o arquiteto afirma: “*Tem de haver procedimentos, interesses, instrumentos e ferramentas no meu trabalho. Observo-me a mim próprio e conto-vos em nove mini capítulos o que encontrei, o que me move quando tento criar esta atmosfera nas minhas casas...*”. Segue então de forma resumida essas sensibilidades pessoais que nos ajudam a entender a maneira filosófica de como Zumthor se “move” na arquitetura.

Primeiro – **O corpo da arquitetura** – o arquiteto sente os espaços de forma física, considera que o primeiro e maior segredo da arquitetura consiste na possibilidade de juntar as coisas do mundo, os materiais e criar espaços únicos. Considera o conceito do corpo humano quase literalmente na arquitetura.

Segundo – **A consonância dos materiais** – os materiais soam e irradiam em conjunto, é desta composição que nasce algo único. Podem ser trabalhados num número infinito de

possibilidades tanto através da forma, da quantidade ou da sua própria exposição a luz. Existem combinações ilimitadas e cabe ao arquiteto descobrir qual pretende.

Terceiro – **O som do espaço** – cada espaço funciona como um grande instrumento (Fig.3.10), coleciona, amplia e transmite os sons. Tudo isso tem a ver com a sua forma, a superfície dos materiais usados e a maneira como estão fixos. Zumthor, inicialmente, tenta sempre pensar num edifício a partir do silêncio, fazê-lo calmo, e de que maneira vai ser afetado em certas situações do quotidiano, o que é algo mais difícil hoje em dia, sendo o mundo muito mais barulhento.

Quarto – **A temperatura do espaço** – Zumthor acredita que cada edifício tem uma certa temperatura, existe um facto mais ou menos conhecido de que os materiais retiram do nosso calor corporal, a ideia por exemplo de que o aço é frio e por isso retira calor, no fundo trata-se de encontrar um equilíbrio e temperar o edifício com os materiais certos, no sentido literal e figurativo, pois essa ideia transmite-nos que a temperatura pode ser física, mas também psíquica.

Quinto – **As coisas que me rodeiam** – Ao entrar num espaço, os pertences expostos podem por vezes ser capaz de transmitir certas emoções e expressividade, tanto através da disposição ou de outros pormenores dando assim ocasionalmente outra perceção do espaço. Acabam mesmo por criar a dúvida se terá sido o arquiteto a fazer essas “exposições” propositadamente.

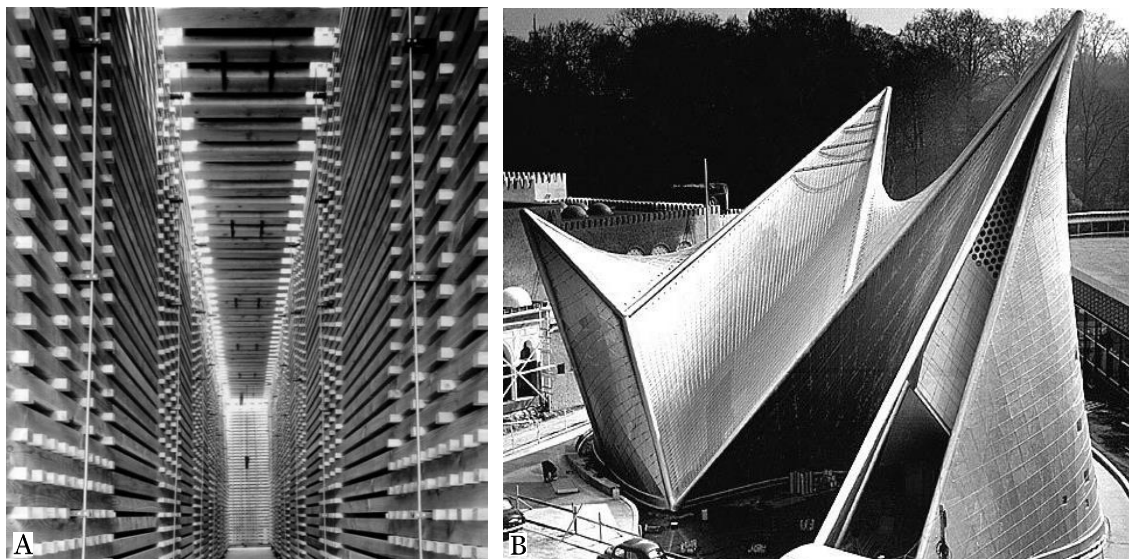


Figura 3.10 (A) Pavilhão Swiss Sound Expo 2000 por Peter Zumthor (Wikiarquitectura, 2020) e (B) Pavilhão Philips Expo 58 por Le corbusier e Iannis Xenakis (Archdaily, 2020)

Sexto – **Entre a serenidade e a sedução** – Neste ponto trata-se da maneira como nos movimentamos na arquitetura, para além de ser uma arte espacial é certamente também uma arte temporal. Este aspeto é predominante no caso do projeto das Termas de Vals, onde existe

corredor de entrada que nos conduz para um espaço que por sua vez nos estimula a fazer o oposto, em vez de ser conduzido é incentivado a deambular e ser seduzido pelo mesmo. Ao virar de cada esquina ou noutros pontos, surgem aspetos que despertam a nossa atenção e que nos incentivam a continuar a vaguear.

Sétimo – **A tensão entre o interior e o exterior** – O conceito de interior e exterior é algo muito interessante (Fig.3.11) pois no fundo retiramos um pedaço da própria terra para criar um objeto que nos separa da mesma criando assim esses conceitos. Por exemplo uma fachada poderá transmitir ideias do jogo entre o indivíduo e o público ou ainda de privacidade e público, mas cabe sempre ao arquiteto e ao dono de obra em conjunto escolher a identidade da mesma, ou seja, o tipo ou a quantidade de informação que vai transmitir tanto no interior como no exterior. É este tipo de ideias pelas quais o Zumthor se apaixonou, a liberdade de poder revelar esse tipo de informações e qual a referência que o edifício leva até ao público (Zumthor, 2009).



Figura 3.11 (A) Capela de Campo Bruder Klaus de Peter Zumthor (The Guardian, 2011) e (B) Interior da Capela de Campo (Flickr, 2017)

Oitavo – **Degraus da intimidade** – Por outras palavras e num termo mais académico, a escala, é a relação de proximidade e distância no sentido mais corporal de escala e dimensão, através da criação de elementos de grande dimensão, muito mais do que a escala humana ou através de objetos pequenos. Esses elementos acabam por nos transmitir certas emoções, como por exemplo, a conclusão de que elementos muito maiores do que nós, causariam uma sensação de intimidação, mas neste caso não é assim tão linear, o arquiteto fala da vez em que visitou a Vila *Rotonda* de Andrea Palladio em que em vez de se sentir intimidado sentiu-se enaltecido, algo completamente diferente do esperado, surpreendentemente existem mais efeitos. Podemos observar no caso das Termas de Vals que a sua grande dimensão nos dá a entender o oposto, através dos materiais e da escala parece mais dar a enaltecer a Natureza em seu redor e rebaixar as pessoas no interior.

Nono – **A luz sobre as coisas** – A ideia de iluminação deve ser um fator que acompanha um projeto desde o início, no processo de criação o arquiteto gosta de pensar no edifício primeiramente como uma massa de sobras e de seguida como um processo de escavação que coloca luzes e deixa a luminosidade infiltrar-se, este parece ser o processo mais lógico e sem segredos. Existe ainda a preocupação e o cuidado com o uso de materiais, que por sua vez também refletem a luz de maneira única e que acabam por dar vida e harmonia a certos edifícios (Fig.3.12). Peter Zumthor demonstra uma enorme admiração e gratidão por ter a possibilidade de assistir e trabalhar com luzes naturais que o próprio diz sentir de uma maneira quase espiritual.

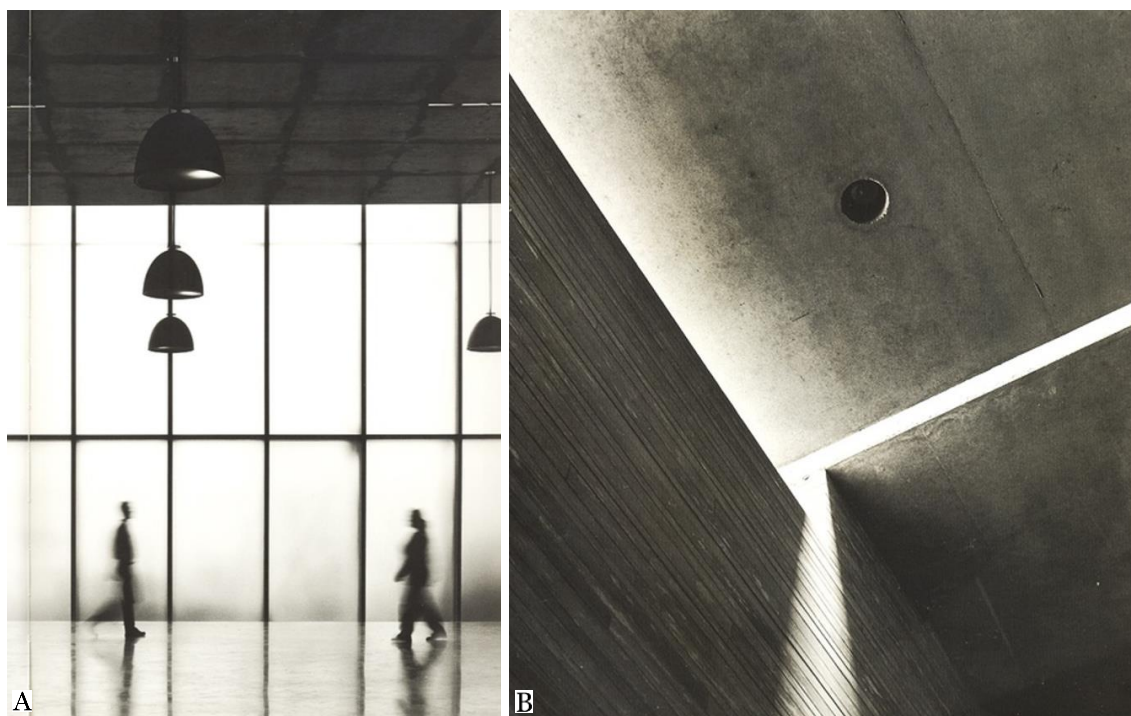


Figura 3.12 (A) Kunsthaus Bregenz (Zumthor, 1999) e (B) Termas de Vals (Zumthor, 1999)

3.3.2 Termas de Vals, a obra

Uma das principais ideias de como criar arquitetura para Peter Zumthor parte com o princípio de uma forte imagem e não só de uma ideia, essas primeiras imagens tem por hábito ser muito ingênuas de uma forma quase infantil, durante todo o processo de desenvolvimento Zumthor tem como principal objetivo que essas imagens e ideias se tornem arquitetura (Gonçalves, 2009).

A ideia para este projeto foi sendo concebida quando começou a refletir sobre a ideia de banhar, sobre a origem das termas, as fontes naturais e surgiu assim a vontade de criar um edifício que conseguisse harmonizar esses termos com a topologia e geologia do lugar (Fig.3.13).



Figura 3.13 Termas de Vals: (A) Fachada a Sul (Arquiscopio, 2012), (B) Fachada a Este (Flickr, 2005) e (C) Fachada a Norte (TagesWoch, 2005)

Ao pensar nestes aspetos foi surgindo a ideia de criar um “banho” nascido das montanhas, tal como a fonte termal também ela nasceu das montanhas há milhões de anos. Nasceu assim o edifício das Termas de Vals, em parte enterrado, a liberdade de escavar tanto na profundidade como na horizontal deu forma a um objeto de pedra local acinzentado, coberto com um “manto” verde continuação da encosta onde se encontra, invocando assim uma relação única com a paisagem alpina, à qual, parece que sempre pertenceu (Fig.3.14). Zumthor (2007) afirma: *“Quero que as Termas de Vals, aliás que todos os edifícios construídos nesta região dissessem “Adoro os Alpes.”*

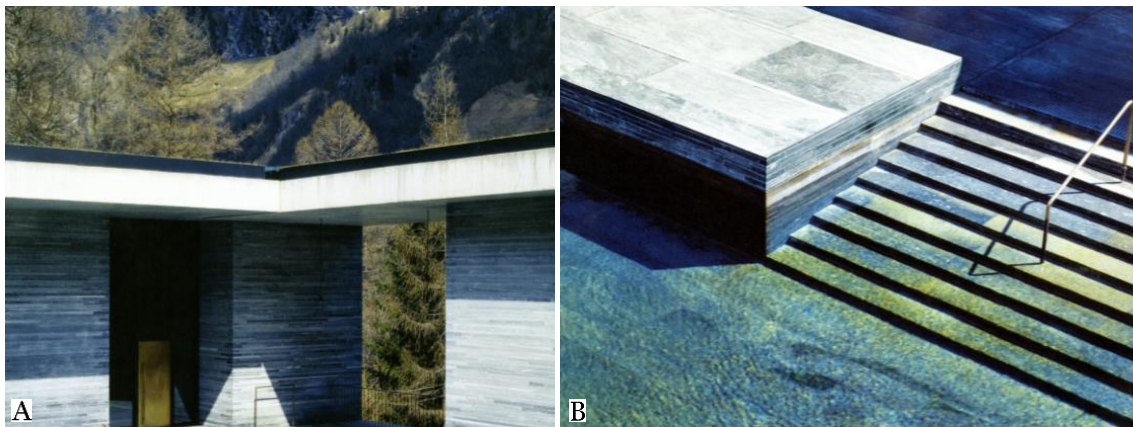


Figura 3.14 Termas de Vals: (A) Vista panorâmica e (B) degraus de piscina exterior (Zumthor, 2007)

Estruturalmente, cada bloco é ligado a uma laje de chão alinhado com a mesma num dos lados, também suporta uma laje de cobertura que é alinhada com um lado diferente do bloco e é suportado por um *cantiléver* assimetricamente nos outros três lados. Em contraste, a laje da cobertura suspensa sobre a piscina interior é mantida no lugar através das lajes de cobertura vizinhas (Fig.3.15), cercados por espaçamentos azuis enigmáticos, que nos transportam pelo conjunto num “passeio” atraindo o olhar dos banhistas para cima onde esta façanha inspira espanto e especulação relativamente aos pontos de fixação entre eles (Zumthor,2007).

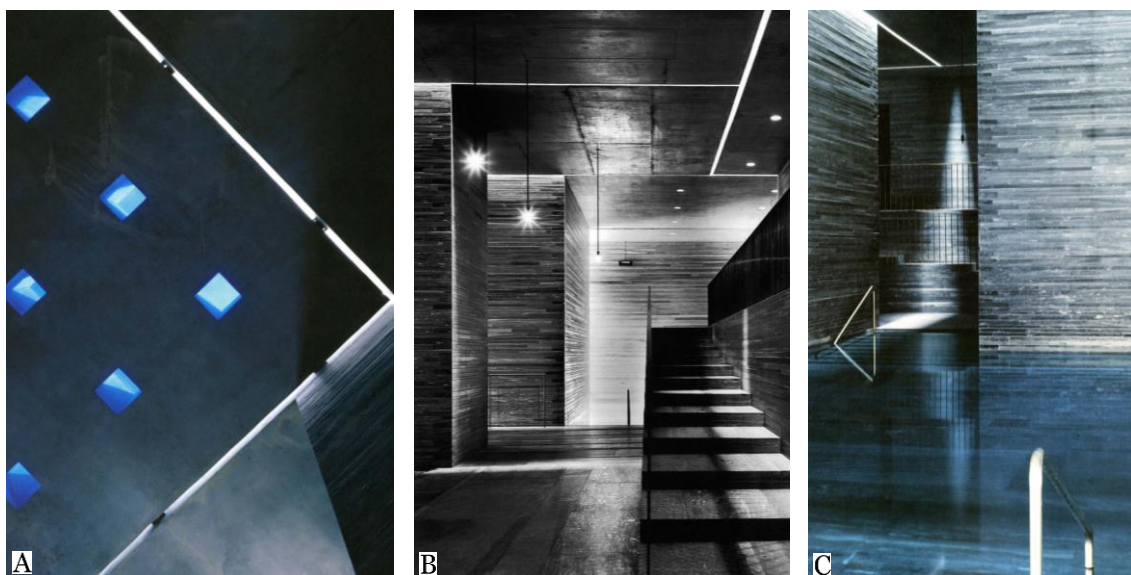


Figura 3.15 Termas de Vals: (A) Pormenor na cobertura (Zumthor, 2007), (B) Escadaria interior (Zumthor, 1999) e (C) Piscina interior (Zumthor, 2007)

A estrutura completa estende-se numa largura de cerca de 58 metros e emerge até 34 metros fora da encosta frente ao edifício principal do complexo hoteleiro, unidade presente no local desde os anos 70 e que se situa no canto nordeste da propriedade com vista sobre a cobertura ajardinada das Termas (Zumthor,2007).

É composto por quinze blocos de pedra retangulares que vão de três a cinco metros de largura e de seis a oito metros de comprimento, cada um deles suporta parte da cobertura criando assim um efeito de puzzle. São compostos por uma grelha de linhas perpendiculares e permanecem como monólitos dispostos num enfeito de cata-vento ao redor da piscina criando espaços intermédios com movimentos, degraus ou corredores. Nalguns destes espaços surgem degraus que descem para água ou sobem, assim o bloco fica seguro em terra firme de um lado demarcando espaços de relaxamento e definindo zonas de circulação e por outro lado afunda-se ou emerge das profundidades. Estes blocos são os cais que suportam as lajes de betão da cobertura, algumas dos quais se estendem para fora mais de seis metros. A fachada leste, paralela ao vale, revela a tensão com que estas lajes suportam o seu próprio peso e o das camadas sobrepostas, revela também o enorme pré-esforço no interior das lajes ou sobre as forças de tensão que distribuem a tensão através dos blocos (Zumthor, 2007).

As lajes da cobertura são assim definidas para não se tocarem e acabam por criar espaçamentos de seis centímetros de largura cobertas por placas de vidro para impedir qualquer tipo de infiltração, asseguram assim a liberdade de movimento necessária para estes elementos maciços (Zumthor,2007).

No interior (Fig.3.16 e 3.17) dos blocos foram concebidos espaços íntimos reservados a certas atividades tal como banho, limpeza ou relaxamento, cada um com diferentes características pronto a surpreender o utente, pelo menos sete degraus descem à água das piscinas individuais nomeadas conforme as suas características particulares (Zumthor,2007).

Surgem blocos como o Banho de Fogo tratando-se de uma sala retangular com um banco subaquático ao longo da piscina onde a água está a 42°C, a parede de betão de cor vermelha ajuda a aumentar a perceção da temperatura. O Banho de Gelo é uma piscina de imersão de uma pessoa onde a água está a cerca de 14°C e onde a cor azul-verde do betão ajuda a dissipar as sensações físicas e mentais de calor. O Banho das Flores é característico pelas pétalas de calêndulas que flutuam numa água quente de 33°C com uma atmosfera nebulosa encerrada por paredes negras. Existe também o Banho Sonoro onde a água de 35°C chega até ao pescoço num espaço quadrado muito alto onde as faces expostas das placas de pedra estão partidas ao contrário dos outros espaços (Zumthor,2007).



Figura 3.16 Planta programática do piso de banhos das Termas de Vals (a partir de Zumthor, 2007)



Figura 3.17 Planta programática do piso de serviços e tratamentos terapêuticos das Termas de Vals (a partir de Zumthor, 2007)

As estruturas interiores dos blocos surgem como núcleos de betão, são estruturas fundidas numa só peça e são as primeiras a ser erguidas, coloridas e a cofragem é preenchida com betão. Ficam assim erguidas como torres até serem revestidas em esferovite, poliestireno extrudido e isolamento térmico resistente à humidade. Estes núcleos de betão, uma vez construídos, servem de molde de cofragem interior da parede composta, onde são empilhadas as lajes de gneisse (pedra local) de acordo com o esquema de camadas (Fig.3.18); posteriormente o espaço entre elas é então reforçado e preenchido com betão (Zumthor,2007).

As vastas paredes de pedra são compostas por sessenta mil lajes de gneisse, que é o material natural presente na região de Vals; têm um metro de comprimento, com diferentes alturas e com acabamentos rugosos, martelados, moídos ou polidos, dando assim a ilusão que foram colocadas ao acaso, no entanto foi justamente o oposto, segundo o esquema de camadas foram sobrepostas metodicamente através do arranjo de três elementos de diferentes espessuras dando sempre no final a mesma espessura de quinze centímetros, a troca na ordem desses elementos foi o suficiente para criar uma variedade na sua visualização sem necessariamente complicar o processo de construção. Este método de construção ficou reconhecido na arquitetura como *Vals Compound Masonry* e torna a parede exterior num elemento de revestimento e também num componente estrutural que ajuda a transportar as cargas. O edifício como um todo assemelha-se a uma grande pedra porosa; o fator determinante desta aparência está na escolha de materiais para a construção da estrutura, que consiste sobretudo na pedra natural da região; estas lajes de gneisse são trabalhadas localmente e utilizadas para os telhados localmente (Zumthor,2007).

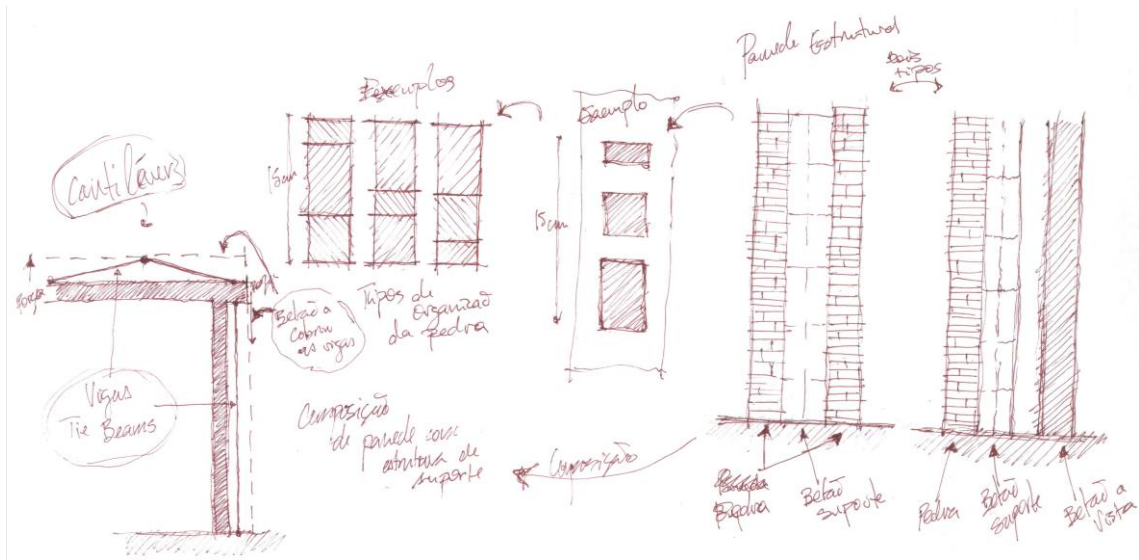


Figura 3.18 Estudo de elementos estruturais das Termas de Vals

Usando os blocos de cinco metros de altura o arquiteto cria um panorama de falésias e volumes não-alinhados e fora de escala para quem vagueia no seu interior. Repetindo o confronto entre cheios e vazios o arquiteto coloca-nos quase nus perante o panorama das montanhas e força-nos a enfrentar algo que nos ultrapassa (Zumthor, 1999).

O fato de não existirem precedentes relativamente a construção ou engenharia para este edifício, não permitiu confiar na experiência dentro do setor e todos os detalhes foram calculados e desenhados de raiz, o que segundo Peter Zumthor tornou todo este processo numa experiência agradável.

Concluindo, as Termas de Vals nunca foram idealizadas como um produto de marketing que atrairia a atenção através do reconhecimento do nome ou por ser uma marca extravagante, o turismo arquitetónico não era de todo uma problemática. A principal preocupação era a qualidade dos serviços de oferta, no fundo, desenvolver o ato do banho como uma experiência e ritual. É definida a vontade de criar um lugar de descanso e relaxamento entre o corpo humano e água termal que flui da nascente, na encosta, pouco metros acima do edifício tornando esta experiência enraizada no vale. É habitual os utentes falarem da experiência de entrar nas termas, comparando-a à imersão em outro mundo. É de fato notável admirar como este edifício surgiu de esta ideia e é desfrutado exatamente da maneira para que foi concebido.

Parte II - Proposta

Capítulo 4 – Enquadramento da Proposta

4.1 Enquadramento Geográfico e Climático

No contexto geográfico, a área de intervenção pertence ao espaço denominado “EcoParque Côa Rupestre” localizado na freguesia da Longroiva, concelho da Mêda e distrito da Guarda (Fig. 4.1). O local a intervir está mais precisamente situado nas Quintãs, aldeia anexa da freguesia de Longroiva. O concelho da Mêda expande-se ao longo de 296km², dividido em 11 freguesias juntando 5202 habitantes; o concelho oferece um diversificado leque de paisagens tal como montes de rochas graníticas, mato espontâneo, pinhais frondosos, campos de amendoeiras e vários rios e ribeiras que atravessam o concelho (Município da Mêda, 2019).

Destaca-se também por se situar numa zona de transição entre o Planalto Beirão e o PAVC (Parque Arqueológico do Vale do Côa), este constituído devido as várias descobertas feitas ao longo do rio Côa em 1994, das quais constam ricos painéis rupestres que segundo estudos feitos afirmam remontar desde o período Paleolítico Superior ao período do Neolítico (Município da Mêda, 2019).



Figura 4.1. Enquadramento geográfico do “Eco Parque Côa Rupestre” no contexto nacional (a partir de Wikipédia, 2006 b)

Outra particularidade marcante na zona das Quintãs é a existência da Falha da Vilarça que se estende de sul, da Serra da Estrela, para norte, até à Vilarça (Moncorvo), constituindo uma estrutura geológica donde surgem duas fraturas desniveladas formando o *Graben de Longroiva* e caracterizando assim o espaço, com paisagens únicas e muito próprias da zona (CR, 2015).

Sendo assim, a proposta do projeto Côa Rupestre desenvolve-se numa área de cerca de 20 hectares, atravessada pela ribeira da Centieira, que flui para a Ribeira dos Piscos e de seguida para o Rio Côa, numa zona a jusante de toda a sua bacia. O terreno está localizado cerca de 25m a Este do nó do IP2 mais conhecido por “Nó de Longroiva” (Fig.4.2). O Ecoparque CR está localizado numa zona muito paisagística onde é possível admirar as linhas vinhateiras da região, torna-se também num local com muito potencial na área educacional e cultural, pois existem vestígios arqueológicos de um possível povoado pré-histórico nesta região. Todos estes recursos, sejam eles naturais ou culturais combinam numa oferta do produto local com muito potencial na promoção do turismo sustentável como o Ecoturismo (CR, 2015).



Figura 4.2 Eco Parque Côa Rupestre junto ao ip2 (a partir de Google Earth, 2020)

O concelho da Mêda é caracterizado pelo seu verão quente, curto e seco em contrapartida o seu inverno é muito frio, com precipitação e bastante encoberto. Estas características criam uma grande amplitude nas temperaturas ao longo do ano tendo invernos muito frios podendo chegar a temperaturas negativas de -3°C e por outro lado um verão muito quente com temperaturas que chegam a rondar os 40°C . A partir da figura 4.3 podem-se observar as temperaturas na estação meteorológica da Guarda ao longo do ano 2019; esta informação permite constatar que os meses de Fevereiro e Abril tiveram as temperaturas mais baixas chegando aos -2.6°C e que o mês de Julho atingiu o pico de calor com 35.2°C .

Relativamente a precipitação na freguesia da Longroiva, foi feita a escolha de analisar os meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro (Fig.4.4), pois representam o ultimo mês de cada estação e também representam as transições entre estações. Pode-se observar no mês de Março

uma precipitação total com valor entre 25mm e 50mm, no mês de Junho valores a rondar 25mm acompanhado por Setembro com valores entre 10mm e 25mm, sendo o mês mais seco, seguido de Dezembro com valores ente 150mm e 200mm caracterizando como o mês mais chuvoso.

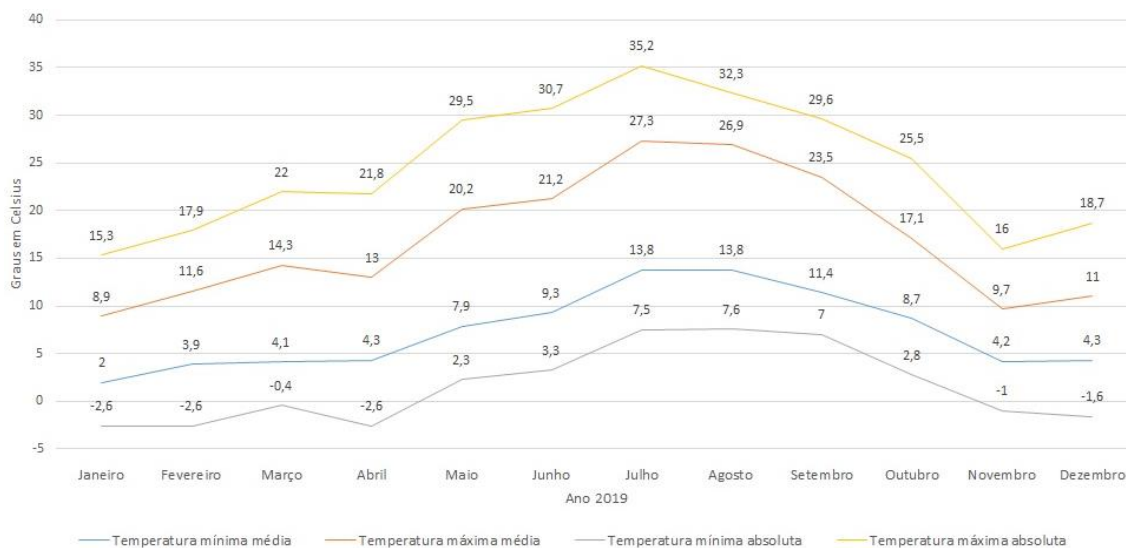


Figura 4.3 Gráfico de temperaturas em 2019 na estação meteorológica da Guarda (a partir de IPMA a, 2020)

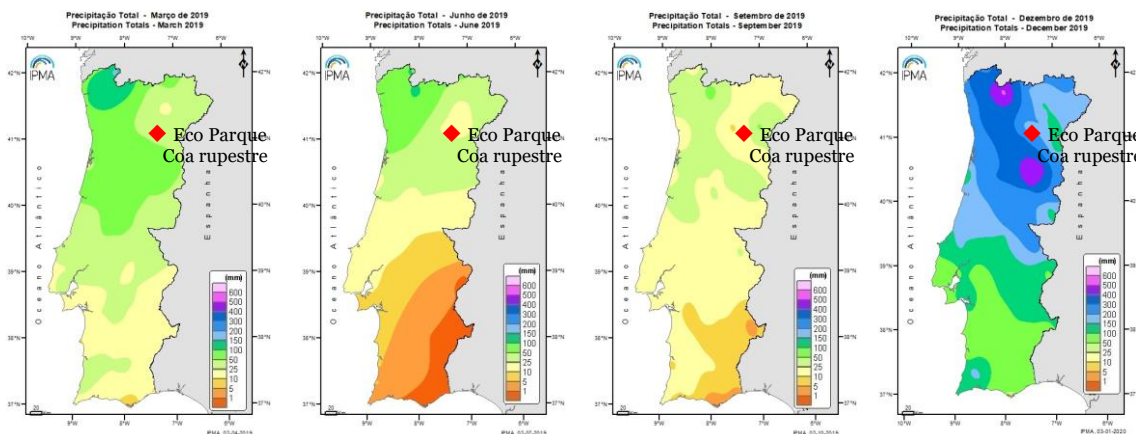


Figura 4.4 Precipitação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro em 2019 (IPMA b, 2020)

Apoiando-se numa análise climática dos anos anteriores é possível desenvolver previsões para os anos seguintes criando condições em que será mais fácil fazer um planeamento dos possíveis visitantes na região; neste caso em concreto este estudo climático conclui que o local caracteriza-se como sendo muito quente no verão e muito frio no inverno. Ter estas informações torna-se benéfico para a gestão do parque, facilitando a organização de atividades diversas durante o ano tendo em conta o clima esperado na época pretendida; o calor sendo um fator de atração do turismo, acaba por atrair mais utentes para o parque.

4.2 Enquadramento Cultural

4.2.1 Origens

Após o achado de vários vestígios rupestres nas terras da Mêda, consegue-se afirmar que as primeiras povoações que a habitaram remontam aos finais do Paleolítico; também foram encontrados vestígios dolménicos com significada importância, um deles sendo a estatueta-menir da Longroiva. Segundo consta, a Mêda foi mais tarde ocupada pelos romanos que deixaram a maior influência de todos os povos que por ali passaram, através de elementos como as calçadas, as pontes, as placas tumulares e as moedas, entre muitos outros, deixando-se bem notar as suas intenções de romanizar a região (CIMBSE, 2019).

Ainda no contexto da sua ocupação, seguiram-se os povos bárbaros, os suevos e visigodos. Mais tarde os árabes acabaram por se fixar no local até 1065, ano em que foi reconquistada pelos cristãos liderados por Fernando Magno; mais tarde durante o reinado de D.Manuel I, foi em 1519 atribuído o estatuto de município autónomo à Mêda; a configuração atual do concelho tem 154 anos e foi reconstituído após a reforma do liberalismo. O património histórico do concelho originou também a aldeia de Marialva que foi constituída uma das doze Aldeias Históricas de Portugal, devido aos muitos vestígios romanos encontrados no local, o que a torna atualmente como um epicentro de turismo no concelho. Com alguma importância, surge a Longroiva, lugar muito despovoado até aos inícios do séc. XII, onde surgiu também o castelo que outrora pertencera aos templários e que foi posteriormente reedificado por Gualdim Paes; o que resta desta fortificação está atualmente considerado Monumento Nacional e consta como uma das obras de maior relevância na Beira Interior no que diz respeito a arquitetura militar templária e simultaneamente como um testemunho de castelo medieval (Fig.4.5) (CIMBSE, 2019).



Figura 4.5 (A) Castelo da Longroiva (Olhares, 2008) e (B) Castelo de Marialva (Portal de Portugal, 2018)

As origens destas terras apresentaram-nos com um rico património histórico-cultural, que por sua vez tem sido um dos maiores focos de aposta para promover o turismo da região.

4.2.2 Rotas Rupestres e Pontos de interesse

Como já foi referido o elemento arqueológico teve um grande impacto na região, foi desde 1998 que a arte rupestre do PAVC foi considerado Património da Humanidade, sendo um dos sítios mais importantes do mundo no que toca a arte rupestre e onde também nasceu o museu do Côa que parte da ideia que a arte paleolítica no Vale do Côa é talvez a primeira manifestação de “Land Art” (DGPC, 2020).

Estes vestígios de arte estão distribuídos de norte a sul do vale do Côa, o que permite a organização de visitas turísticas a alguns desses núcleos de arte rupestre. Para se ser mais preciso existem 14 locais onde se encontra arte rupestre; estão distribuídos por locais como o Vale de José Esteves Boeira, o Vale dos Cabrões, o Vale dos Moinhos, a Canada do Amendoal, a Canada do Inferno, o Vale do Videiro, a Ribeira dos Piscos, a Quinta da Barca, Penascosa e Faia; destes locais apenas 3 são visitáveis sendo eles Penascosa, Canada do Inferno e Ribeira dos Piscos (DGPC, 2019).

Para além destes núcleos visitáveis de arte rupestre pode-se observar na figura 4.6 mais alguns locais de interesse da região, sendo eles; Freixo de Numão que alberga o Museu da Casa Grande onde se podem encontrar exibidas coleções de arqueologia, de etnografia regional e de história local; o centro histórico de Vila Nova de Foz Côa onde se pode encontrar a Igreja matriz acompanhada pelo Pelourinho que assinala a concessão Foral à Vila por D.Manuel I; um pouco mais a sul encontra-se a Quinta da Ervamoira, famosa pelos seus vinhos e pela amplidão dos seus vinhedos, conjuga-se com o Museu do Sítio que exhibe o ciclo produtivo do vinho, vestígios romanos e a arte rupestre da Ribeira dos Piscos; Figueira de Castelo Rodrigo conserva importantes vestígios medievais e integra o roteiro das Aldeias Históricas de Portugal; a Faia Brava representa a primeira reserva natural privada de Portugal sendo o seu objetivo a conservação da natureza e onde também se observam grifos, abutres do Egito, cegonhas-negras, garranos e bovinos maroneses; a aldeia de Cidadelhe encaixa num longo espinhaço planáltico rochoso situado entre as margens do Rio Côa e da Ribeira de Massueime, acolhe na sua Casa-Forte um Pálio (manta que cobre os ombros) datado de 1707 que está agora em exibição ao público; finalmente a aldeia de Marialva que representa a ancestralidade portuguesa e que também está integrada no roteiro das Aldeias Históricas de Portugal (Fig.4.7 a 4.9) (Côa Parque, 2019).

Note-se que também no local de estudo, existem vários elementos com relevância histórica, alguns com necessidade de manutenção ou recuperação, por exemplo: um pombal, uma pequena mina, um moinho de água, pequenas casotas singulares em pedra, um pequeno forno em xisto e noras. Foram também encontrados fragmentos de peças de olaria decorados, um machado de pedra e um sílex que se acreditam remontar à época do Neolítico devido a presença de um menir muito próximo do local (Pires, 2016).



Figura 4.6 Localização de pontos de interesse do PAVC (Côa Parque, 2019)

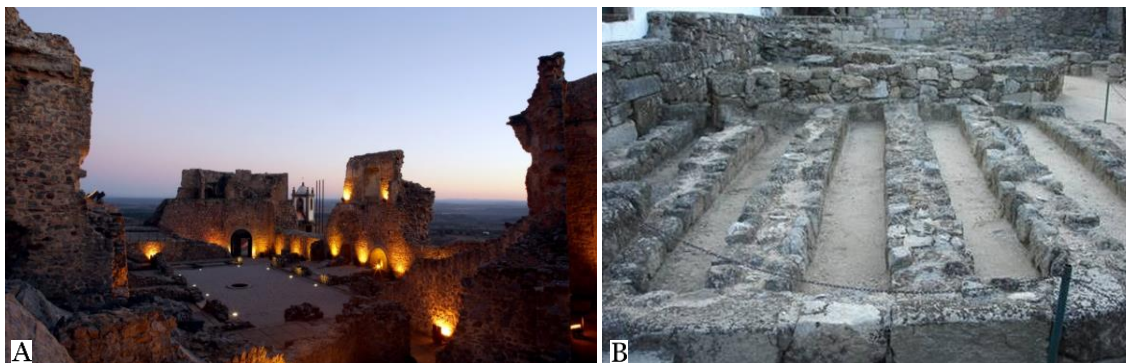


Figura 4.7 (A) Castelo Rodrigo (aldeias históricas de Portugal, 2020) e (B) Ruínas romana no Museu da Casa Grande, Freixo de Numão (DGPC, 2014)



Figura 4.8 Quinta da Ervamoira (Côa Parque, 2019)



Figura 4.9 (A) Igreja Matriz em Vila Nova de Foz Côa (DRCN, 2020) e (B) Cavalos Garranos em Reserva da Faia Brava (ATNatura, 2020)

Outro ponto de grande interesse na zona é o Alto Douro Vinhateiro (Fig.4.10) que se caracteriza como sendo uma zona particularmente representativa da vasta paisagem da região demarcada do Douro, a mais antiga região vitícola regulamentada do mundo. A paisagem cultural do Alto Douro combina a natureza monumental do Vale do rio Douro, feito de encostas íngremes e solo pobres e acidentados, com a ação ancestral e contínua do Homem, adaptando o espaço às necessidades agrícolas de tipo mediterrâneo que a região suporta. Esta relação íntima entre a atividade humana e a natureza permitiu criar um ecossistema de valor único, onde as características do terreno são aproveitadas de forma exemplar, com a modelação de paisagem em socalcos, preservando-a da erosão e permitindo o cultivo da vinha.

A região produz o famoso vinho do Porto, representando o principal vetor de dinamização da tecnologia, da cultura, das tradições e da economia local, o grande investimento humano nesta paisagem de singular beleza tornou possível a fixação das populações desde a longínqua ocupação romana, e dele resultou uma realidade viva e em evolução, ao mesmo tempo testemunho do passado e motor do futuro, solidamente ancorado na otimização dos recursos naturais e na preservação das ambiências.



Figura 4.10 (A) Vista aérea do Alto Douro Vinhateiro (SIC, 2017) e (B) Paisagem do Alto Douro Vinhateiro (Douro Valley, 2020)

4.2.3 Gastronomia e Artesanato

A Gastronomia tem sido um elemento importante no desenvolvimento do turismo local, através de produtos típicos da zona como o pão, o porco, a pescaria nos rios Douro e Côa e as amêndoas que acabam por estimular muitas visitas na altura em que as amendoeiras estão em flor criando uma paisagem distinta na região. Atualmente no município da Mêda, a alimentação é baseada na batata, na carne de porco, no gado ovino e caprino, mas muito raramente de gado bovino. Entre as especialidades tradicionais mais procuradas pelos visitantes estão: os grelos à pobre, o queijo de ovelha, a sopa de fiolho, os torresmos da Beira, as filhoses de Natal, o doce de abóbora com amêndoa, a sopa de beldroegas, as migas de alho, as papas de laberças, entre muitos outros.

A cozinha beirã e duriense atinge nesta região a excelência da arte; cabe aos profissionais de culinária recuperar receitas em risco de se perderem e aperfeiçoar as sobreviventes. A verdade é que se desconhece a origem de muitas receitas, algumas foram perdidas ao longo do tempo e outras sofreram grandes alterações, mas na culinária diz-se que qualquer receita pode ser aperfeiçoada. A culinária da região destaca-se como um elemento com muito valor cultural ao qual o povo dá muita importância (Município da Mêda, 2020). Neste âmbito existe a intenção de se fazer venda de produtos locais, como o vinho do Porto, amêndoas, avelas e nozes, no local de estudo – EcoParque Côa Rupestre.

Em relação à produção artesanal bem dispersa pela região, era considerada uma atividade muito importante para a economia local, o que a tornava muito presente nos seios familiares da região. Perdeu, no entanto, alguma expressão devido a revolução industrial e a produção em série, o que causou o abandono da atividade nos pequenos núcleos de produção artesanal. No entanto, a persistência dos mestres locais em tentar modificar e renovar no contexto da arte, causou mais tarde o reaparecimento e interesse nesta atividade ancestral impulsionando os jovens em aprender as técnicas através dos “saberes” dos mais velhos. Neste caso, o turismo e o interesse por esta atividade também impulsionou a procura por novas formas de comercialização fazendo com que este segmento da identidade cultural da região não se perdesse (Ribeiro, 2018).

“Estreitamente ligada aos usos e costumes, sobretudo de trabalho e lazer das populações, o artesanato da região manifesta-se, quase exclusivamente, no objeto primitivamente utilitário e que atualmente se tem vindo a transformar num produto decorativo, por excelência. Entretanto, algumas destas atividades mantêm o seu secular ritmo de produção, não se tendo alterado, em substância, nem a forma, nem tão pouco a função. É possível, ainda hoje, poder apreciar alguns núcleos artesanais que se manterão inalteráveis, devido aos interesses económicos que lhes estão subjacentes. Muitos dos produtos de olaria, cestaria, ferraria e tecelagem, para só citar os mais significativos, continuam assim fiéis ao sistema tradicional de produção” (Ribeiro, 2018)

Na região da Mêda existe um variado leque de artesanato (Fig.4.11) com muita qualidade, tal como a escultura onde sobressaí figuras de santos, bonecos e outros; a olaria que proporciona bonitos vasos, cântaros e outros utensílios; a cestaria onde surgem elegantes cestas, capachos e outros artigos; na sapataria onde criam sapatos, botas de atanado, chinelas ou tamancos; na tecelagem onde surgem colchas de linho, de tecidos variados e mantas de vários feitios; na marcenaria, torneando colunas, decorando frisos, criando ou reparando moveis; a cantaria, onde os canteiros-artistas trabalham o granito tornando possível criar janelas, caixas de correio, sepulturas, varandas, entre muitos outros; e a latoaria que permite o fabrico de utensílios domésticos e miniaturas, cântaros, caleiras, regadores e almotolias (Município da Mêda, 2018).



Figura 4.11 (A) Esculturas tradicionais (Ribeiro, 2020 *in* IPV) e (B) Brasão trabalhado em granito na Mêda (Raia histórica, 2020)

4.3 Caracterização da área de intervenção

Como foi referido anteriormente, a intervenção proposta está incluída no projeto do Ecoparque Côa Rupestre que a longo prazo pretende tornar-se num complexo agroturístico tirando partido dos recursos endógenos do local.

Neste âmbito, o projeto global (Fig.4.12) pretende desenvolver várias áreas, cada uma com o seu segmento de atividades distintas, tais como (CR, 2015):

- Pousada Rural
- Núcleo Agrícola
- Ecotermas e espaços aqualúdicos

- Espaços desportivos e de Lazer
- Espaço monumental rupestre
- Bungalows – acampamento nómada rupestre
- Espaços Arqueológicos
- Trilhos Geoturísticos

Segue-se então uma descrição mais detalhada de cada área.

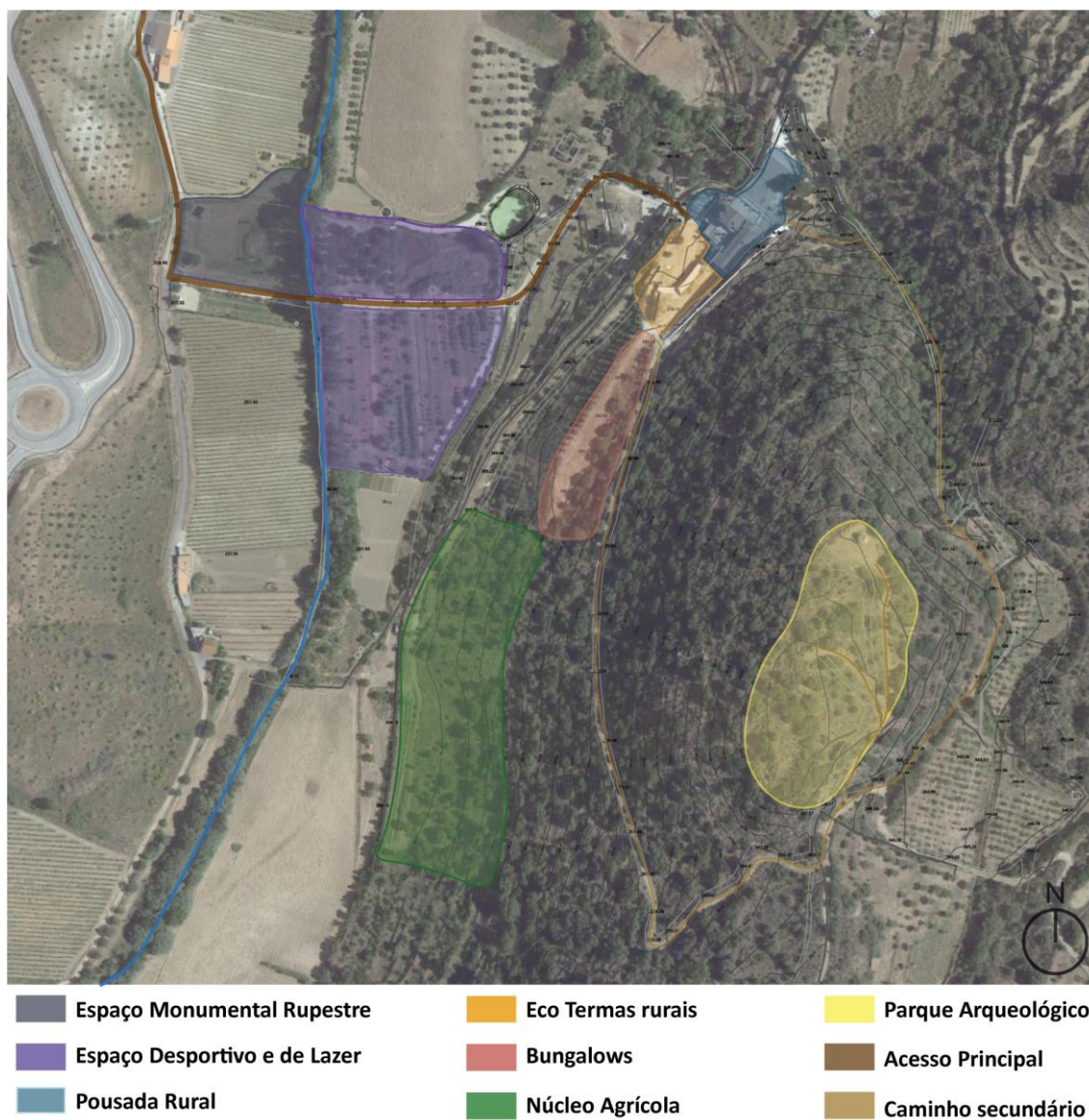


Figura 4.12 Áreas de atividades no Ecoparque Côa Rupestre (a partir de Google Earth, 2020)

A pousada rural é um espaço adaptado com dois edifícios existentes que permite o alojamento nomeadamente a grupos com vista à educação ambiental, a visitas de carácter científico ou a visitas de lazer para quem está de passagem na região. É equipada com sete quartos duplos com

wc individuais, sala *kitchenette* com wc, cozinha rústica, sala de refeições, sala de leitura, “A Nossa Loja”, adega, e muitos outros espaços exteriores.

O desenvolvimento do núcleo agrícola passa por duas tarefas, restaurar estruturas antigas, tal como as duas casas rurais agrícolas atualmente em ruínas no local, as noras, o moinho de água, entre outros. E finalmente passa pela construção de novos espaços de apoio, sejam eles para armazenamento de produtos ou destinados a animais.

O espaço termal, onde se pretende desenvolver um balneário com piscina e com os diversos equipamentos necessários para a constituição de um medical spa com vertente de bem-estar. Como tal, a estância é dividida em dois setores: o setor termal com piscina e diversos equipamentos e o setor com objetivo à reabilitação física.

Pretende-se desenvolver um espaço desportivo e de lazer para oferecer o maior número de atividades possíveis ao utente podendo contribuir para uma melhor experiência na estadia. Para além dos desportos tradicionais pretende-se desenvolver espaços de minigolfe, de jogos tradicionais, slides sobre Lagoa e tiro ao arco.

Está também previsto um espaço monumental rupestre associado a um obelisco-menir de xisto da mesma formação geológica das gravuras rupestres, que se prevê ter cerca de quinze metros de altura; associado a este espaço dedicado à arte rupestre também se pretende desenvolver um abrigo/estábulo com animais similares aos da época de realização das gravuras rupestres (auroque, cavalo e cabras-montesas).

O núcleo de *bungalows* idealiza um acampamento nómada rupestre (Pires, 2016) que consiste em dez pequenas casas com tipologias T0 e T1 desenvolvidas em xisto e betão com o objetivo de imitar as tendas dos acampamentos da época das gravuras.

O espaço arqueológico destina-se ao estudo dos restos e achados da época do neolítico que foram encontrados no local.

Esta análise do Ecoparque permite-nos entender a dimensão do projeto CR e a maneira como a intervenção proposta das Ecotermas se vai enquadrar num todo. O local (Fig.4.13 a 4.15) escolhido para a implantação das Ecotermas foi definido de maneira a mitigar a distância entre o furo de água termal sulfúrea já existente no piso -1 da pousada rural e o edifício termal, criando assim uma ligação de proximidade entre estes dois segmentos e tentando resolver certas preocupações no que toca ao dinamismo entre o existente e a proposta. A área de intervenção estende-se ao longo de cerca de 1200m², no que é atualmente um estacionamento semicoberto temporário, não tendo sido estabelecidos limites aparentes do lote de intervenção apenas as noções de conjugar a pousada rural e seus acessos existentes com as novas instalações.



Figura 4.13 (A) Pôr-do-sol na pousada rural e (B) local de intervenção



Figura 4.14 (A) Pousada rural e (B) estacionamento semicoberto temporário



Figura 4.15 Vista panorâmica a partir do local de implantação das Ecotermas Rurais

O acesso a área de intervenção (Fig. 4.16 e 4.17) é feito pelo caminho principal situado a Noroeste e continua após o local em direção a Sul através de um caminho secundário que chega ao topo do monte. O espaço é caracterizado pelo grande muro de contenção com cerca de 6m de altura e 85m de comprimento que delimita a zona sudeste do terreno e onde vem assentar o monte. Do ponto de vista arquitetónico pode-se considerar o alçado sudeste desinteressante e pouco funcional, pois também acaba por não receber luz natural suficiente.

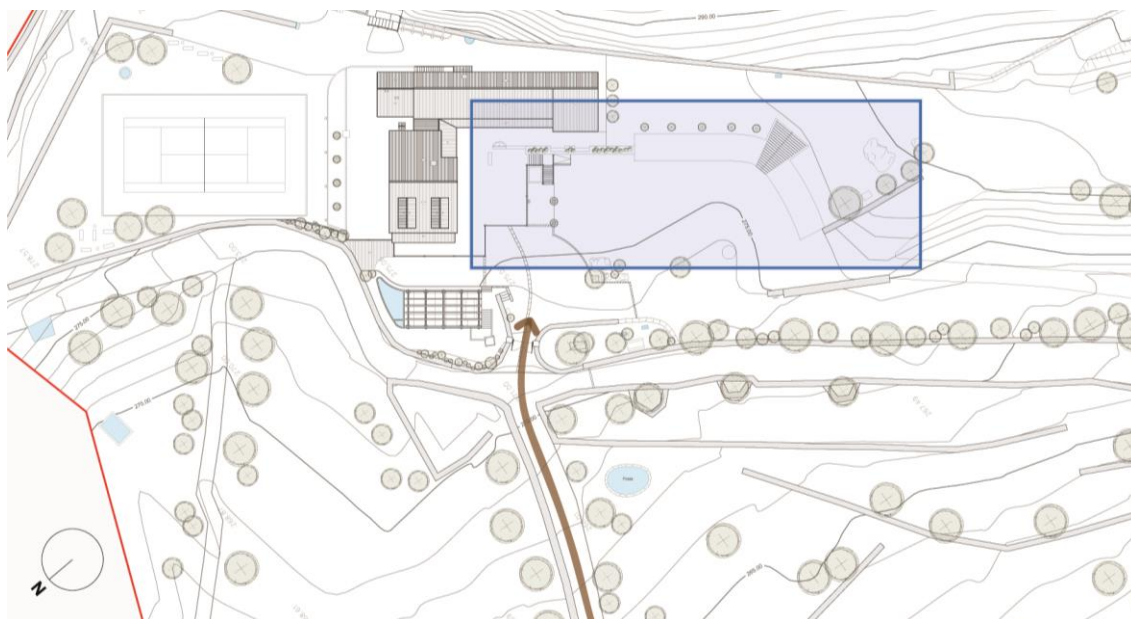


Figura 4.16 Acesso principal para o local de implantação das Ecotermas

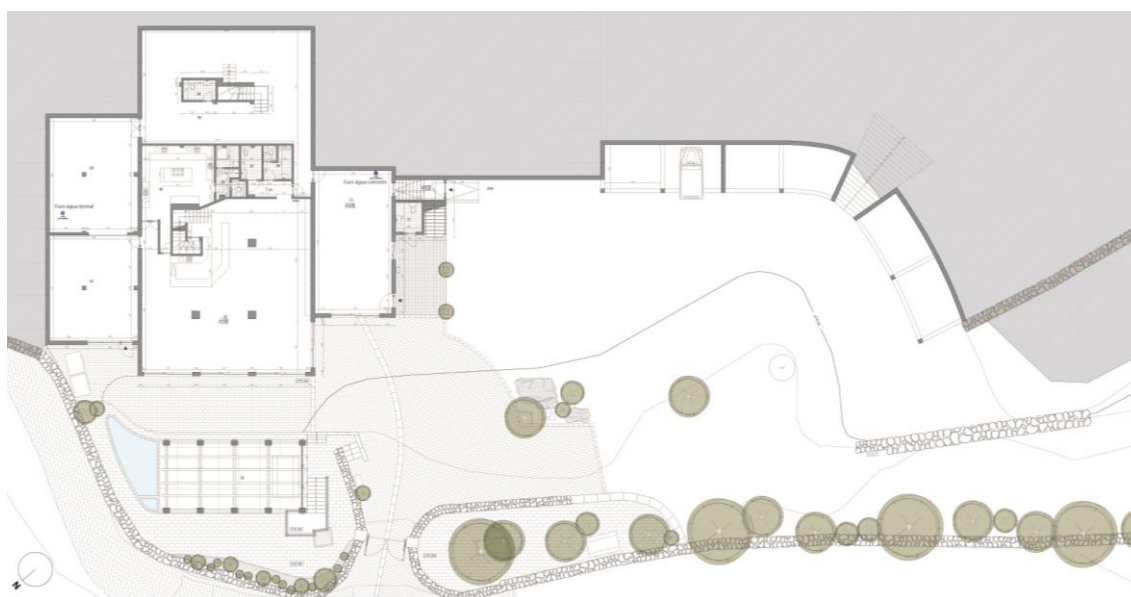


Figura 4.17 Planta de levantamento de pousada rural de piso -1

Considerando os ciclos solares e os aspetos geográficos do terreno, pode-se concluir que no contexto de receção de luz natural direta o ponto mais importante do dia será a partir do início da tarde enquanto o sol está a Sul até ao pôr-do-sol que acaba na direção Oeste. No que diz respeito à materialidade, pode-se observar através dos acabamentos da Pousada rural o uso de materiais muito presentes na região como o granito e o xisto. Em suma trata-se de um espaço com algumas peculiaridades a ter em consideração, mas que de fato também o torna muito interessante.

4.4 Objetivos da Intervenção

A presente intervenção tem como principais objetivos inserir uma estância termal junto à pousada rural de maneira a tirar partido dos recursos naturais presentes no local e criar mais uma fonte de interesse não só para o Ecoparque CR, mas também para a região. A intenção é desenvolver este novo conceito de Ecotermas em que são tratadas instalações de menor porte mas que continuam a oferecer diversos equipamentos de cuidados de saúde e bem-estar. Existe também o cuidado quanto a materialidade tentando usar, principalmente, os materiais presentes na região, e quanto as fontes de energia aposta-se nas energias renováveis mais amigas do ambiente. Em suma pretende-se criar uma estância termal para associar as atividades do turismo rural e ecoturismo presente na região ao termalismo e turismo de saúde e bem-estar.

Este elemento irá completar a experiência dos turistas já existentes no parque e torna-se assim num passo na direção certa não só para promover arquitetura sustentável, mas também para a conclusão do projeto que é o Ecoparque Côa Rupestre ao qual pertence.

Capítulo 5 – Memória Descritiva

5.1 Introdução

A presente proposta é, fundamentalmente, o resultado de uma análise prévia às temáticas teóricas relacionadas com a proposta e realizadas no decorrer da dissertação que permitiram introduzir e fortalecer o conhecimento sobre estes temas. Estas análises também incidiram em casos de estudo práticos, como as Termas do Cró e as Termas no Vals, exemplos escolhidos pelas suas características, nuns casos idênticas e noutros muito diferentes, mas que se tornaram muito importantes para o desenvolvimento prático do presente estudo.

É também, sem dúvida, o resultado final das análises realizadas às características da região, sejam elas culturais, geográficas ou históricas, que permitiram entender em que contexto seria ali inserido e qual o seu impacto no local. Estabelecer esta intervenção poderá resultar em mais um ponto de interesse para a região.

Ao longo da elaboração desta proposta existiu uma liberdade quase total no que diz respeito ao seu programa, existindo algumas discussões com o “cliente” em que foram expressas as suas sugestões e preocupações criando assim um dinamismo muito importante no que toca a preparação pessoal para o futuro nesta área de trabalho.

5.2 Conceito

O processo criativo para a intervenção surge, como é suposto, através de esboços, de esquemas e de maquetes de estudo, em que são analisadas todas as características do local, dos fluxos de movimentos dos acessos, do programa funcional e da luz (Fig.5.1 e 5.2). Surgiram ideias que foram posteriormente discutidas com o cliente, com objetivo de definir as decisões com mais-valia para o projeto; a sintonia nas decisões entre os dois partidos foi fundamental para que todo este processo fosse bem-sucedido. Pode-se afirmar que para chegar a uma solução arquitetónica final foram tidas em consideração certos elementos de carácter mais relevante. Inicialmente, foi possível observar que área de intervenção é partilhada com o edificado existente, sendo ele a pousada rural, e foi necessário fazer uma análise profunda do mesmo para conseguir relacionar ambos sem se “ofuscarem” um ao outro; para esse efeito, foram também analisadas as características programáticas e funcionais da pousada rural para facilitar a criação de dinamismos e fluxos de movimentos entre eles.

Em seguida, o elemento geográfico que requer uma análise da região com as suas tendências culturais e arquitetónicas, nas quais se observou o uso de certas matérias-primas características do local e que devem ser consideradas para um possível uso; os aspetos climáticos acabam por se tornar também um aspeto influenciador no caso da materialidade da intervenção; analisando de forma mais específica o lugar da intervenção foram tidas em consideração certas peculiaridades; neste caso existe um muro de contenção a sudeste a suportar a encosta muito próxima do local, o que acaba por afetar não só a vista, mas também o acesso à luz natural durante maior parte do dia; tornou-se necessário manobrar todo o conteúdo programático em redor desta questão de maneira a conseguir criar um espaço agradável com dinanismos entre luz e sombra.

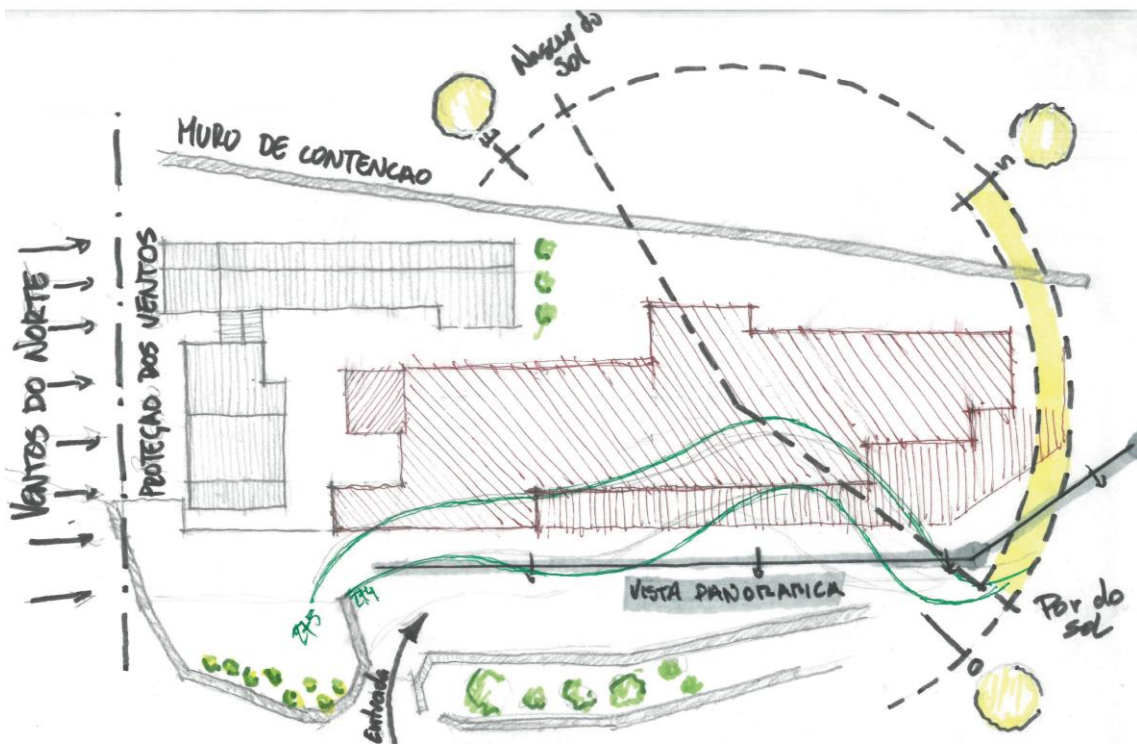


Figura 5.1 Esquisso sobre o estudo do local de intervenção

Finalmente, o estudo da atividade do termalismo através de casos práticos relevantes, tentando importar os seus princípios de funcionamento para um espaço mais reduzido, ou seja, neste caso o termo Ecotermas surge dessa vontade de tentar incorporar os principais elementos de um estabelecimento termal padrão num espaço reduzido, optando assim por maior diversidade nos elementos propostos, mas numa quantia reduzida; objetiva-se assim criar umas infraestruturas exigentes com o maior rigor técnico possível e com um bom nível de modernidade, de modo a tornar o estabelecimento atrativo, para cumprir as necessidades dos utentes da atualidade.

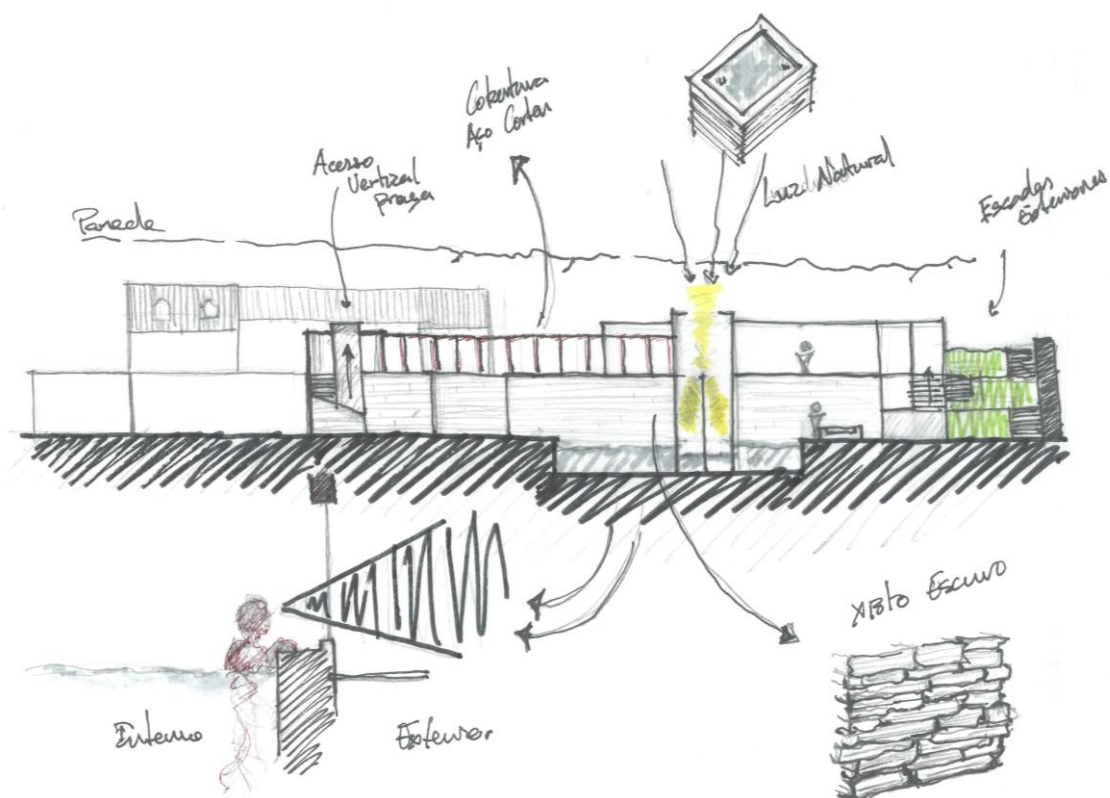


Figura 5.2 Esquisso formal da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

A escolha do xisto escuro como material predominante tanto no exterior como no interior da estrutura acaba por criar espaços e “momentos” de escuridão transmitindo deliberadamente sensações de isolamento, de paz e serenidade durante o percurso no interior; surge então a luz considerada por muitos um dos componentes essenciais da arquitetura; assume nesta estrutura a função importante de criar um contraste entre estes momentos de escuridão com momentos de luz, criando diferentes sensações ao longo das instalações; os vãos são desta maneira pensados como aberturas de sensações para o mundo exterior.

Em suma, pretende-se criar um pequeno “marco” para o local através da sua qualidade de serviço e da sua qualidade arquitetónica, fatores estes cada vez mais importantes para os turistas atuais; quando se afirma “marco” não se assume por isso que seja necessária uma solução arquitetónica vistosa, pelo contrário, neste caso é necessário interferir no terreno mas considera-se mais elegante e correta uma inserção no local causando menos distúrbios possíveis no panorama da localidade. Fazer com que se insira no terreno e que transmita a ideia de que faz parte daquele local.

“Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo” (Zumthor, 2009).

Esta frase de Peter Zumthor consegue transmitir a vontade principal ao enfrentar este projeto.

5.3 Questões formais

O aspeto formal da proposta surge então a partir de todas as análises e estudos mencionados que foram fundamentais para o processo criativo.

A forma inicial (Fig.5.3) surge muito naturalmente tentando acompanhar as curvas de nível que definem o terreno e de estudo do programa através de diagramas; após as análises feitas e tendo em consideração as características e necessidades do local, a forma evoluiu num bloco embutido que acaba por se mesclar com o terreno resultando numa única fachada à vista, fachada esta que por consequência se torna na primeira imagem de marca representando as ecotermas.

Sendo a formalidade importante, as necessidades do local e das construções existentes também requereram uma certa atenção; por exemplo, não existindo propriamente um espaço para receção formal foi tomada a decisão de criar um espaço de receção para a pousada mas também para o novo conjunto proposto. Esta consideração resultou na mudança de cota de soleira de 278.40 para a cota 275.00 ao nível da já existente área de restauração, servindo assim como um espaço central de ligação e distribuição para as ecotermas, para a pousada existente no piso superior e para a área de restauração a norte.

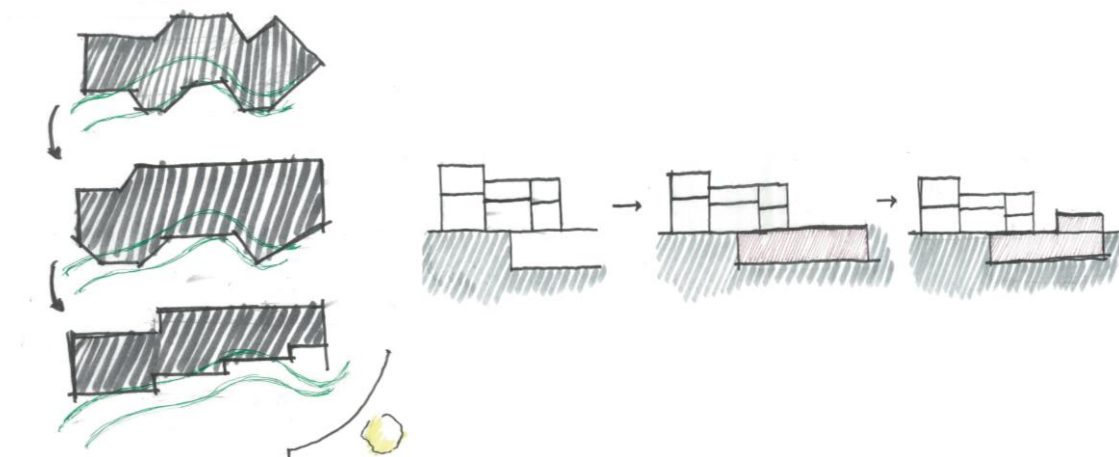


Figura 5.3 Esquissos de estudo da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

Através desta receção é desenvolvido um acesso ao espaço termal através dos vestiários, o espaço termal desenrola-se ao longo da fachada poente dada a sua importância na entrada de luz natural para o espaço; esta área foi teoricamente dividida em dois espaços distintos; a piscina lúdica desenvolvida ao longo dos vãos da fachada remetendo os utentes para uma visão

prolongada na cena panorâmica exterior; em contraste a área de tratamentos desenvolve-se ao longo da fachada enterrada a nascente criando assim espaços mais escuros e reservados resultando num ambiente de paz e relaxação. Foram criados dois blocos independentes organizados de maneira sucinta, remetendo para a experiência criada por Zumthor nas Termas de Vals, neste caso cada um com uma função distinta; estes blocos acabam por definir naturalmente o espaço de circulação. O primeiro bloco com a função de solário está localizado à saída dos vestiários para o espaço termal; deste maneira não dá a conhecer o interior das termas apenas com um olhar por consequência incitando os utentes a movimentarem-se pelo “percurso” para descobrir o interior; o segundo bloco está localizado junto à piscina lúdica numa zona central das ecotermas; funciona como um elemento transcendente do conjunto estendendo-se pelos dois pisos, contribuindo com uma experiência de banhos rupestres num interior inicialmente obscuro onde foi criado um grande vão vertical para o exterior e uma série de vãos menores organizados pelas fachadas laterais criando rasgos de luz levando os utentes numa “viagem” de sensações entre a luz e a escuridão (Fig.5.4).

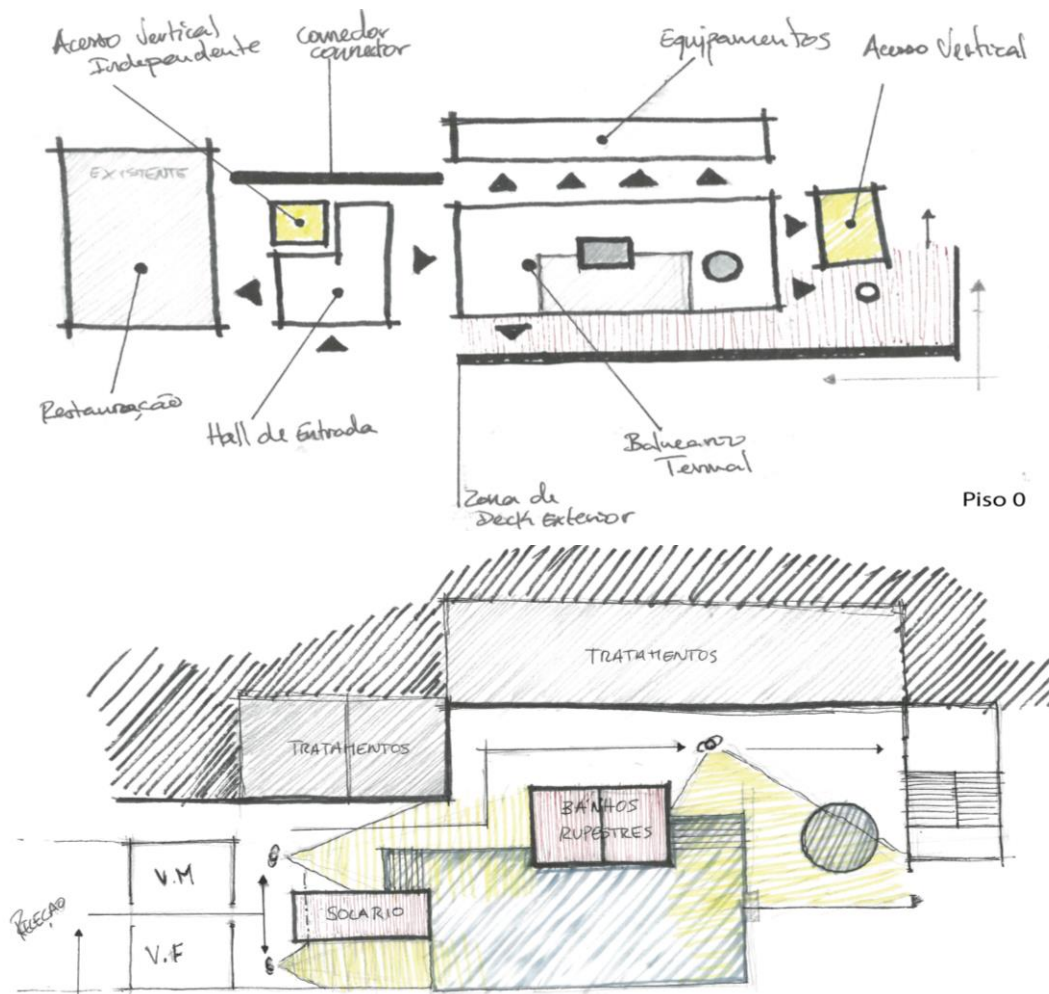


Figura 5.4 Diagrama e esquissos formais da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

O conjunto é conectado entre pisos pelo bloco vertical a sul, assemelhando-se ao formato do bloco de banhos rupestres, formando assim uma “torre” de xisto; onde foram desenvolvidos vãos nas fachadas laterais distribuídos de forma pensada, de modo a estabelecer os vãos na linha do horizonte do utente conjugando assim as diferentes elevações durante o percurso de subida ou descida.

O piso 1 surge da vontade de criar um espaço de apoio para reabilitação física que pudesse funcionar independentemente das ecotermas; assim sendo surge um bloco geométrico retangular simples um pouco recuado no terreno que juntamente com o bloco de acesso verticais tenta simular de maneira modesta a forma em “L” emitida pelas construções da existente pousada, criando assim um equilíbrio no local em termos formais. O acesso a este piso pode ser efetuado pela entrada própria situada na fachada norte ou pelo interior através do bloco de acessos verticais situada na extremidade oposta; o elemento destacável neste piso é o já referido bloco em xisto de banhos rupestres que nasce no piso inferior e atravessa o primeiro piso até a cobertura, revelando assim os vãos laterais dos banhos não só para o exterior mas também para o interior do primeiro piso criando uma dinâmica de luz entre ambos elementos (Fig.5.5).

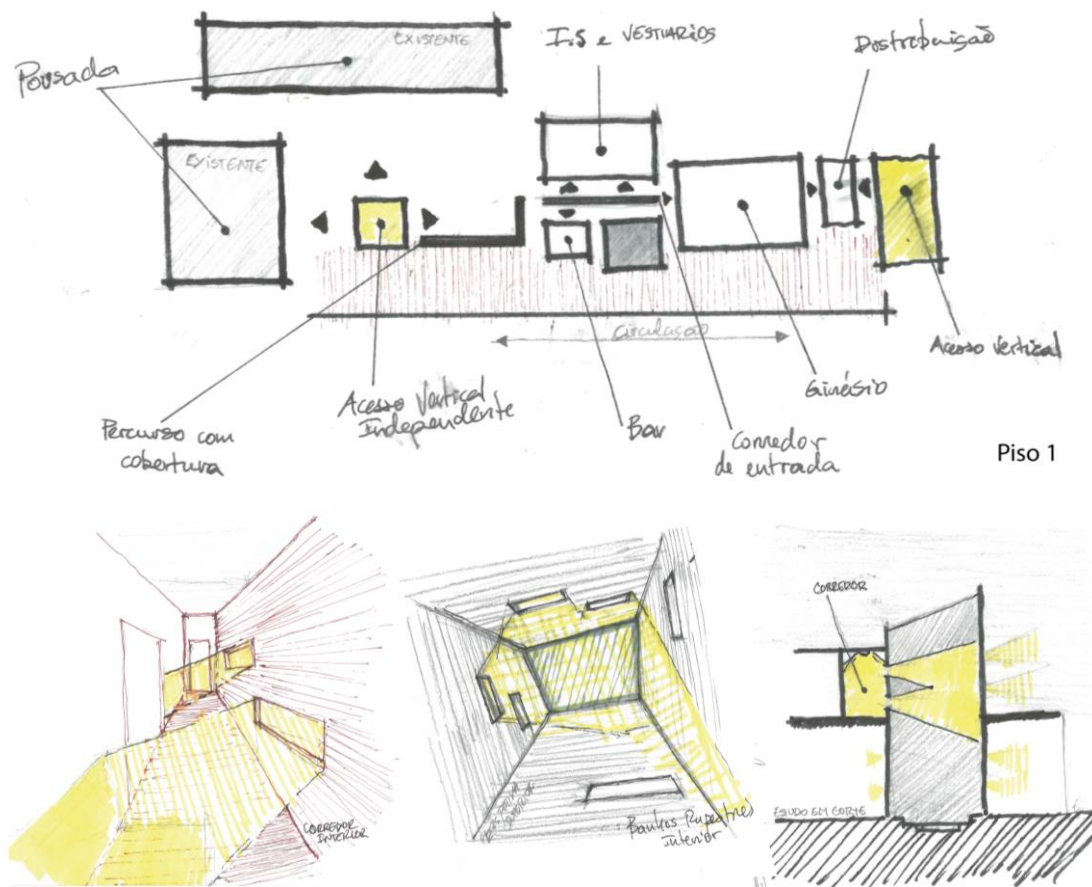


Figura 5.5 Diagrama e esboços formais da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

Finalmente, conectando a pousada rural e o piso de reabilitação física surge o elemento de acessos verticais na zona central do espaço exterior oriundo da recepção; este pequeno bloco retangular que nasce da necessidade de uma ligação entre os distintos elementos do local, liga os blocos através de um percurso exterior protegida com uma cobertura em aço corten definindo um espaço exterior de lazer com alguma zonas verdes. O bloco de acessos verticais (Fig.5.6) contém no seu interior uma estrutura central em xisto com o elevador e é rodeado por fachadas envidraçadas podendo assim tirar mais proveito da vista panorâmica.

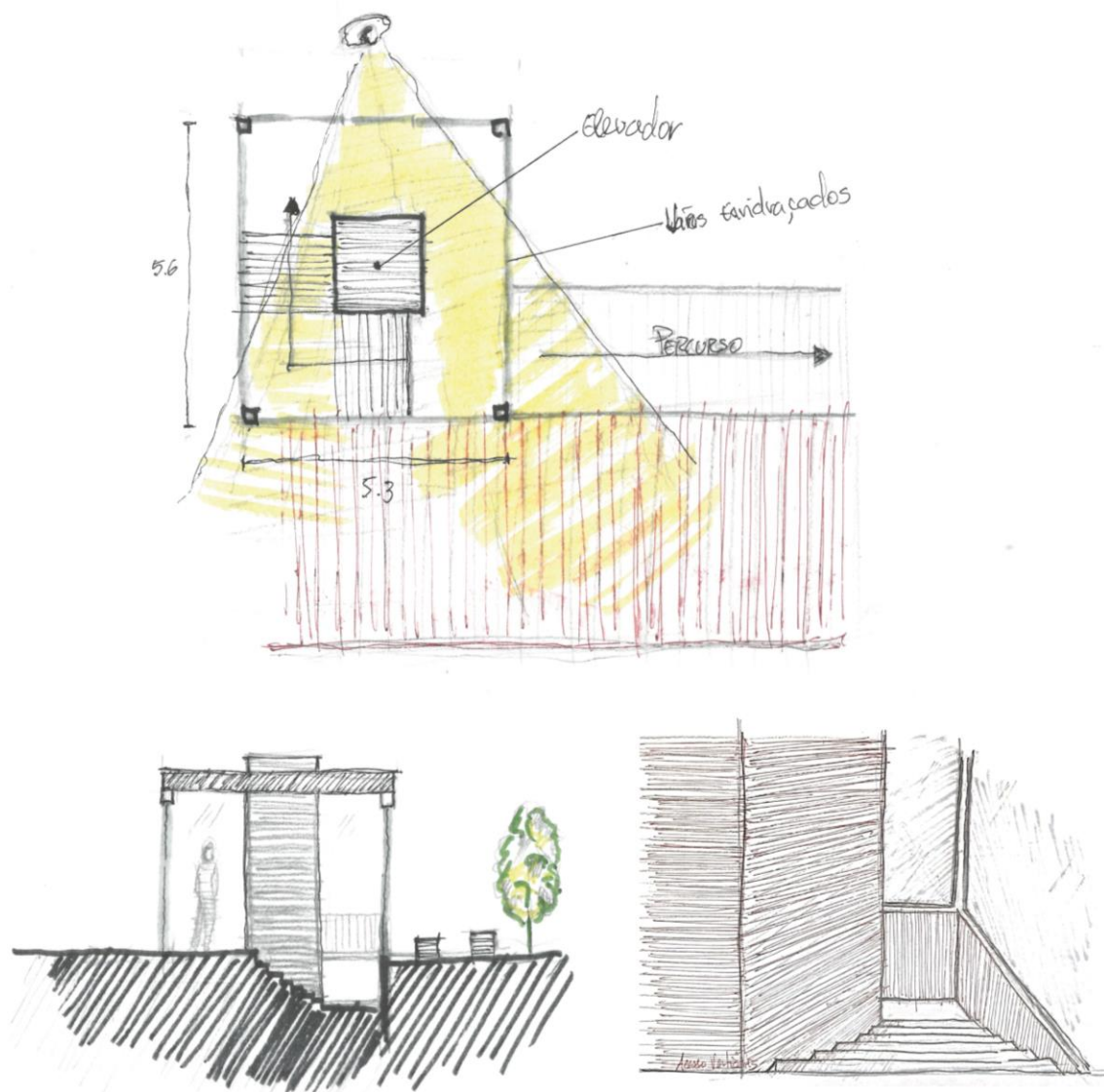


Figura 5.6 Esquissos formais da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

5.4 Programa

5.4.1 Introdução

Apresenta-se uma estância termal “amiga” do ambiente, composta por três pisos, sendo eles, o piso de estacionamento/área técnica, o piso termal e o por fim o piso de reabilitação física; o conjunto enquadra-se numa área de 2566.86 m² (Tabela 2).

Tabela 2. Áreas da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

Quadro de áreas úteis	m²
Piso 1	628.01
Piso 0	1037.22
Piso -1	1179.08
Total	2844.31
Área do lote (livre)	~1400.00

O programa foi dividido em três partes, a zona técnica, as termas e um espaço de reabilitação, cada uma organizada no seu respetivo piso de maneira a proporcionar um funcionamento independente, se necessário.

5.4.2 Piso -1

O piso -1 (Fig.5.7), trata-se de um bloco completamente enterrado onde está situada a área técnica, ou seja, todos os equipamentos, depósitos e tanques de água necessários para o bom funcionamento dos espaços aqualúdicos no piso superior; pode-se também encontrar instalações sanitárias de apoio aos trabalhadores e dois espaços de arrumos. Foi também criado um bloco de elevador que facilita o transporte de técnicos ou equipamentos entre os três pisos.

Finalmente foi associado a este piso um pequeno parque de estacionamento com nove lugares para uso de pessoal técnico ou utentes que pretendam permanecer durante uma estadia mais longa; este bloco torna-se acessível através de uma entrada independente criada e situada cerca de vinte metros antes da entrada principal para as Ecotermas, pela qual se passa sob o caminho público (sem o alterar) que atravessa o terreno na direção Sudoeste-Nordeste.

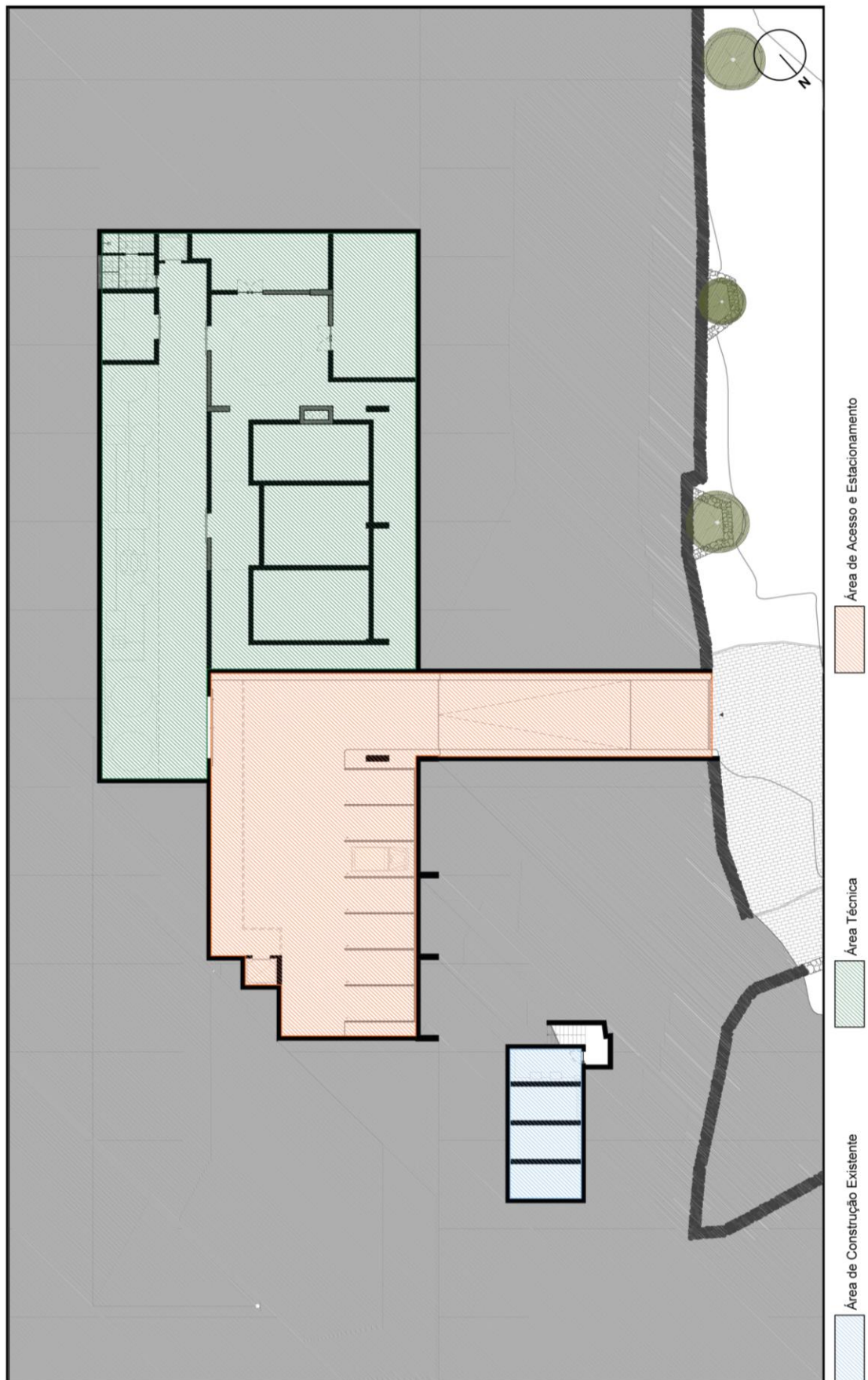


Figura 5.7 Esquema programático do piso -1 da estação termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

5.4.3 Piso 0

O piso 0 (Fig.5.8 e 5.9), semienterrado, conjuga-se com a construção existente, criando um novo espaço central de receção e distribuição tanto para as termas como para a pousada rural; o espaço de receção torna-se no elemento de ligação entre o espaço de restauração (já existente) e o espaço termal; foi também criado um corredor direto privado nas costas da receção para os utentes da estância.

Foi estabelecido um bloco de acesso vertical na área da receção, de modo a facilitar a circulação de utentes com mobilidade reduzida entre pisos; este bloco de acesso vertical permite a ligação entre a área de receção e o terraço no piso superior, tornando-o num elemento central de distribuição entre as três edificações presentes, duas da pousada rural e uma do piso superior das termas. Ainda na receção encontra-se uma área de tratamentos ORL, um gabinete médico, uma enfermaria, instalações sanitárias de serviço, escritórios de apoio a receção e por fim os balneários, através dos quais é feito o acesso ao espaço termal.

O espaço termal é caracterizado pela materialidade do xisto escuro exposto nas paredes e as grandes cortinas de vidro ao longo da fachada que permitem a entrada de luz natural criando um contraste entre o interior e o exterior; no espaço interior pode-se também encontrar uma piscina com vertente terapêutica ou lúdica; junto a esta, associam-se cortinas de vidro, permitindo observar o exterior durante o uso da piscina, e junto à piscina um *jacuzzi* com capacidade para cerca de seis pessoas. Foram criados blocos privados junto à fachada enterrada onde estão situados equipamentos para tratamentos de duche Vichy, de hidromassagem, de vapores à coluna e de vapores a membros inferiores e superiores; pode-se ainda contar com uma sauna, uma cabine de gelo, uma sala de banho turco e um solário; foi criado um bloco central dividido em dois espaços com as mesma função; este bloco prolonga-se através do segundo piso até a cobertura onde se podem apreciar banhos com aromas rupestres com a presença de uma luz zenital. Foi estabelecido na extremidade sul um bloco de acesso vertical privado para os utentes poderem circular entre o espaço de reabilitação física e as termas; é também possível aceder a um deque exterior com zonas de descanso e uma piscina de lama.

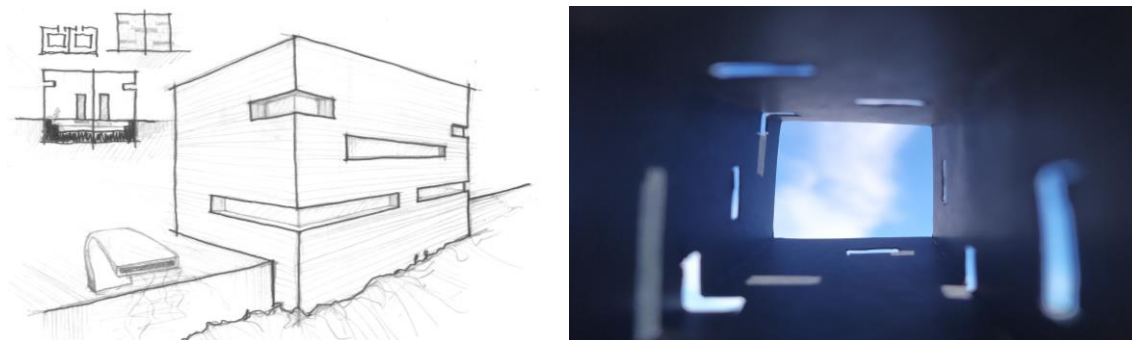


Figura 5.8 Esquisto e foto de estudo dos banhos rupestres da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecomarque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

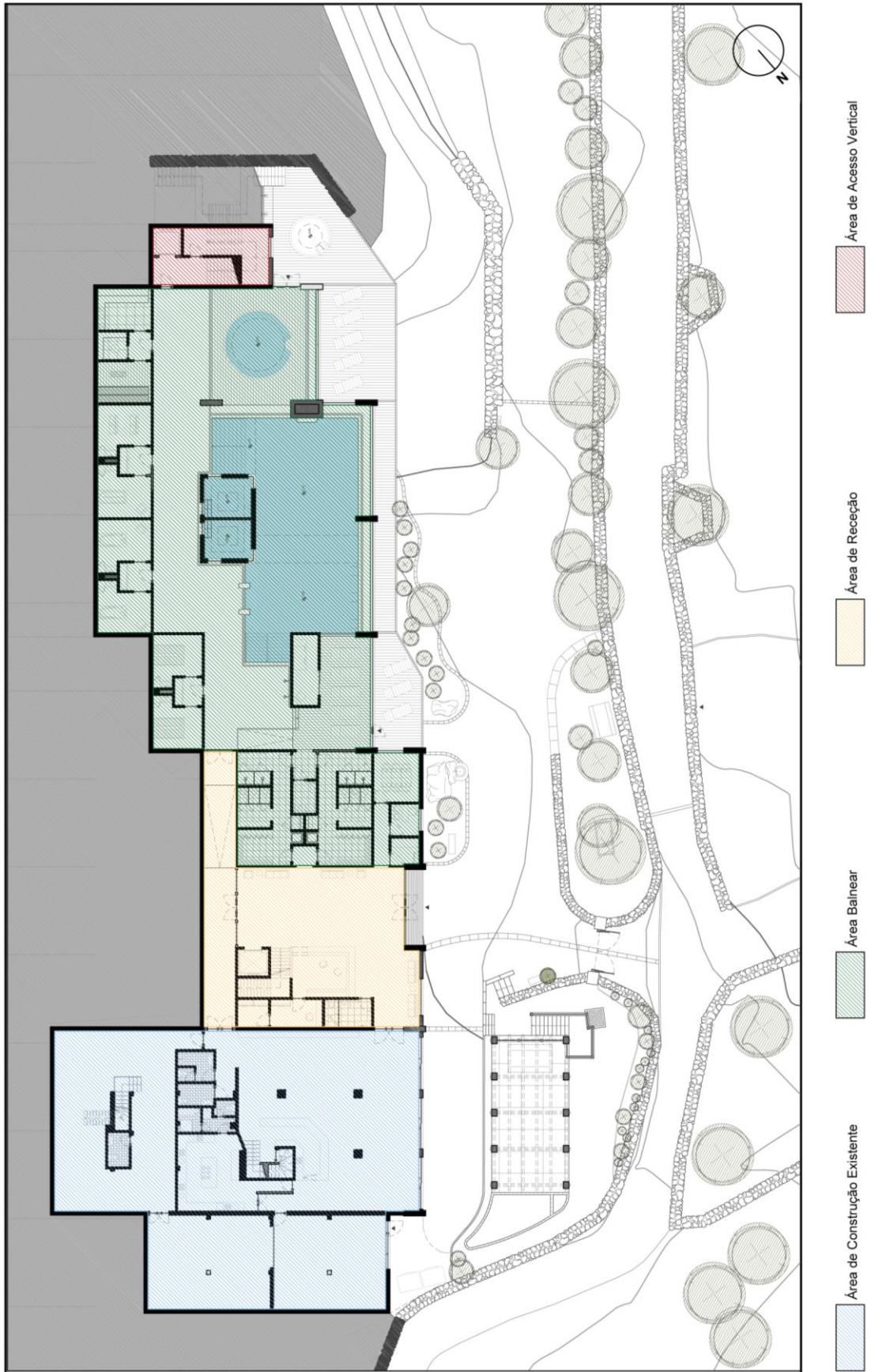


Figura 5.9 Esquema programático do piso 0 da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Ruprestre no Graben de Longroiva

5.4.4 Piso 1 e cobertura

O piso 1 (Fig.5.10 e 5.11) é articulado entre duas construções novas ligadas por uma cobertura em aço Corten demonstrando o trajeto mais curto entre os dois conjuntos. O bloco de acesso vertical liga a receção no piso inferior ao terraço exterior neste piso, onde foram criados espaços de circulação entre as construções e espaços de descanso e lazer.

O segundo bloco é conectado ao piso inferior através de um bloco de acesso vertical privado; foi tomada a decisão de o situar num espaço recuado do terreno com intuito de interferir o menos possível com o terreno e a paisagem; esta ideia continua a promover a vista privilegiada da pousada rural e facilita assim a entrada de luz natural nestas construções.

O programa deste bloco torna-se assim muito reduzido; foi estabelecido um ginásio, espaço com maior área do bloco devido a sua importância para a reabilitação física, acompanhado também de uns balneários de apoio, umas instalações sanitárias independentes que podem ser utilizadas pelos utentes que frequentam não só o ginásio mas todo o espaço. Foi criado um pequeno bar de apoio que se estende para o exterior através de uma pequena esplanada e zona de descanso e lazer, que tem a característica versátil de poder ser utilizada para atividades ao ar livre; este espaço exterior junto ao bloco é beneficiado pela vista privilegiada da região e do pôr-do-sol a Oeste.

Por último, foi desenvolvida uma área de deque com bancos e zonas verdes entre a pousada rural e as termas, tentando transformar o espaço existente que era meramente de passagem num espaço de qualidade para a fruição dos visitantes (Fig.5.12).

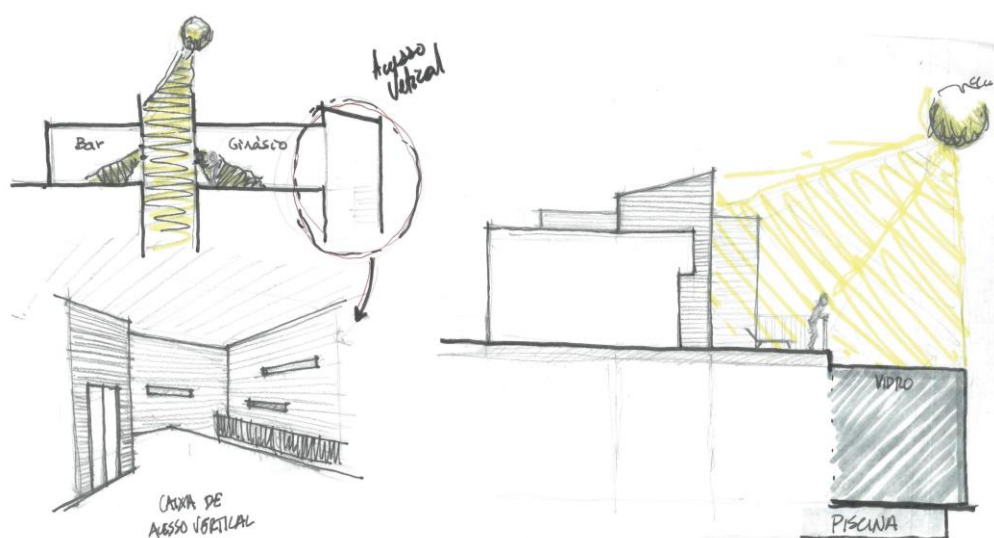


Figura 5.10 Esquissos formais da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

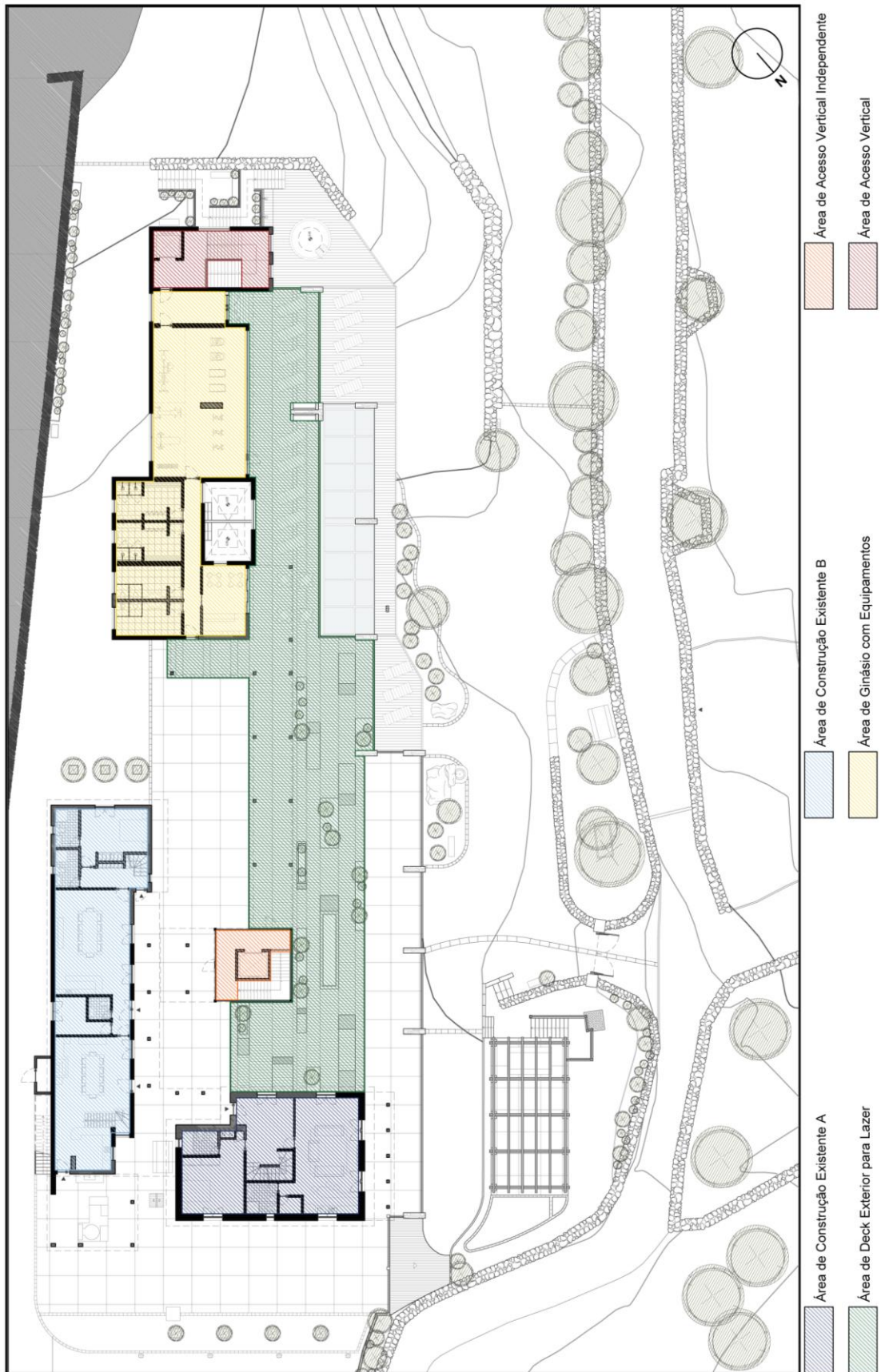


Figura 5.11 Esquema programático do piso 1 da estação termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Eco parque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

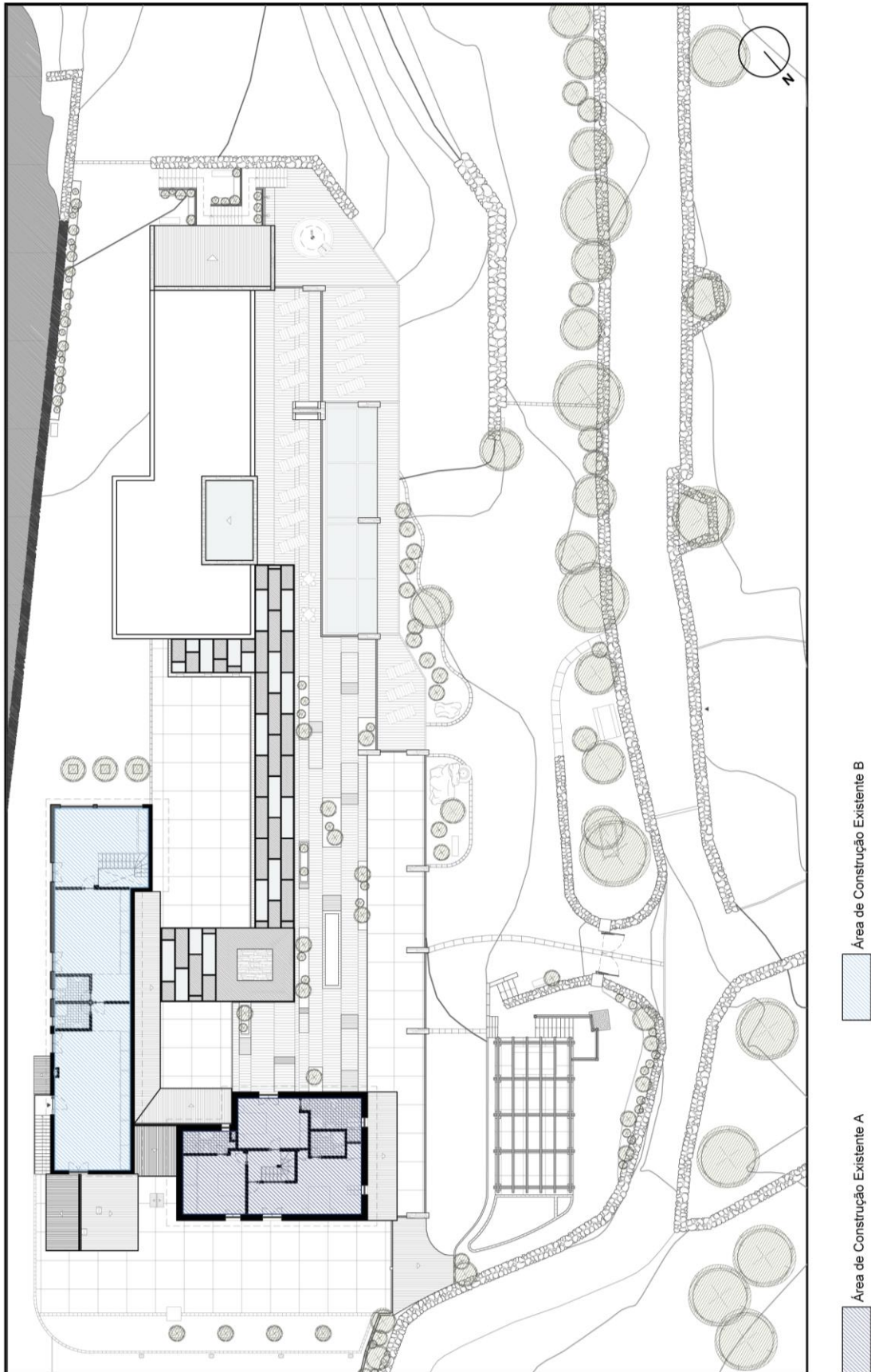


Figura 5.12 Planta de cobertura da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Eco parque Côa Rupestre no Graben de Longroiva

5.5 Materialidade

Durante a conceção da proposta foi sempre tido em consideração a materialidade do edifício, tendo como principal premissa os materiais locais, mais especificamente com foco no xisto escuro e castanho. Foi também considerada a pousada rural existente quase inteiramente revestida com xisto em tons acastanhados; deste modo foi adotada a estratégia de continuar com essa aplicação também na proposta promovendo um diálogo de continuidade entre eles; assim sendo foi também necessário um certo cuidado para não sobrecarregar o local de intervenção com o mesmo material e tonalidade resultando numa sensação de monotonia. Consequentemente optou-se pelo uso de xisto com tonalidades escuras na fachada exterior e no interior das ecotermas resultando num conjunto que absorve e mantém facilmente o calor, criando também um ambiente interior escuro que proporciona momentos de silêncio e serenidade mas que no fundo, em contraste, combina facilmente com exposições de luz criando momentos de clareza na escuridão.

Os pavimentos e o teto no espaço termal foram também eles tratados com xisto escuro, à semelhança das fachadas, e no caso do teto foi-lhe também associado um tipo de iluminação artificial intervalado em “rasgos” com cerca de um metro e meio (Fig.5.13), sempre dispostos ao longo das paredes longitudinais, a não ser nos espaços de acessos verticais onde foram dispostos de maneira centrada iluminando inteiramente as escadarias. Com inspiração nas Termas de Vals de Peter Zumthor, optou-se por usar o bronze em elementos secundários como os corrimãos, perfis, maçanetas e algumas peças sanitárias; esta escolha deve-se; por um lado à vertente estética deste metal que irá combinar com os xistos escuro dos espaços interiores criando um contraste de tonalidades, por outro lado, a escolha deve-se também as suas características de resistência à corrosão e à sua grande capacidade de acabamento, sendo o bronze um metal muito fácil de polir.

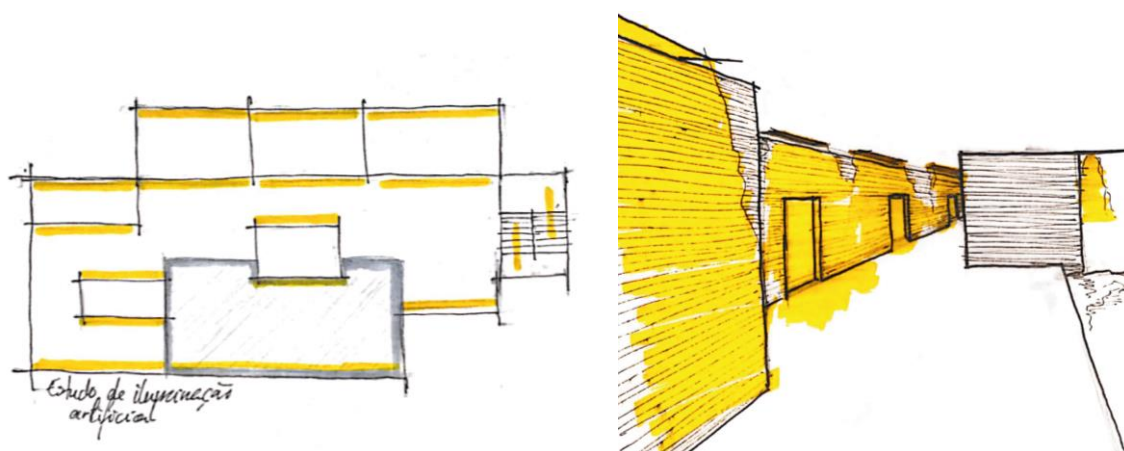


Figura 5.13 Esquissos de estudo de luz artificial, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

Seguindo para o piso superior, a escolha do material exterior recai numa expressão de um compósito produzido por betão e pigmentos de xisto acastanhado, encontrados localmente, remetendo para as construções existentes (pousada rural) resultando numa massa híbrida com textura e consequentemente continuando com a cromática do local. No fundo com esta escolha pretende-se uma inserção delicada no local evitando perturbar a continuidade cromática da paisagem envolvente e, ao mesmo tempo, criar um equilíbrio de tonalidades entre o existente e a proposta (Fig.5.14 e 5.15).

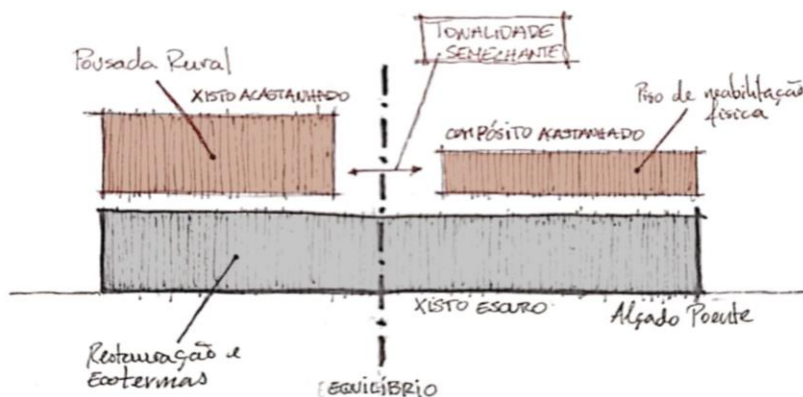


Figura 5.14 Esquema de estudo dos materiais, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

Relativamente ao exterior é importante salientar que devido a sua implantação na beira interior norte, as condições climáticas associadas à região são propícias a temperaturas frias e muitas vezes acompanhadas de geadas, em contraste nas épocas quentes são atingidas temperaturas muito quentes que contribuem para a deterioração dos materiais expostos. Assim sendo, o material selecionado na conceção da cobertura exterior recai no aço Corten devido às suas características vantajosas, tal como a sua alta resistência à corrosão tornando-o três vezes mais durável que o aço comum, a sua sustentabilidade sendo ele 100% reciclável, a sua leveza e a sua particularidade estética diferenciada que contrasta com os materiais escolhido para o conjunto.

Por último, foi estabelecida uma área exterior transitável de deque em ladrilho de cerâmica Margres que se prolonga pelos bancos exteriores imitando desta maneira a madeira, mas obtendo um resultado final mais resistente às condições climáticas referidas anteriormente.

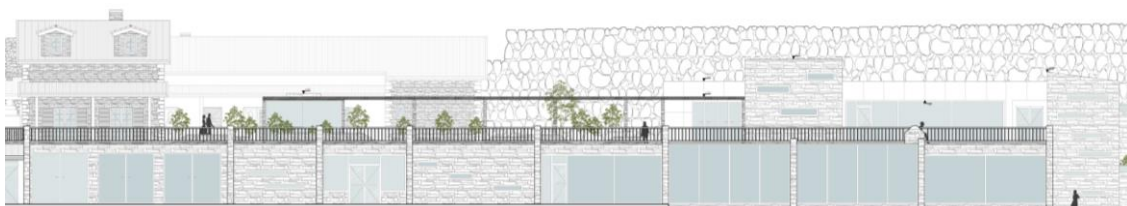


Figura 5.15 Alçado poente da estância termal, Ecotermas Rurais, em proposta para o Ecoparque Côa Rupestre no Graben da Longroiva

Capítulo 6 - Conclusões

O estudo de elementos como o turismo de saúde e bem-estar e o termalismo permitiu entender muitas das dinâmicas e intrínsecas relações que partilham, e de que maneira poderia possibilitar a criação de novas dinâmicas com outro tipo de atividades; neste caso pretendia-se promover o turismo numa zona rural que tem muito para oferecer, tendo sempre como objetivo a preservação e regeneração da região.

Foi feito um estudo de todo o projeto do Ecoparque para melhor entender qual seria a função destas Ecotermas e de que maneira poderia causar um impacto positivo na região; face a estas preocupações foi proposto um estudo prévio deste novo conceito tanto para o termalismo como para o turismo; a verdade é que Portugal é um país com uma beleza singular com muita história e muita desta história permanece desconhecida para muita gente. Estas Ecotermas têm como objetivo criar uma nova experiência com qualidade num lugar que tem muito para dar; a ideia é esta nova experiência promover um interesse nos utentes que desconhecem a região e desta maneira dar a conhecer todos os aspetos geográficos, culturais e históricos que tornam esta região tão única.

Assim, aproveitando os recursos endógenos do local, desde a nova dinâmica turística associada aos dois patrimónios mundiais onde se insere (Douro Vinhateiro e Gravuras Rupestres), à ocorrência de água termal no local (água sulfúrea já revelada), à proximidade do Parque Arqueológico do Vale do Côa, aos elementos arqueológicos já descobertos no local, às “lamas naturais” ocorrentes mesmo na área de implantação do balneário (arcoses argilo-siltosas resultantes de um antigo mar), à estrutura geológica do Graben de Longroiva, que além da sua potencial musealização no futuro, permite espetaculares vistas paisagísticas para os vinhedos, carrascos e outros envolventes, e por fim, a proximidade dos principais materiais de construção já usados na pousada rural e a usar na estância termal, que são os xistos cinzentos e castanhos das Pedreiras do Poio, que constituem a mesma unidade geológica dos xistos das gravuras rupestres, permitiram, num todo avançar com a presente proposta, que se pretende ser uma Estancia Termal, pequena, discreta na paisagem, e para uma clientela sem ser de massas.

Este estudo prévio torna-se assim num passo na direção certa para a conclusão do projeto do Ecoparque que visa promover todos os elementos da região; espera-se que no futuro se venha a realizar, pois dadas todas as qualidades da região, certamente se tornaria num lugar com muito interesse. Concluindo, a realização da presente dissertação possibilitou o entendimento de temáticas que me eram desconhecidas e pelas quais ganhei um grande interesse, permitiu também o aprofundamento das minhas capacidades de análise e de estudo, aperfeiçoando também as estratégias no processo do “*design*” e na representação do desenho técnico.

Referências Bibliográficas

Abreu, M. (2008), “Concepção/construção do Balneário Termal das Termas do Cró”, memória descritiva de arquitectura e arranjos exteriores, Porto

Abreu, M. (2008), Projeto Termas do Cró *in* Archello, <https://archello.com/pt/project/balneario-termal-do-cro-2>, consultado em 02.01.2019

Acciaiuoli, L. (1944), Águas de Portugal, minerais e de mesa. História e bibliografia (6 vols.). Lisboa, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Acciaiuoli, L. (1952), Le Portugal hydromineral, vol.I. Lisboa, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Aldeias Históricas de Portugal (2020), Figueira de Castelo Rodrigo, <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/aldeia/castelo-rodrigo/>, consultado em 13.05.2020

Alexandre, C. (2003), “Estudo Historiográfico das Termas do Cró”, Sabugal.

Alpoim, M. (2010), Análise à procura termal. Universidade de Aveiro, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia.

Andarilho (2018), Blogue de Viagem, <https://andarilho.pt/2018/04/25/o-e-t-foi-as-termas-de-cro/>, consultado em 30.09.2019

Antunes, A.P. M. (2012), O Ecoturismo como Valorização do Território-Contributos para o Aumento da Oferta Turística Existente na Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Faculdade de Ciências sociais e Humanas. Lisboa, 2012, 140 p.

Archdaily (2020), Pavilhão Philips Expo 58, <https://www.archdaily.com.br/br/01-110968/classicos-da-arquitetura-pavilhao-philips-expo-58-slash-le-corbusier-e-iannis-xenakis>, consultado em 08.04.2020

Arquiscopio (2012), Arquivos de projetos de arquitetura, <https://arquiscopio.com/archivo/2012/12/05/termas-de-vals-en-grisomes/?lang=pt>, consultado em 06.05.2020

Arts Initiative of Mentors & Protégées (2015), Blogue sobre as Artes, <https://medium.com/mentor-prot%C3%A9g%C3%A9/sounds-smells-and-textures-make-great-architecture-477f07a48b6c>, consultado em 35.03.2020

Atlas of places (2019), Projeto do *atelier* de Peter Zumthor, <https://www.atlasofplaces.com/architecture/neues-atelier/#figure-11>, consultado em 19.03.2020

ATNatureza (2020), Galeria de Imagens

<https://www.atnatureza.org/pt/atn/imagens/atnatureza>, consultado em 24.06.2020

Britannica (2020), Enciclopédia Britannica <https://www.britannica.com/biography/Peter-Zumthor>, consultado em 24.06.2020

Castro, S. e Souto, W. (2010), Ecoturismo: Noções Básicas, Ministério do Turismo, 2^a Edição.

CIMBSE (2020), Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela, <https://cimbse.pt/>

CMS (2008), Projeto Global do Cró *in* Diário da República Eletrónico, <https://dre.pt/home/-/dre/107514722/details/maximized>, consultado em 10.10.2019

Côa Parque (2019), Site informativo sobre a região do Côa, <https://arte-coa.pt/a-regiao-2/>, consultado em 05.02.2020. <https://arte-coa.pt/visitas/quinta-de-ervamoira/>, consultado em 13.06.2020

Douro Valley (2020), Venha descobrir o Douro,

http://www.dourovalley.com/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=79565, consultado em 26.03.2020

Cunha, L. (2006), Turismo de Saúde – conceitos e mercados. Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Estudos E Ensaios.

CR (2015), Projeto Eco parque Côa Rupestre, Memória Descritiva (Relatório Inédito). Côa Rupestre, Agroturismo e Ambiente, Lda., (s/n) p.

Dammagazine (2013), Revista eletrónica, Entrevista a Peter Zumthor,

<https://www.dammagazine.net/2013/01/01/sense-of-place/>, consultado em 21.03.2020

DGEG (2020), Direção Geral de Energia e Geologia, Exploração de Águas Minerais Naturais, <http://www.dgeg.gov.pt/default.aspx?cn=63637867786878717872AAAA>, consultado em 11.01.2020

DGPC (2019), Direção-Geral do Património Cultural, Património classificado ou em vias de classificação, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69845>, consultado em 23.08.2019.

DGPC (2020), Direção-Geral do Património Cultural, Museus e Monumentos

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-da-casa-grande/>, consultado em 06.06.2020

Dias, S. (2019), Escapada Rural, *in* Blogue, <https://www.escapadarural.pt/blog/vizela-romana-termal-e-deliciosamente-gastronomica>, consultado em 05.03.2020

- Dinis**, S. M. (2005), O Ecoturismo: um instrumento para o desenvolvimento sustentável. Universidade técnica de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão, 117 p.
- DRCN** (2020), Direção Regional de Cultura do Norte, Património a norte, Igrejas <https://culturanorte.gov.pt/pt/patrimonio/igreja-matriz-de-vila-nova-de-foz-coa>, consultado em 17.06.2020
- Drumm**, A. e **Moore**, A. (2002), Ecotourism Development – A Manual Series for Conservation Planners and Managers, Volume 1, The Nature Conservancy, Arlington, Virginia, USA. p.23
- Drumm**, A., **Moore**, A., **Soles**, A., **Patterson**, C. e **Terborgh**, J., (2004), The Business of Ecotourism Development and Management, Volume II, The Nature Conservancy, Arlington, Virginia, USA.
- Fernandes**, J.V. (2006), Thalassa, Thermae SPA – Salute per Aqua, Plátano Editora.
- Ferreira**, C. (1995), “Estilos de vida, práticas e representações sociais dos termalistas. O caso das Termas da Curia”, Revista Crítica de Ciências Sociais, N.º 43.
- Flickr** (2017), Partilha de fotografias, https://www.flickr.com/photos/de_ijssel/35792426624, https://www.flickr.com/photos/guia_arquitectura/3429661793, consultado em 17.04.2020
- Gazeta das Caldas** (1933), Arquivo digital de postais ilustrados, <http://ww3.aeye.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CaldasRainha3/403Caldas.jpg>, consultado em 20.04.2020
- Gonçalves**, J. (2009), Peter Zumthor – Um estado de graça entre a tectónica e a poesia, Prova de Licenciatura em Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra
- Google Earth** (2020), <https://www.google.com/earth/>, consultado em 17.11.2019
- Google Sites** (2020), Face Oculta de Portugal, <https://sites.google.com/site/faceocultadeportugal/centro/termas-do-cro>, consultado em 27.09.2019
- IPMA** (2020a), Instituto Português do Mar e da Atmosfera, Publicações, <http://www.ipma.pt/pt/publicacoes>, consultado em 26.06.2020
- IPMA** (2020b), Instituto Português do Mar e da Atmosfera, O Clima e Monitorização, <https://www.ipma.pt/pt/oclima/monitorizacao/>, consultado em 26.06.2020
- Júlio** (2010), Blogue “Meu Vidago”, http://vidagoimagens.blogspot.com/2010/07/vidago-palace-hotel-1910-2010_21.html, consultado em 07.04.2020

Mangorrinha, J. e Pinto, H. (2009), “O desenho das termas- História da arquitetura termal portuguesa”.

Manso, A. e Manso, F. (2008), As Termas do Cró, Praça Velha, Guarda, 23, p.85-97

Mariz, S. (2015) Estâncias Termas e Contemporâneas – Os casos de Vidago e Pedras Salgadas, Tese de Mestrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

Martins, A (2012). Estudo de condicionantes e reabilitação do Parque termal do Cró. Tese de Mestrado em Arquitectura. Universidade da Beira Interior.

Medeiros, C. e Cavaco, C., (2008), Turismo de saúde e bem-estar – Termas, Spas termas, e Talassoterapia. Universidade Católica Portuguesa, CEPCEP Editora, Lisboa.

Município da Mêda (2020), Concelho, <https://cm-meda.pt/concelho/>

Neves, F. (2002), O Turismo termal no Norte de Portugal. Vidago e Pedras Salgadas: o desenvolvimento de duas estâncias termas, tese de mestrado, Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Olhares (2008), Fotografias Online, <https://olhares.com/longroiva-foto1899934.html>, consultado em 30.20.2020

Oliveira, A. C. L; Matheus, F. S; Santos, R. P. e Bressan T. V. (2010), Ecoturismo, Cadernos de Educação Ambiental. Governo do Estado de São Paulo, secretaria do meio ambiente. Fundação Florestal.

Pires, C. (2016), Eco-Parque Côa Rupestre – Coletividade turística autossustentável, Dissertação de mestrado em Arquitetura, Universidade da Beira Interior.

Portal de Portugal (2018), Aldeia histórica de Marialva, <https://portaldeportugal.com/aldeia-historica-marialva/>, consultado em 24.04.2020

Quintela, Joana (2008), Turismo de Saúde e Bem-estar – Impacto da Qualidade de Serviço na Satisfação dos Utilizadores. Tese de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, Universidade de Aveiro.

Raia Histórica (2020), Cidade da Mêda, <https://raiahistorica.org/raia-historica/zona-de-intervencao/meda/>, consultado em 13.12.2019

Ramos, A. (2005), O Termalismo em Portugal: Dos fatores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Universidade de Aveiro

Região de Leiria (2020), Jornal Regional Online, https://www.regiaodeleiria.pt/2018/10/tribunal-trava-camara-de-entregar-hospital-termal-das-caldas-da-rainha-ao-montepio/hospital_termal_1/, consultado em 23.04.2020

Ribeiro, A. *In IPV* (2018), Por terras do Douro Sul – alguns aspetos da sua riqueza patrimonial, https://www.ipv.pt/millennium/Millennium22/22_1.htm, consultado em 23.04.2020

SIC (2017), Artigo com vista área pelo douro, <https://sicnoticias.pt/programas/visao-de-portugal/2017-08-24-Uma-viagem-aerea-pelas-vinhas-do-Douro>, consultado em 20.11.2019

Silva, S. (2010), Turismo de Saúde e Bem-Estar: Uma Estratégia de Desenvolvimento para a Região Centro de Portugal. Universidade de Coimbra.

SIPA (2011), Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294, consultado em 23.08.2019.

TagesWoch (2012), Jornal Suíço digital, <https://tageswoche.ch/allgemein/vals-will-therme-weiterhin-an-zumthor-verkaufen/>, consultado em 09.05.2020

The International Ecotourism Society (TIES) (1991), <http://www.ecotourism.org/tiesoverview>, consultado em 22.11.2019

The Guardian (2011), Jornal Inglês, <https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2011/jun/19/architecture-serpentine-pavilion?intemp=239>, consultado em 14.04.2020

Thermespa (2020), Spa Resorts and Hotels, <https://thermespa.com/resorts/item/83-portugal/182-termas-de-vizela>, consultado em 16.08.2020

Turismo de Portugal (2006), Saúde e bem-estar: 10 Produtos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal. Lisboa.

Vidago Palace (2020), Galeria de imagens, <https://www.vidagopalace.com/pt/galeria/hotel/>, consultado em 17.03.2020

Wikiarquitectura (2020), Pavilhão Swiss Sound Expo 2000, <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/pavilhao-swiss-sound/#>, consultado em 10.04.2020

Wikipédia (2011 a), Enciclopédia livre, Termas do Cró, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Termas-do-cro2.jpg>, consultado em 15.04.2020

Wikipédia (2011 b), Enciclopédia livre, Mapa de Portugal - Distritos https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_de_Portugal_-_Distritos_plain.png, consultado em 17.06.2020

Wood, M. (2002), Ecotourism: Principles, Practices & Policies for Sustainability, The International Ecotourism Society, p.10

Zumthor, P. (1999), Works Buildings and Projects 1979-1997, Baden.

Zumthor, P. (2006), Atmosferas, Entornos arquitetónicos: as coisas que nos rodeiam. Editorial Gustavo Gili, SL. 1ª Edição.

Zumthor, P. (2007), Therme Vals, Verlag Scheidegger Sr Spiess AG, Zurich

Zumthor, P. (2009), Pensar a arquitetura. Editorial Gustavo Gili, SL.

Zumthor, P. (2009), Peter Zumthor Works. Lars Müller Publishers.

Anexos

Peças desenhadas do projeto

Projeto

Peças Desenhadas

LA = Levantamento Arquitetónico | **VA** = Vermelhos e Amarelos | **EP** = Estudo Prévio de Arquitetura

01 - ARQ_LA - Plano de Localização	1'500
02 - ARQ_LA - Planta de Coberturas	1'100
03 - ARQ_LA - Planta de Piso 1	1'100
04 - ARQ_LA - Planta de Piso 0	1'100
05 - ARQ_LA - Planta de Piso -1	1'100
06 - ARQ_LA - Alçados, Poente e Nascente	1'100
07 - ARQ_LA - Alçados, Norte e Sul	1'100
08 - ARQ_LA - Cortes, Longitudinal 01 e 02	1'100
09 - ARQ_LA - Cortes, Transversal 01 e 02	1'100
10 - ARQ_VA - Planta de Coberturas	1'100
11 - ARQ_VA - Planta de Piso 1	1'100
12 - ARQ_VA - Planta de Piso 0	1'100
13 - ARQ_VA - Alçado Poente	1'100
14 - ARQ_EP - Planta de Localização	1'500
15 - ARQ_EP - Planta de Coberturas	1'100
16 - ARQ_EP - Planta de Piso 2	1'100
17 - ARQ_EP - Planta de Piso 1	1'100
18 - ARQ_EP - Planta de Piso 0	1'100
19 - ARQ_EP - Planta de Piso -1	1'100
20 - ARQ_EP - Alçados, Poente e Nascente	1'100
21 - ARQ_EP - Alçados, Norte e Sul	1'100
22 - ARQ_EP - Cortes, Longitudinal 01 e 02	1'100
23 - ARQ_EP - Cortes, Transversal 01 e 02	1'100